

**LETÍCIA MARIA PAES**

**MARIA: UMA DISCUSSÃO SOBRE A APRENDIZAGEM  
EXISTENCIAL**

UNIFIEO – CENTRO UNIVERSITÁRIO FIEO

OSASCO, 2008.

**LETÍCIA MARIA PAES**

**MARIA: UMA DISCUSSÃO SOBRE A APRENDIZAGEM  
EXISTENCIAL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Centro Universitário FIEO - UNIFIEO, para obtenção do título de Mestre em Psicologia Educacional, tendo como área de concentração “Ensino/Aprendizagem” inserido na linha de pesquisa Ensino/Aprendizagem e contexto social e político sob a orientação da **Profª Dra Maria Elisa de Mattos Pires Ferreira.**

UNIFIEO – CENTRO UNIVERSITÁRIO FIEO

OSASCO, 2008.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Letícia Maria Paes

Título da dissertação - Maria: uma discussão sobre aprendizagem existencial

UNIFIEO Centro Universitário FIEO – data da aprovação – 06/03/2008

---

Profª Dra. Maria Elisa de Mattos Pires Ferreira (Orientadora)

---

Profª Dra. Suzana A Rocha Medeiros (PUCSP)

---

Profº Dr. João Clemente de Souza Neto (UNIFIEO)

## RESUMO

Maria: uma discussão sobre a aprendizagem existencial

Letícia Maria Paes

Professora Orientadora: Maria Elisa de Mattos Pires Ferreira

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Educacional, do UNIFIEO (Centro Universitário FIEO), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicologia Educacional.

Essa dissertação é um estudo fenomenológico-existencial a partir da história de vida de Maria<sup>1</sup>, uma mulher de 75 anos de idade. A pesquisa procurou compreender a partir de sua história as categorias projeto de vida, sentido da vida e aprendizagem como processo auto-organizativo. Durante o texto foi proposto um diálogo entre Maria e os autores que tratam dos temas abordados, procurando proporcionar uma relação entre sua aprendizagem existencial e as categorias supracitadas. As categorias projeto de vida, a partir da perspectiva de Sartre, e sentido da vida, a partir da perspectiva de Frankl, foram discutidas e analisadas, procurando relacioná-las à vida de Maria. Durante o texto apresento uma reflexão sobre a finitude da vida e a relação de Maria com a mesma, apontando alguns de seus conflitos quando lidou com a questão. A literatura também contribuiu para iluminar o estudo com reflexões sobre a condição feminina, a partir da análise das obras de Luft (apud Orlov). Num capítulo posterior apresento algumas idéias significativas da obra “Perdas e Ganhos” de Luft, refletindo sobre o envelhecimento, questões de gênero e morte, entre outras. O processo de envelhecimento é discutido a partir do diálogo entre a Biogerontologia e a Gerontologia, procurando relacionar à história de vida de Maria. A aprendizagem enquanto processo auto-organizativo é apresentada e relacionada ao relato de vida de Maria, a partir das perspectivas de Maturana (Da Biologia à Psicologia) e Assman (Reencantar a Educação).

**Palavras-chave:** fenomenologia, aprendizagem existencial, sentido da vida, projeto de vida.

Osasco

Março de 2008.

---

<sup>1</sup> Maria é um nome fictício, assim como todos os demais que foram utilizados neste trabalho.

## ABSTRACT

Maria: a quarrel on the existencial learning

Letícia Maria Paes

Professora Orientadora: Maria Elisa de Mattos Pires Ferreira

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Educacional, do UNIFIEO (Centro Universitário FIEO), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicologia Educacional.

This dissertation is a phenomenological and existential study from the history of life of Maria<sup>2</sup>, a woman who is 75 years old. The research looked for to understand from her history and uses the categories project of life, felt of the life and learning as self-organization process. During the text a dialogue between Maria was considered and the authors who deal with the boarded subjects, looking for to provide to a relation between its existential learning and the above-mentioned categories. The categories life project, from the perspective of Sartre, and felt of the life, from the perspective of Frankl, had been argued and analyzed, looking for to relate them it the life of Maria. During the text I present a reflection on the finitude of the life and the relation of Maria with the same one, pointing some of her conflicts when it dealt with the question. Literature also contributed to illuminate the study with reflections on the feminine condition, from the analysis of the workmanships of Luft (apud Orlov). In a posterior chapter I present some significant ideas of the workmanship "Losses and Profits" of Luft, reflecting on the aging, questions of sort and death, among others. The aging process is argued from the dialogue between the Biogerontology and the Gerontology, having looked for to relate to the history of life of Maria. The learning while self-organization process is presented and related to the story of life of Maria, from the perspectives of Maturana (Da Biologia à Psicologia) and Assman (Reencantar a Educação).

Word-key: phenomenological, existencial learning, felt of the life, project of life.

Osasco

Março de 2008.

---

<sup>2</sup> Maria is a fictitious name, as well as all others that had been used in this work.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	04
ABSTRACT.....	05
INTRODUÇÃO .....	08
1. Considerações sobre o método .....	10
2. A estrutura do trabalho .....	13
3. A perplexidade .....	14
CAPÍTULO 1: FENOMENOLOGIA E EXISTENCIALISMO.....	17
1. O existencialismo .....	20
CAPÍTULO 2: MARIA ENTRE TANTAS MARIAS.....	25
1. Apresentando Maria.....	26
2. Maria nos dias atuais .....	31
CAPÍTULO 3: A CONDIÇÃO FEMININA .....	37
CAPÍTULO 4: PROJETO DE VIDA, UMA BUSCA DE RESPOSTA NOS EXISTENCIALISMOS DE SARTRE E FRANKL.....	48
1. A perspectiva de SARTRE .....	50
1.2. Cotidiano, que espaço é esse? .....	56
2. A perspectiva de FRANKL .....	59
CAPÍTULO 5: REFLETINDO SOBRE A FINITUDE DA VIDA.....	67
1. A morte como um processo individual .....	70
CAPÍTULO 6: A PERSPECTIVA DE LYA LUFT: A CONTRIBUIÇÃO DA LEVEZA DA LITERATURA .....	77

CAPÍTULO 7: ALGUMAS LUZES SOBRE O ENVELHECIMENTO: UMA PROPOSTA DE DIÁLOGO ENTRE A DA BIOGERONTOLOGIA E A GERONTOLOGIA.....	88
1. A contribuição da Biogerontologia .....	89
2. A contribuição da Gerontologia.....	99
CAPÍTULO 8: AUTO-ORGANIZAÇÃO: UMA PERSPECTIVA DA APRENDIZAGEM .....	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	123
ANEXO.....	127

## **INTRODUÇÃO**

O tema proposto está intimamente relacionado com minha história de vida. A princípio, fiquei bastante impressionada com a elevada disposição de algumas mulheres, pertencentes à chamada terceira idade, com as quais travei conhecimento nas aulas de Hatha Yoga. Conseqüentemente, meu interesse voltou-se para a compreensão desse fenômeno, despertando em mim a vontade de investigá-lo mais a fundo.

A partir daí, principiei o trabalho de campo colhendo o relato biográfico de algumas mulheres com idade acima de 50 anos, no total foram cinco pessoas entrevistadas, contando suas histórias de vida. Foi assim que conheci Maria, uma mulher de 70 anos de idade quando realizei a primeira entrevista. Ela morava próximo de alguns parentes no interior e tive oportunidade de conhecê-la por fazer parte do círculo de amizades deles. Fiquei impressionada com sua narrativa e as vicissitudes pelas quais passou; sua disposição e vontade de viver determinaram minha escolha em realizar a pesquisa, que resultou na dissertação “Projeto de vida: um processo auto-organizativo na história de Maria”, tendo como objeto de estudo sua história de vida.

Um dos fatores que contribuíram para a escolha de Maria como o sujeito a ter sua história de vida analisada foi o fato de ter me identificado com a mesma desde o primeiro contato.

Com o tempo pude perceber que, atrelada a essa disposição, estava a perspectiva de vida dessas mulheres supracitadas e aquilo que projetavam para o futuro. O interesse pela obra de Sartre, por mim já estudada anteriormente ressurgiu e a partir de suas explicitações a respeito do projeto de vida, algumas questões se me iluminaram.

Porém, a perspectiva de aprendizagem que conhecia até então não respondia às minhas inquietações, pois, acreditava que o projeto de vida estava atrelado ao processo de aprendizagem, embora não conseguisse compreender plenamente esse assunto.

Sendo assim, passei a pesquisar a aprendizagem humana, procurando um enfoque mais interdisciplinar; encontrei nas biociências o processo auto-organizativo que também pôde iluminar as interrogações que se fizeram no percurso.

A princípio, a pesquisa tinha como objetivo compreender, a partir da história de vida de Maria, as categorias projeto de vida e aprendizagem como um processo auto-

organizativo. Para tanto, utilizei como técnica a história de vida, numa perspectiva fenomenológico-existencial.

Em 2006 retomei a pesquisa já realizada, ainda numa perspectiva fenomenológico-existencial, a fim de ampliá-la, aprimorando as discussões realizadas. Portanto, nesse processo de aprimoramento do trabalho realizado, pretendo rediscutir alguns conceitos sob outros pontos de vista, dialogando com outras contribuições, a fim de desvelar outros sentidos que não foram desvelados anteriormente.

Muitas das idéias que naquele momento histórico me eram caras, foram se transformando, junto com meu próprio processo de “amadurecimento”, se é que posso chamá-lo desse modo. Depois do nascimento do meu filho algumas perspectivas em relação ao projeto de vida se modificaram e acabei fazendo outras leituras (de obras literárias e de vida).

Desvelar questões como o projeto de vida e a aprendizagem numa perspectiva auto-organizativa têm pertinência para a Psicologia Educacional em dois aspectos muito importantes: primeiro em relação ao conceito de aprendizagem humana em si, segundo em relação aos aspectos sociais e psicológicos que o tema projeto de vida suscita.

A presente pesquisa tem por objetivo compreender, a partir da história de vida de uma mulher de 75 anos de idade, Maria, as categorias projeto de vida, dialogando com as contribuições de Frankl e sua reflexão sobre o sentido da vida e aprendizagem como um processo auto-organizativo. Para tanto, utilizo como técnica a história de vida, numa perspectiva fenomenológico-existencial, que parte da interrogação, da perplexidade do pesquisador, o qual procura iluminar o fenômeno e compreendê-lo tendo como referência sua situacionalidade.

## **1. Considerações sobre o método**

Para concretizar a pesquisa em pauta, tomo como referência a perspectiva fenomenológico-existencial, acatando o fenômeno conforme o entende Heidegger (2001), isto é, “o que se revela, o que se mostra em si mesmo” (p. 58), portanto, “O

fenômeno, o mostrar-se em si mesmo, significa um modo privilegiado de encontro (p. 61)”.<sup>3</sup>

Para compreender o termo **Fenomenologia**, Heidegger (2001) procura analisar a raiz grega à qual pertence a palavra, chegando à seguinte interpretação formal:

“(...) deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo. É este o sentido formal da pesquisa que traz o nome de Fenomenologia. Com isso, porém, não se faz outra coisa do que exprimir a máxima formulada anteriormente - 'para as coisas elas mesmas!' (p. 65)”.

A presente pesquisa tem alguns traços do estudo de caso, porém não pode passar pelo crivo da metodologia específica para essa técnica (YIN, 2001). A coleta de dados se deu de maneira não objetiva, ou seja, a pergunta norteadora da entrevista não abrangeu, conforme as normas de um estudo de caso, a especificidade das categorias trabalhadas, por se mostrar muito abertas a interpretações. Ademais, a única fonte de dados da pesquisa é a história de vida de Maria e as interpretações que dadas aos fatos por ela narrados, que podem variar de pessoa para pessoa o que invalida uma objetividade rigorosa, tal como é esperada no estudo de caso, inviabilizando, dessa forma, uma repetição da trajetória interpretativa realizada. Entretanto, essa perda de objetividade rigorosa, que poderá parecer de início um sério problema, torna-se, na ótica deste trabalho, sua qualidade: se a busca aqui descrita não garante a precisão da objetividade, garante a riqueza da subjetividade que, de forma análoga, é também fidedigna e indicadora de validez. A forma de encaminhamento metodológico escolhida procura substituir a intenção da precisão pela intenção de resgatar e atribuir significados àquilo que se mostrou mais significativo à pesquisadora, diante do questionamento por ela feito. O que se buscou foi *compreender* aquilo que a ela, pesquisadora, se *des-velou* e isso está relacionado com a inesgotabilidade de significados decorrentes de um mesmo evento. Em outras palavras: cada acontecimento ocorrido na história humana admite que se lhe atribuam incontáveis

---

<sup>3</sup> Heidegger, filósofo alemão, um dos grandes nomes da Fenomenologia, nascido em 26 de setembro de 1889, morto em maio de 1976. Sua principal obra foi “Ser e Tempo”, publicada em 1927.

sentidos uma vez que todo fenômeno é perspectival. Busquei, com este trabalho, atribuir um sentido possível à história de Maria.

Sendo assim, a história de vida mostrou-se para mim como sendo a técnica mais apropriada para a pesquisa, pois segundo Lakatos E Marconi (2001), técnicas são:

“Consideradas como um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência, são, também, a habilidade para usar esses preceitos ou normas, na obtenção de seus propósitos. (...) história de vida – tenta obter dados relativos à ‘experiência íntima’ de alguém que tenha significado importante para o conhecimento do objeto em estudo (p. 222,223)”.

Portanto, o método procedimental que se me apresentou como o mais apropriado para as interpretações da história de vida de Maria foi a análise dos fatos, procurando relacioná-los às categorias abordadas.<sup>4</sup>

Também mostrou-se-me mais apropriado utilizar a modalidade da entrevista para realizar a coleta de dados. Ela também permitiu, no caso específico desta pesquisa, que Maria contasse sua história de vida.

Outro fator importante é que a entrevistada pôde se expressar livremente através da fala, de maneira coloquial, sem maiores preocupações com sua linguagem, diferentemente do que poderia acontecer se fosse apresentado a ela um questionário para ser respondido, pois, como nos colocam Ludke & André (1986),

“A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais. Pode permitir o aprofundamento de pontos levantados

---

<sup>4</sup> Conforme coloca Lakatos e Marconi (2001) a respeito dos métodos procedimentais: “constituem etapas mais concretas da investigação, com finalidade mais restrita em termos de explicação geral dos fenômenos menos abstratos. Pressupõem uma atitude concreta em relação ao fenômeno e estão limitadas a um domínio particular (p. 221)”.

por outras técnicas de coleta de alcance mais superficial, como o questionário. E pode também, o que a torna particularmente útil, atingir informantes que não poderiam ser atingidos por outros meios de investigação, como é o caso de pessoas com pouca instrução formal, para as quais a aplicação de um questionário escrito seria inviável (p. 34)".

Como poderá ser verificado no decorrer do texto, Maria possui pouca instrução, por isso, a entrevista, por não ser um método de coleta de dados rígido e padronizado em sua estrutura, possibilitou um clima descontraído e propício para que a mesma narrasse sua história de vida. Foi esclarecido para Maria o objetivo da pesquisa e que sua identidade seria mantida em sigilo, assim como as informações fornecidas seriam utilizadas apenas para fins da presente pesquisa.

Realizei cinco entrevistas com mulheres acima de 50 anos. Porém, na entrevista com Maria chamou-me atenção sua coragem e a criatividade para superar as vicissitudes que a vida lhe apresentava. Seu relato, quando comparado com os demais que obtive, era incomparavelmente mais rico, por isso se mostrou mais adequado para que eu pudesse atingir os objetivos propostos para a pesquisa projetada: por essa razão, escolhi sua história de vida para iluminar o fenômeno.

Em alguns momentos de seu relato tive a impressão de que estávamos num processo de escuta e não de uma entrevista formal. Ela se mostrou bastante à vontade e parecia nutrir por mim uma confiança e até uma alegria em poder compartilhar com alguém suas vitórias cotidianas.

Durante o texto busquei um diálogo entre Maria e os autores tomados como referência teórica, a partir de exemplos, opiniões, fatos e relatos que procuram relacionar sua história de vida às categorias abordadas, tentando desvelá-las no decorrer do diálogo.

## **2. A estrutura do trabalho**

A dissertação está organizada em oito capítulos, discutindo em cada qual o assunto principal proposto, sem, no entanto, perder de vista o diálogo com todo o corpo da dissertação.

O primeiro capítulo traz para o leitor uma introdução ao existencialismo e à fenomenologia, apresentando algumas características e procurando iluminá-las.

O segundo capítulo apresenta Maria, colocando o leitor em contato com a mesma, suas vicissitudes, suas características e um pouco de sua história.

O terceiro capítulo traz uma discussão sobre o gênero feminino a partir de uma interpretação das obras de Lya Luft, a partir do texto de Orlov, com algumas observações sobre a condição feminina.

O quarto capítulo aborda o projeto de vida, a partir do existencialismo de Sartre, baseando-se em sua obra “O existencialismo é um humanismo”, procurando dialogar com a perspectiva de Frankl e suas contribuições. Também procuro discutir o espaço cotidiano, onde se dá a ação do homem, a partir da concepção de Heller.

O quinto capítulo procura refletir sobre a finitude da vida, procurando analisar a relação de Maria com a mesma.

O sexto capítulo traz a contribuição da Literatura para o presente texto, a partir da obra “Perdas e Ganhos” de Luft.

O sétimo capítulo procura discutir o processo de envelhecimento, relacionando-o aos demais capítulos e propondo um diálogo entre a Biogerontologia e a Gerontologia.

O oitavo capítulo faz algumas considerações sobre a aprendizagem enquanto processo auto-organizativo, procurando relacioná-la ao projeto de vida e ao relato de Maria.

Para encerrar, apresento o que se me desvelou, após todo o percurso de elaboração do texto. Procuro relacionar a história de vida de Maria e os conceitos abordados.

### **3. A perplexidade <sup>5</sup>**

---

<sup>5</sup> Diferentemente de outras perspectivas que enfocam o problema, a Fenomenologia trabalha com a perplexidade do sujeito situado, que ilumina o objeto de estudo para compreender o que se apresenta e o que está por detrás do que se mostra. Na verdade, a investigação fenomenológica pode ser considerada uma preocupação constante para o sujeito, principalmente na maneira como o mesmo interroga o objeto de pesquisa (TAPIAS, 1984). Intrinsecamente ligada à investigação fenomenológica está a interrogação do sujeito, ou a pergunta que orientará o estudo. A esse respeito Tapias propõe algumas considerações: *“Do exercício da pergunta dependerá o rumo ou caminho a ser seguido na trajetória de explicitação*

Minha formação acadêmica é em Pedagogia e posteriormente, especialização e mestrado em Psicopedagogia. Portanto, as pesquisas que realizei sempre tiveram como enfoque a aprendizagem humana. Porém, questões que expandiam a discussão escola-aprendizagem, para uma perspectiva de aprendizagem humana, indiferente da faixa etária, despertaram meu interesse.

Esta dissertação tem o propósito de discutir a aprendizagem humana numa perspectiva existencial a partir da categoria projeto de vida, do diálogo com o sentido da vida e aprendizagem enquanto processo auto-organizativo, procurando compreender qual a contribuição da Psicologia Educacional frente a tais categorias. Para isto, baseio-me na perspectiva fenomenológica. A proposta da Fenomenologia: “...é abordar o que se mostra deixando emergir dele aquilo que a experiência permite captar. Ela não deseja explicá-lo, mas compreendê-lo.” (FERREIRA 2002, p 37).<sup>6</sup>

Esse é o movimento essencial deste método: ir à coisa mesma — “Seu objetivo está em descrever os fenômenos, tentando chegar através da descrição à essência dos mesmos (FERREIRA, 2002, p.38)”.<sup>7</sup>

No primeiro capítulo abordarei a Fenomenologia de maneira mais completa, apresentando sua história e seus princípios.

Neste texto procuro efetuar uma leitura fenomenológico-existencial, compreender as categorias projeto de vida a partir de Sartre em “O existencialismo é um humanismo”, num diálogo com as contribuições de Frankl na discussão sobre o sentido da vida e a aprendizagem enquanto processo auto-organizativo, tomando como referência a história de vida de Maria. A opção por Sartre se deu por conta de sua maneira peculiar de perceber a existência humana, principalmente no que tange as escolhas que vão definindo o homem: *um projeto que se vive subjetivamente* (1978, p. 6).

---

*desencadeada à procura de novos significados. A pergunta torna-se necessariamente reiterativa. A trajetória de explicitação significativa não é um caminho suave nem contínuo. Envolve passar de um nível para outro pelo salto de pensamento, no qual não há segurança nem certeza de chegada a uma meta predeterminada, mas apenas tentativa. Isto evoca o sentido que a palavra grega methodos originalmente expressa (1984, p. 74)”.*

<sup>6</sup> Grifos da autora.

<sup>7</sup> Grifos da autora.

Portanto, minha perplexidade pode ser resumida na seguinte questão: **qual a relação entre projeto de vida, sentido da existência e aprendizagem na história de vida de Maria?**

## CAPÍTULO 1

### FENOMENOLOGIA E EXISTENCIALISMO

*O essencial não é aquilo que se fez do homem, mas aquilo que ele fez daquilo que fizeram dele.*

(SARTRE, apud, CAMON, 1993, p.XIX)

Para iniciar as discussões que se propõe este texto, acredito que seja importante situar o leitor quanto a fenomenologia, a metodologia aqui utilizada. Ela tem características peculiares, com raízes na filosofia e, portanto, na base do pensamento científico.

Nascida de uma reflexão sobre a crise das ciências e aparecendo como um novo método de conhecimento positivo, a fenomenologia conheceu muito rapidamente um vivo sucesso junto a filósofos ou pesquisadores que se haviam agrupado em torno de Husserl. Cansados da estreiteza das perspectivas do positivismo, desconfiados das sistematizações metafísicas, eles desejavam ardentemente aplicar o novo método a todos os domínios da alçada das 'ciências do espírito'. Assim, se acumularam muito rapidamente as mais diversas descrições fenomenológicas e nasceram notadamente fenomenologias da vida afetiva e da religião (Scheler), da arte (Geiger, Ingarden), do direito, dos fatos sociais, etc (DARTIGUES, 1973, p. 32).

A fenomenologia surgiu como método que procura chegar ao fenômeno e captar sua essência, em contestação ao método experimental, que em busca da objetividade "pura" via o sujeito e o objeto como "seres" separados e independentes. Dessa maneira, no que tange as ciências humanas, o homem acabou percebido como um objeto como tantos outros.

Para contrapor essa idéia nos meios científicos, alguns pensadores procuraram resgatar a subjetividade e ressaltar sua importância. Desse movimento surgiram questões referentes à existência do homem e sua maneira de ser-no-mundo.

Um dos autores que discutiram essa questão foi Husserl, apud Forghieri. Com ele aprendemos que:

... o homem é um ser consciente e que a consciência é sempre intencional, ou seja, ela não existe independentemente do objeto, mas é sempre consciência de algo. Assim, também o mundo, não é em si, mas é sempre um mundo para uma consciência. Nega tanto a pura subjetividade quanto a pura objetividade e, conseqüentemente, valor do método experimental, objetivo, e do conhecimento elaborado através dele. Contesta a ciência objetiva e propõe, então um "voltar às próprias coisas" ou às raízes do conhecimento, ao fundamento do inegável,

que é a intencionalidade da consciência, ou o fenômeno. Este só pode ser encontrado no mundo vivido, que é a experiência básica, primordial do ser humano; ela é pré-reflexiva e anterior à separação entre consciência e objeto, entre sujeito e mundo. (FORGHIERI, 1984, p.15)

Ainda nessa perspectiva, para Heidegger, discípulo de Husserl, apud Forghieri:

O existente só pode se compreender em sua relação com o mundo, relação na qual cria o mundo, ao mesmo tempo em que é criado por ele. O homem não é uma coisa entre outras coisas; ele “é aqui”, num sentido autolocalizado e autoconsciente, numa relação constante com os objetos, as pessoas e as situações. O mundo independente dele, existindo por si mesmo, só aparece através da sua reflexão – o que há primordialmente é o mundo para ele. (FORGHIERI, 1984, p.15 e 16)

Nessa perspectiva, o sujeito passa a ter um papel primordial na relação com o objeto de conhecimento. E com Heidegger as idéias existencialistas retornam com grande repercussão, depois de duas guerras mundiais catastróficas.

Merleau-ponty (1999) esclarece o sentido da Fenomenologia ao afirmar que esta

“... é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua ‘facticidade’. É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para qual o mundo já está sempre ‘ali’, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. É a ambição de uma filosofia que seja uma ‘ciência exata’, mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo ‘vividis’. (p. 01)”.

Portanto a vivência do sujeito não se dissocia do objeto estudado pelo mesmo, ambos fazem parte de uma mesma realidade, observada pela situacionalidade do

sujeito. Para que o sujeito não se perca nessa observação é necessário que o mesmo se distancie do objeto, colocando-o em “suspensão” para que possa compreendê-lo.

## 1. O existencialismo

As filosofias da existência ou existencialismos ganharam espaço no século XX, apesar de alguns autores apresentarem como características questões geradoras semelhantes, no século XIX, como é o caso de Kierkegaard (ABRÃO, 1999). De maneira geral, essas filosofias procuraram resgatar a subjetividade humana, a partir da premissa de que a existência precede a essência. Na verdade, pode-se chamar de *existencialismos* porque muitos foram os enfoques dados pelos mais diferentes autores, como Scheller, Jasper, Landsberg, Berdiaeff, Marcel e Mounier, Sartre, Heidegger, Merleau-Ponty, Hippolyte, Beauvoir e Camus, entre outros (GILES, 1989).

O ponto de convergência entre os autores dos existencialismos é a questão da existência e da essência do homem. Na perspectiva apresentada por Sartre: durante sua existência o homem vai fazendo as escolhas que constituem seu projeto, o qual o define.

Na perspectiva existencialista o homem:

...é ...um conjunto de possibilidades que vai se atualizando no decorrer de sua existência. Ele é livre para escolher entre muitas possibilidades, mas a sua escolha é vivenciada com inquietação, pois a materialidade de seu existir não lhe permite escolher tudo – cada escolha implica a renúncia de muitas possibilidades. (FORGHIERI, 1984, p.17)

Sartre coloca que o existencialismo proporciona ao homem uma perspectiva otimista sobre a vida, colocando-o como responsável por suas ações e escolhas:

... é necessário que o homem se reencontre a si próprio e se persuade de que nada pode salvá-lo de si mesmo ... Neste sentido, o existencialismo é um otimismo, uma doutrina de ação... (SARTRE, 1970, p. 22).

De fato, as escolhas realizadas sinalizam nossa intencionalidade e apresentam todas as possibilidades excluídas. Por isso Sartre diz que o homem está condenado a inventar-se a cada instante, ou seja, é preciso criar-se com as circunstâncias que se apresentam. Sempre com responsabilidade perante aos outros. O existencialismo reconhece a liberdade e a responsabilidade de cada ser humano, sendo assim, ambas lhe são intrínsecas.

Porém, a vida não é linear e programável. As escolhas que se apresentam, das mais simples às complexas nos revelam as contradições da existência:

E a nossa vida está cheia de aspectos que se opõem mas que são coexistentes. Assim, embora sendo determinados pelos condicionamentos, também somos livres para escolher, somos animais, racionais, amamos, odiamos, somos voltados para atender aos outros, mas também cuidamos do nosso bem-estar. Finalmente, somos vivos mas também somos mortais. Vivemos e morremos, de certo modo, simultaneamente, pois a cada dia que passa, a nossa existência tanto aumenta, quanto vai se encurtando. No decorrer de meu existir caminho, a cada dia, para viver mais plenamente, assim como para morrer mais proximamente. (FORGHIERI, 1984, p.18).

A perspectiva existencialista apresenta questões do cotidiano, repensando alguns conceitos, tais como existência, essência, liberdade, solidão, transcendência, sentido da vida, angústia e morte (para esta última há um capítulo com o tema). Para que esses conceitos sejam clareados utilizarei como base o texto “Psicologia Existencial” de Camon.

A existência é entendida pelos existencialistas como possível apenas para o homem. Heidegger afirma que apenas o homem existe e que os demais seres como árvore, pedra, animais e até Deus, são, mas não existem como o homem.

E tanto para Heidegger como para Sartre é o fato da consciência que distingue radicalmente o homem de outros seres. A natureza essencial do homem é a razão pela qual o homem pode representar os seres como tais e pela qual pode estar consciente deles. (CAMON, 1993, p. 04)

A questão da existência e essência do homem é compreendida pelos existencialistas da seguinte maneira: a existência precede a essência. Primeiro o homem existe, distinguindo-se pela consciência que possui de sua existência.

A essência, por sua vez, é compreendida como: *Natureza íntima das coisas; aquilo que faz que uma coisa seja o que é, ou lhe dá a aparência dominante; aquilo que constitui a natureza de um objeto* (CAMON, 1993, p. 11).

A essência do homem é dinâmica, e pode transformar-se segundo os projetos que esse pode escolher e desenvolver em sua vida. Camon ilustra essa peculiaridade da essência humana:

... dessa forma, jamais é estática ou uma mera repetição de fenômenos a partir de fatos ocorridos no passado. Essa condição assegura ao homem a peculiaridade de poder transformar-se e, se necessário, recomeçar e reconstruir a cada instante uma vida quedada diante do sofrimento e das agruras da existência (1993, p. 13).

O homem tem diante de si, sempre a opção de modificar sua vida, recomeçar e reconstruir a cada momento porque é livre para tal atitude. Para o existencialismo, o homem está fadado a ser livre e fazer suas escolhas, não podendo esconder-se atrás de determinismos.

O homem é um ser que, livre, decide a própria vida. O homem arca com a responsabilidade de sua escolha. E escolher sua própria vertente significa lutar pela própria dignidade. O homem é absolutamente livre ou não é. A alternativa é radical: ou determinismo ou liberdade absoluta (CAMON, 1993, p. 06).

Compartilho com os pensadores existencialistas quanto à responsabilidade do homem perante as escolhas realizadas em sua vida, porém é importante lembrar que

em algumas situações, as possibilidades são determinadas e que a liberdade pode ser relativa. Porém, o homem não é eximido de sua responsabilidade.

Outro tema importante do existencialismo é a solidão. Ela é vista como inerente a condição humana, pois cada qual realiza e vive sua própria vida, mesmo que viva com um grupo de pessoas. As escolhas são individuais.

Camon esclarece que: *Ao pensar na solidão como fazendo parte da existência humana estamos assumindo a nossa condição de seres únicos e, portanto, responsáveis pela dimensão dada a essa existência (1993, p. 10).*

A transcendência é também uma das características pontuadas pelo existencialismo. O homem é capaz de transcender, antecipar seu futuro e vivenciar seu passado. Para Camon:

É a transcendência à questão que nos permite definir a condição humana da introspecção e meditação. E também é pela transcendência que o homem descobre a totalidade de suas possibilidades existenciais; possibilidades que não se esgotam ainda que a existência esteja quedada, inerte frente às vicissitudes existenciais (1993, p. 26).

É a descoberta do sentido da vida que impulsiona o homem nesses momentos em que as vicissitudes parecem desencorajá-lo. Esse sentido não é inventado, mas descoberto pelo homem.

... é através do sentido da vida, das polêmicas e cantilenas evocadas quando de seu questionamento, que o pensamento existencialista contribui de maneira significativa para uma tomada de consciência decisiva sobre a própria realidade da existência humana. E também é através do sentido da vida que determinados sentimentos podem ser avaliados e superados de modo livre e autêntico (CAMON, 1993, p. 25).

Um dos sentimentos que podem ser superados é a angústia. Para o existencialismo ela é uma experiência valiosa e nos reporta a nossa condição humana, assim como a morte. Camon sintetiza a relação entre ambas:

A inalienabilidade da morte, o fato simples mais irresistível de que cada um deve morrer para si mesmo, de que a morte é a única potencialidade existencial que nenhuma escravização, nenhuma promessa, nenhum poder dos 'outros' pode arrebatá-lo ao homem individual, eis a verdade fundamental do significado do ser, e por conseqüência determinante de uma angústia inerente à própria condição humana (1993, p. 30)

Para alguns existencialistas a angústia pode ser classificada como angústia de ser, do aqui-agora, de liberdade. Ela está intrinsecamente ligada a condição humana e a sua responsabilidade quanto a escolhas que realiza. É uma tensão necessária à vida.

As discussões que se realizaram durante esse texto estarão permeadas de conceitos existencialistas. Em alguns momentos de uma maneira mais discreta e em outros de forma mais direta, procurando discutir perspectivas distintas.

Antes de tudo, é importante apresentar ao leitor a personagem principal dessa pesquisa: Maria. O próximo capítulo é dedicado a ela.

## CAPÍTULO 2

### MARIA, ENTRE TANTAS MARIAS

#### ***Maria, Maria***

*Maria, Maria é um dom, uma certa magia  
Uma força que nos alerta  
Uma mulher que merece viver e amar  
Como outra qualquer do planeta  
Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor  
É a dose mais forte e lenta  
De uma gente que ri quando deve chorar  
E não vive, apenas agüenta*

*Mas é preciso ter força, é preciso ter raça  
É preciso ter gana sempre  
Quem traz no corpo a marca  
Maria, Maria, mistura a dor e a alegria  
Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre  
Quem traz na pele esta marca  
Possui a estranha mania de ter fé na vida*

Como se trata a presente pesquisa de uma análise de história de vida, faz-se necessária à apresentação de seu sujeito para que este possa fazer-se comunicar em todo o texto e desvelar-se ao leitor.

Conheci Maria por volta de 2001 quando realizei uma pesquisa de campo para a dissertação de mestrado em Psicopedagogia. Naquela época, ela me impressionou pela disposição e alegria aos setenta anos de idade.

Em 2007 nos encontramos novamente, para que eu retomasse a pesquisa e pudesse perceber as mudanças que ocorreram após nosso primeiro contato. Este capítulo traz um relato desses dois momentos distintos da história de Maria, ressaltando as vicissitudes pelas quais passou e as maneiras que encontrou para transpô-las.

## **1. Apresentando Maria**

O primeiro contato que tive com Maria foi por volta de 2001. Naquele momento ela estava com setenta anos de idade, casada há cinqüenta, com três filhos e oito netos. Pertencia a uma família de origem italiana, a qual veio para o Brasil no início do século passado. Perdeu seu pai aos três anos de idade e foi criada pela mãe e os tios maternos. Durante sua infância, morou em sítio no interior do estado de São Paulo e carpiu café desde os sete anos até completar dezenove, quando se casou:

“Não foi fácil o que passamo. Ainda fui junto com meus tio, era família italiana, era família meia áspera, meia ruim. Nós não podia conversá, nós não podia ficá na sala quando tinha visita, nós tinha que saí da sala, se escondê no quintal, ai se nós ficasse na sala! Deus o livre! Quando foi namorá então, Deus o livre!”<sup>8</sup>

Apesar dessa característica familiar, Maria sempre se mostrou uma pessoa extrovertida e comunicativa. Durante nossa conversa estive à vontade, demonstrando muito bom humor, mesmo quando falava das coisas tristes que a marcaram.

---

<sup>8</sup> A transcrição foi fiel à fita gravada com a entrevista de Maria

Sendo de origem humilde, passou por dificuldades financeiras durante grande parte de sua vida, inclusive no momento do nascimento de seus três filhos. Junto com o marido e os filhos, mudou constantemente de moradia, comprando sua própria casa depois de alguns anos de casada. Segundo suas palavras, teve uma vida muito sofrida:

“Aí depois teve o primeiro filho que é o José, e daí quando tinha ele com três mês quase fiquei só com ele que meu marido queria i embora. Depois foi passei dificuldade, não tinha roupa pra comprá quando ele ia nascê, quando nasceu, bem dizê não tinha nem o que comê. Foi uma vida bem dura, difícil. Depois foi passando o tempo aí teve o outro que é o João. Quando ele nasceu não tinha nem dinheiro pra comprá a roupa e nem o que comê em casa. Nós passava uma vida bem dura, não era fácil. Depois passemos uns anos meio assim, sem... dizê, tê nada. Depois passado quatro ano nasceu a outra minha filha que é Madalena aí nós tava pior ainda de vida. Nós tava numa situação difícil lá em Concha, aí ela nasceu, depois viemo pra São Manuel. Aí em São Manuel também foi difícil passemos muitos pobrema...”

Ao que parece, Maria enfrentou vários problemas no relacionamento com seu marido e sua família, mas nunca desistiu de continuar lutando, criando seus filhos e enfrentando os problemas que apareciam. Exemplo disso é sua disposição para o trabalho, sendo qual fosse, pois, trabalhou como lavadeira, passadeira, doceira, vendeu amendoim, pipoca, coquinho... para ajudar nas despesas da casa, pois só o salário do marido não era suficiente:

“Foi tudo aquela vida memo difícil, difícil! Eu sempre trabalhando sempre lidando com horta, com roupa pra lavá, fazia tudo quanto era serviço, tudo que aparecia eu fazia, lavadeira, passadeira (...) mas sempre com dificuldade, lavando, passando, depois vendi doce, vendi pipoca, vendi coquinho, vendi amendoim, fiz doce em casa, era doceira.”

Naquele momento, por volta de 2001, ela trabalhava com sua filha numa oficina mecânica, operando uma das máquinas, fazendo peças para ônibus. Dividia seu tempo entre os afazeres domésticos e o trabalho de meio período na oficina.

“Agora ultimamente aposentei e tô trabalhando com a minha filha na oficina de..., como é que fala? Oficina de mecânica. Trabalho na máquina de mecânica faço,... como é que chama? A peça? Esqueci o nome da peça. É uma peça lá pra ônibus. Ultimamente tô lá.”

Devido ao trabalho no campo, Maria não pôde freqüentar a escola. Mas aprendeu a ler, apesar de ninguém tê-la ensinado: *“Como não fui na escola não sei lê não sei escrevê. Lê ainda sei porque eu aprendi por si mesmo, mas nunca ninguém me ensinao lê e escrevê.”*

O fato dela não saber ler e escrever nunca impediu que trabalhasse, nem foi utilizado como desculpa em sua vida. Ela não é totalmente analfabeta, sendo capaz de ler algumas frases simples e em letra de “forma”, porém ela se entristece por não ser alfabetizada e, acredita que se não fosse a falta de seu pai, poderia ter vivido outra realidade na infância.

Talvez a ausência de uma educação escolar tenha mostrado a Maria a importância do conhecimento no desenvolvimento da vida profissional e, de maneira geral, pois uma de suas prioridades foi a educação de seus filhos. Apesar das dificuldades, todos estudaram. Para tanto, ela usou de sua criatividade na superação dos problemas de ordem financeira que se lhe apresentavam:

“Roupa então eu comprava saco, alvejava o saco, quando eles começaram a ir na escola e ia na escola com roupa de saco... camisa de saco, short de saco e fazia uma bolsa de saco com colarzinho e pendurava os caderno dentro. Eles iam sozinho na escola, porque a gente não tinha carro, não tinha nada aquele tempo (...) E assim criei os três filhos, com muito sacrifício, dei estudo pra eles, os três estudaram, são bem estudados”.

É importante salientar que Maria tinha uma capacidade de criar muito grande. Ela conseguia tirar de um saco de estopa roupas e bolsa para os filhos estudarem. Essa criatividade que ela foi desenvolvendo durante sua vida, conforme as vicissitudes foram se apresentando, deu a ela um poder de superação das dificuldades.

Assim, como queria ver seus filhos “estudados” e se esforçou para tanto, Maria se dedicou aos seus netos. Também cuidou deles em sua casa, desde muito pequenos. Na verdade, segundo seu relato, trabalha com sua filha para ajudá-la na difícil tarefa de “estudar” os filhos. Tarefa essa que já cumpriu com sucesso.

Devido às vicissitudes pelas quais passou no decorrer de sua vida, Maria relacionava a aprendizagem ao sofrimento, fato que pode ser constatado em sua fala. Ela acredita que se aprende mais a cada dia:

“Quanto mais a gente veve, mais a gente aprende, né? Que nem quando eu nasci não sabia nada, depois fui sofrendo tudo, tudo sofrimento foi aprendizado...”

Segundo essa perspectiva ela continuava aprendendo. Fato que pôde ser constatado também na sua escolha de trabalhar numa oficina mecânica, matéria até então desconhecida para a mesma. Isso não foi problema, pois ela aprendeu o serviço e continua aprendendo muitas outras coisas em sua vida.

Outra lição que a vida lhe ensinou foi a lidar com a diferença de gênero, ou melhor, como lidar com as condições vividas pelas mulheres numa sociedade com características excludentes. Algumas dessas lições deixaram marcas em seu corpo, tendo sofrido vários abortos, e a perda de um filho depois de quinze dias de seu nascimento. Esses fatos marcaram sua vida, porém as doenças uterinas e a suspeita de câncer foram mais expressivas:

“No hospital a primeira vez fiz uma cirurgia, tirei um mioma e um cisto. Depois na segunda vez, fui no médico e deu uma suspeita de uma célula cancerosa, mas não era certeza, né? Como o dr. Zé achô que daqui uns ano eu podia piorá, então quis tirá antes, ovário, o útero, tudo, limpô, aí agora tô boa, já faz seis ano, não senti mais nada graças a Deus!”

Retirar os órgãos genitais internos parece ter tido um significado relevante para Maria, como se estivesse se livrando de algum peso, ou algo que a incomodasse. Uma possível leitura desse incômodo pode estar relacionada à menstruação (característica da mulher) e a dor (cólica), ou ainda, ao processo de trabalho de parto e a dor sentida

nesse momento, ou quem sabe, aos problemas hormonais advindos da menopausa, todos relacionados diretamente aos órgãos genitais femininos. Para cada uma das características biológicas da mulher está relacionada uma concepção social e cultural que procura exprimir seu significado, muitas vezes, através de uma ótica que pode ser considerada preconceituosa, pois geralmente parte de um ponto de vista distante da ótica feminina, e infelizmente, acaba sendo assimilada pelas mulheres.

Para Maria não foi diferente. Talvez, por isso tenha-se a impressão de que houve uma espécie de alívio em livrar-se de seus órgãos genitais internos, pois é possível perceber em seu relato um grande sofrimento relativo ao processo de nascimento de seus filhos:

“Quando eu fiquei grávida não fui nunca no médico porque eu não sabia que precisava... pra ir no médico quando ficasse grávida, nunca fui. Daí eu passei a gravidez inteira meia ruim e quando fui ter o filho sofri vinte e quatro hora, e não nascia e a partera aquele tempo era teimosa, fazia tudo pra tê o filho em casa e quando eu fui pro hospital então meu filho já tava coroadado eu já tava, daí não dava nem pra sentá no carro, fui de pé. Daí quando cheguei no hospital o médico teve que abri e puxá a ferro porque não nascia. (pausa) ... Tive muita hemorragia, nossa senhora! (...) Agora tive três aborto no Hospital, bem grave. Quando nasceu a última filha, a penúltima também foi grave, fiquei morta quase três dias, depois vortei não tinha médico em Concha. Aí o farmacêutico e o médico sofreu pra me salvar porque não tinha o que parasse a hemorragia de jeito nenhum. Aí fiquei com hemorragia, depois vortei, eu sei que só de hemorragia eu fiquei, acho que umas quatro vez internada. E passô tudo... Pois é, quando o João tinha dois ano eu tava grávida de seis mês aí perdi outro filho, daí deu mais hemorragia de novo, eu fiquei internada quatro dia no hospital... eu passei tudo o que não era pra passá.

Muito possivelmente, essas experiências dolorosas marcaram a vida de Maria, de certa maneira confirmando as concepções sociais e culturais que justificam o sofrimento da mulher, inclusive em textos considerados sagrados, como é o caso do livro Gênesis na Bíblia, quando da expulsão de Adão e Eva do Paraíso, no capítulo que tem como título “A tentação de Eva e a queda do homem”:

E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses? Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi. E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isto? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. Então o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda besta, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás e pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente, esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. *E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua conceição; com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.* (Gênesis, capítulo 3, versículos de 9 à 16)<sup>9</sup>

Esse capítulo da Bíblia continua com a “maldição” de Deus em relação ao trabalho e o sofrimento do homem e termina com a expulsão de ambos do Jardim do Éden. Fica subentendido que a maior responsável por essa queda é a mulher e sua curiosidade. Essa “culpa” a mulher traz, muitas vezes de maneira inconsciente, durante sua vida. Esse tema será abordado com mais profundidade no capítulo posterior. No momento, gostaria de apresentar ao leitor como está Maria nos dias atuais, depois de nossa primeira entrevista.

## **2. Maria nos dias atuais**

Atualmente, Maria não trabalha mais com sua filha devido a um problema de saúde. Há alguns anos, seu esposo faleceu e ela ficou morando com um neto. No momento, o neto está morando em outra cidade e ela ficou sozinha na casa.

O fato de ter perdido o esposo e ficado sozinha influenciou sobremaneira sua vida. Depois disso, ela teve vários problemas de saúde e hoje se sente solitária: “Ah, eu

---

<sup>9</sup> Grifos da autora.

*tô mais triste, mais sozinha, solitária, ninguém mais vem aqui, numa solidão. Sempre sozinha e... aconteceu muitas coisas...”*

A solidão é um dos temas existencialistas mais discutidos e difundidos, pois essa corrente filosófica o coloca como inerente a existência humana e não como um fato isolado que acomete algumas pessoas.

O existencialismo nos leva a refletir sobre a condição do ser humano, como bem lembra Camon:

Mas chegará o ponto em que tomarei consciência de que, para minhas realizações pessoais, dependo de minhas possibilidades. Em suma, por mais que se viva junto das pessoas que se ama, por mais que se interaja socialmente não será possível evitar, lá no fundo, a certeza de ser só. (1993, p. 09).

Maria, aparentemente, não tem essa percepção existencialista sobre a solidão, pois seu relato apresenta uma profunda tristeza quando aborda sua relação com a família, principalmente o filho mais velho:

E agora fiquei mais isolada do mundo... Pouco caso continua, a amargura continua, as menina também não entram mais aqui, primeiro vinham elas com namorado tudo. Vinham sábado, se chegavam sexta vinha aqui, já paravam o carro entravam aqui. A Karolina com namorado, a Raquel com namorado. O namorado da Raquel me beijava, me abraçava agora ele não entrou mais aqui desde que o Amaro faleceu. Só de vez em quando a Raquel vem mas dois minutos aí já vão embora. Eu fiquei que nem uma pessoa isolada do mundo pela parte do José. E agora pela parte da Madalena a única coisa que eu não gosto é do marido dela.

Assim, Maria vai sentindo a falta das pessoas a sua volta, principalmente do esposo que faleceu algum tempo depois de nossa primeira entrevista. Ela relatou como aconteceu a morte do mesmo:

E ele tava aqui conversando tudo numa boa e João começou a fala que ia embora. Ele falava pro João: ah não, toma uma pinga, você não tomo nem

pinga hoje, toma uma pinga, porque você não toma uma pinga hoje. Pai, hoje eu não to com vontade. Ai, a coisa que foi mais dura é isso, que nunca ele pedia, ele não gostava que o João bebia, aquele dia ele tava implorando pro João bebe. João, pai eu não to com vontade de bebe hoje, mas por que, todo dia ce bebe? Daí depois ele viro, mas nem uma cerveja você não vai toma? João falo pai eu não to com vontade. Aí ele pegou e fico quieto. Aí depois o João falo que ia embora, ele falo a João não vai embora é cedo ainda pro ce ir embora. Nossa você vai embora sempre as dez horas, agora é nove hora. O João falo pai mas to cansado. Aí o João levantou. Mas ce vai mesmo? O João falo vou. Ai ele levantou de pé, entrou no quarto e falo: óia, já que o João vai embora eu vou toma banho. Aí ele pego a roupa foi lá toma banho, aí ele passou na cozinha, tomo... tomo... comeu café com bolo, com leite, de fubá. Aí ele chego aqui na sala e... daí tocou o telefone. Aí ele falo pra mim: atende o telefone, aí eu fui atende o telefone e a pessoa falava sou eu, falei mas se você não fala o nome que o ce é não vou sabe nunca quem o ce é. Aí ele do quarto deu ma tossinha. Aí eu corri lá ele tava deitado de travessado. Aí falei pra ele, mas Amaro ce vai deita de atravessado? Ele não respondeu. Aí peguei, endireitei ele, mas não pensando nada na morte. Endireitei o pé dele, tudo, tirei o sapato e vim aqui. Aí acabei de atende o telefone e a pessoa falo pra mim na quarta vez, ela falo: óia, eu não vou fala o nome, mas já oce vai se lembra de mim. Aí quando entrei no quarto, quando entrei no quarto ele tava meio de lado, aí peguei, endireitei a cabeça dele e chamei Antônio, Antônio ele fez (deu um suspiro) fechou o olho e não falou mais nada. Aí comecei gri... já de grito, já comecei a grita mais, grita mais, grita e chorava e gritava, abri tudo a casa. Um vizinho não escuto eu grita, ce que sabe? Era nove e quinze da noite. João saiu daqui nove hora, nesses quinze minuto ele tomo banho, comeu bolo e deito. Nove e quinze da noite ele, eu fui e chamei ele, ele deu o último suspiro. Aí chegou o corpo de... aí chamei o Mauro tirou a roupa dele, tirou a meia, ranco toda a roupa da cama e começou a faze massagem. Aí chegou o corpo de bombeiro, já em seguida que chegou o corpo de bombeiro. Aí chegou uns mocinho, aí o moço pegou eu la no quarto e levou eu la. Falei não, não vou fica lá, quero fica lá. Não ele falo, a senhora vai fica aqui, a hora que ele melhora eu venho busca a senhora aqui e levo a senhora la junto donde ele ta. Aí quando o moço pego e foi busca, ele já tinha descido a escada. O corpo de bombeiro já tinha descido com ele na escada. Aí não vi mais nada.

Várias vezes durante a conversa ela se referiu ao esposo e a falta que sente dele: *Eu na reza falo que to com saudade dele, que to numa saudade que eu acho uma falta dele que eu queria tanto que tivesse junto comigo, mas ele não ta, mas assim mesmo eu não esqueço dele, nem um pouco.*

A morte foi um dos temas de nossa conversa. Ela acredita que o esposo esteja vivo em outra dimensão, pois relatou várias vezes que ele tem se comunicado através de um centro espírita: *Ele já deu entrevista três, quatro vezes ... ele falo lá no Centro lá no meio de todo mundo, ainda lá na mesa... se o Amaro já veio dá entrevis... fala...*

Ela falou bastante da casa e do processo de construção da mesma, frisando a importância que ela tem na vida da família e do sacrifício do esposo para construí-la:

E outra coisa que eu queria, eu não vendo a casa de tanto sacrifício que o Amaro fez, porque o Amaro se sacrifico muito. Quando fez a casa, oce não tinha coragem de vê ele fazendo uma casa porque ele não conseguia ergue um tijolo. Aí tinha que dá tudo na mão, faze o reboque, pinta o reboque porque ele não conseguia ergue um tijolo. Coitado, tinha saído há pouco tempo do hospital que tinha tido aquele aneurisma e o aneurisma deixa a pessoa muito acabada, né? Então a gente tinha dó que ele fizesse a casa, mas ele fez. De modo que eu a casa nunca venderia, e nunca sairia, até que eu to viva, não saio da casa. Já falei pro João: vê se ces quando eu morre, ces não vende a casa, sempre deixa pra um... um dos neto, um que precise mais do que o outro, mas não vende. A casa quando ela cai, cai sozinha, falei deixa ela, mas não cai. Tenho certeza que essa casa vai dura a vida inteira, porque ele fez com muito amor. Ele sempre falava eu não quero morre sem te uma casa pro ces mora, porque eu não quero que ces fique na rua sem casa. Sempre ele falava, até que ele conseguiu faze a casa. Foi um sacrifício, né? Quase não comia nada, não comia carne, nós não comprava pão, nós só comia... tudo que era.... passemos dois ano comendo polenta com batatinha, só. Fazia molho de batatinha e a gente comia com polenta. E desse jeito fizemos a casa. Por isso que eu falo essa casa é uma casa que devem estimarem muito pelo que ele fez a casa, pelo que ele sofreu pra faze a casa. Ele sempre falava que ele ia morre sossegado que ele tinha deixado nós dentro de uma casa e se ele morresse nunca ia preocupa da onde nós ia mora. Sempre ele falava, até que ele fez a casa. De modo que a casa é uma coisa que a gente deve estima muito até que a gente tive vivo.

Os netos também foram lembrados e discutidos. Ela demonstrou bastante preocupação com o futuro dos mesmos.

um dia uma casa cai, ou algum cômodo desmancha, mas o meu eu peço pra eles não vende e dá pra um neto, pode dá pra qualquer um, não precisa escolhe o neto, o neto que precisa mais. Ele também falava, olha, o dia que eu morre, se oce morre e fica os filho, os neto, fala...sempre deixa falado que se eles tive o mais pobre, que não tem nada, que deixa a casa pra eles. Eu acho uma boa, não é?

Nessa conversa ela relembrou a morte de seu filho Mário, ainda bebê e demonstrou o quanto essa questão ainda está presente em sua vida.

Aí a minha sogra deu aveia aí ele começo a vomita, dá aquela ânsia e sorta aquele coisa amarela da aveia, aí ele foi no médico e o médico interno. Aí ele fico internado, aí eu não podia levanta pra i vê mais ele porque tinha hemorragia. Aí o Amaro ia vê ele e falava que ele tava bom. Daí num domingo eles foram busca ele que tinha arta, aí chegaram lá pra busca ele ... o Amaro disse que falo pra irmã: a senhora não ficaria mais uns dia com ele que a minha mulher ta muito fraca. A irmã falo pode deixa quanto o ce quise, nós fica com ele. Aí fico. Aí quando foi na terça-feira o Amaro passo lá pra vê, ele tinha morrido. Mas pra mim eles puseram outro no lugar, vai vê que tava ruim, morreu e levaram o menino embora. E ... a.... Marilda um dia lá em Sorocaba ela viu um moço diz que era edentico ainda foram cumprimenta ele, que era o João. Então esse João eu represento que era o Mário.

A morte de seu filho tem um componente simbólico de perda e de negação da mesma, pois ela explica em seu relato que não viu seu corpo sendo enterrado. Esse fato reforça a fantasia de que ele ainda esteja vivo. Ela relatou o desespero que sentiu quando foi ao cemitério após a morte da criança:

Daí o dia que eu fui leva flor lá que a madrinha trouxe eu fiquei fora de si e eu comecei chora e cavoca e grita e cavoca. Aí o Amaro tirava eu de cima, eu vortava. Aí tiveram que chama os covero pra tira eu de lá de dentro. Porque eu não conseguia sai de lá porque pra mim ele tava vivo lá dentro. Eles tinham

enterrado ele vivo. Como eu não vi ele, então pra mim ele tinham enterrado ele vivo. Aí que eu fiquei ruim, fiquei com depressão, aquela choradeira, nada me consolava, vivia só chorando, chorando, chorando.

Um dos temas relatados na entrevista foi a morte e a relação de Maria com a mesma: *Óia, é duro, eu acho que a morte não é uma coisa tão... tão difícil, né? Porque a morte é natural. A gente morre mesmo, não tem jeito um dia a gente vai. Mas pra mim a morte dele foi um sus... uma coisa tão forte...*

Esse tema será discutido num capítulo posterior, pois as vivências que Maria teve em relação a morte de entes queridos é rica para reflexões e repleta de componentes simbólicos de nossa cultura.

Ela também falou sobre seu casamento:

Já passemo uns bom pedaço, depois que eu casei a minha vida foi bem dura, não foi fácil. Começo logo que eu casei, aquele pobrema, depois fui... fui...porque a gente não tem pra onde i porque quando a gente vem do sítio não sabe lê, não sabe escreve, não sabe trabaia na cidade. E falavam pra mim: ah se fosse eu largava, eu não vo larga de jeito nenhum, e eu fiquei junto, fiquei até... cinqüenta e três ano.

Apesar das dificuldades que passou durante seus cinqüenta e três anos de casada, Maria não deixou o marido, possivelmente, por conta de sua educação e da cultura machista que era mais latente há alguns anos atrás. Para melhor compreensão desse tema, procuro discutir a atual condição da mulher na sociedade brasileira e a questão do feminino no próximo capítulo, a partir de um paralelo com a Literatura.

## **CAPÍTULO 3**

### **A CONDIÇÃO FEMININA – UMA LEITURA A PARTIR DE LYA LUFT**

Além disso mulheres têm maior capacidade de formar laços, de curtir afetos, de se reunir em grupo. São mais solidárias e mais cúmplices entre si. Talvez com mais capacidade de alegria.

(LUFT, 2004, p. 109)

Procuro retomar neste capítulo um tema que foi levantado no capítulo anterior, porém não foi explorado como poderia: a condição feminina. Para tanto, usarei como apoio o texto “Uma leitura de Lya Luft”, escrito por Orlov, e procurarei relacioná-lo ao relato de Maria.<sup>10</sup>

Nesse texto, Orlov faz uma análise de algumas obras de Luft e traz muitas contribuições para as reflexões que me proponho nesse capítulo, principalmente no que concerne à carga simbólica que carregamos enquanto gênero.

A história de vida de Maria evidencia uma das possibilidades da questão do feminino e da mulher na atual sociedade ocidental contemporânea, especificamente a brasileira. Apesar das diferenças entre as mulheres, sejam de ordem social, profissional ou comportamental, entre outras, cada uma é portadora do feminino, caracterizado por essa sociedade como portador da submissão, da fertilidade, da concepção... Porém, a mulher é portadora principalmente do feminino emancipador, ou seja, a capacidade de transformar, de produzir o pensar e o agir, libertando-se da submissão. Sendo assim, Maria se apresenta como aprendente do feminino, devido a influências sociais e culturais na construção de sua personalidade, e também como ensinante, pois ressignificou e ampliou as concepções que a influenciaram, transmitindo e vivenciando, a sua maneira e com seus limites, sua emancipação.

Sobre essa questão Orlov aponta uma contribuição da literatura luftniana:

A obra ficcional de Lya Luft retrata a problemática que a mulher enfrenta perante uma sociedade patriarcal em crise, os papéis que ela desempenha dentro dessa estrutura, a difícil afirmação de sua individualidade, de uma profissionalização, opção que, muitas vezes passa pela solidão, pela incompreensão, pela difícil conjugação das funções de mãe, esposa e profissional. Neste percurso, além da solidão, há um sentimento de exílio,

---

<sup>10</sup> <sup>10</sup> Não pretendo emaranhar-me nas discussões literárias, apenas apontar o quanto a literatura pode nos auxiliar para a compreensão de algumas situações vividas por nós, mulheres. Muitas foram às personagens descritas pela Literatura, muitas vezes sob a ótica masculina, estereotipando a mulher conforme padrões sociais rígidos, delegando a ela o papel de mãe, dona de casa, subalterna, subserviente, “mocinha” ou heroína, entre outros. Ainda hoje existem estereótipos que pretendem categorizar as mulheres, porém muito já foi conquistado nos últimos séculos e ainda há muito para ser conquistado, no que diz respeito à igualdade de condições na relação de gêneros. O fato de procurar uma autora para refletir sobre a condição feminina mostra a importância desse espaço para a mulher discutir questões que lhe são pertinentes.

perante a crise existencial que ela enfrenta... A mulher é colocada em diversas condições, diversos cenários, cujas tentativas de emancipação além de difíceis, são truncadas seja por sua própria formação dentro desta sociedade patriarcal, seja por fatores externos. O seu próprio mundo interior está preenchido por fantasmas assustadores que inibem seu desenvolvimento pessoal, inibem a tomada de decisões a respeito de sua vida pessoal. Obrigações lhe são impostas pela própria condição de mãe, esposa, filha, irmã, etc. (ORLOV, s.d., p. 08).

Analisar a mulher a partir da perspectiva de uma escritora contribui para a compreensão de algumas situações que abrangem a maior parte das mulheres e retrata seus fantasmas. Essa é uma das grandes contribuições de Lya Luft à literatura brasileira, mas principalmente, à mulher brasileira.

Suas obras enfatizam o mundo interno feminino, normalmente em momentos de crise, em que as personagens se deparam consigo e com a possibilidade de ruptura com a situação vivenciada.

Maria contou em sua primeira entrevista que teve alguns problemas conjugais, porém o casamento para ela era uma instituição que deveria ser conservada:

Naquele período, meados do século XX, o divórcio era um tabu. Subverter a ordem era muito difícil para Maria, porque ela não tinha o apoio da família, nem mesmo condições psicológicas para tamanha ruptura.

Arcar com as conseqüências deste ato, esta rebeldia ao estatuto social vigente, enfrentar suas decorrências, e igualmente doloroso para esta nova mulher; a crise existencial se instaura nesta transição: a dúvida, incerteza, o remorso, a solidão, o sentimento de estar exilada pela sua nova condição, que nem sempre conta com a aceitação do contexto familiar ou social. A procura de razões, metas de vida, para a mulher que está nascendo, está mesclada também do sentimento de culpa, por insubordinar-se contra o socialmente estabelecido, que lhe foi imposto. E é difícil desvencilhar-se destes laços tão antigos. (ORLOV, s.d., p. 09)

Maria não tinha apoio da família caso tomasse a decisão de ficar só. A única alternativa que lhe pareceu interessante foi lidar com os problemas e procurar

transformar o que lhe parecia possível e, seguir sua vida. Emancipar-se, na concepção apresentada por Orlov e, enfrentar os valores tradicionais não era uma escolha que lhe parecesse possível.

Encontrar-se como indivíduo, como ser produtivo, pode representar perder-se, para a mulher, perante os valores da sociedade tradicional: pode significar o exílio e a conseqüente solidão, metaforicamente, a morte do aconchego, do útero protetor, da concha doméstica: a obra de Lya Luft focaliza esta transição – o momento da “perda” e o não do “encontro”. Persiste nesta obra a interrogação: “o que será?”: filosoficamente o que será já não importa tanto, o que importa é a busca, a caminhada, a “travessia”. Estar livre para assumir o que vier, na maioria das vezes contando apenas consigo mesma. (ORLOV, s.d., p. 09)

Luft trata desta questão de maneira hábil e realista, apresentando personagens que vivem momentos de crise, onde o perder-se, pode significar o princípio da emancipação ou o encontro consigo.

Sartre diz que: “... o homem está constantemente fora de si mesmo, é projetando-se e perdendo-se fora de si que ele faz existir o homem... (1978, p. 21).”

Talvez, uma alternativa de leitura para a situação das personagens de Luft, seja de que a crise pode ser temporária e fazer parte do processo de construção do próprio projeto de vida e, paralelamente do processo auto-organizativo conciliando as duas categorias em relação ao movimento da vida: ordem e caos, perder-se e encontrar-se. A perspectiva da aprendizagem enquanto processo auto-organizativo vislumbra a capacidade de manutenção da organização, apesar das interferências do meio. Sendo assim, quando ocorre qualquer interferência no projeto de vida, faz-se necessária uma retomada dessa organização, talvez lidando com outras perspectivas, porém sem perder de vista a responsabilidade pela ação.

As personagens de Luft, em algum momento da vida, perderam a direção do que projetaram para si, perdendo-se no cotidiano. Entendo o cotidiano como um espaço, simultaneamente, de alienação e de libertação, espaço de liberdade para realizar escolhas e também ser responsável pelas mesmas.

Para Sartre (1978) a angústia acontece nos momentos de tomada de decisão, quando é preciso fazer a escolha. Para ele, diferente dos outros autores que podem ser considerados existencialistas, não há a angústia da morte ou da solidão, como é possível verificar em seu próprio texto:

“O existencialista não tem pejo em declarar que o homem é angústia. Significa isso: o homem ligado por um compromisso e que se dá conta de que não é apenas aquele que escolhe ser, mas de que é também um legislador pronto a escolher, ao mesmo tempo que a si próprio, a humanidade inteira, não poderia escapar ao sentimento da sua total e profunda responsabilidade. (...) Trata-se duma angústia simples, conhecida por todos os que têm tido responsabilidades. (...) Tal angústia todos os chefes a conhecem. Mas isso não os impede de agir: pelo contrário, isso mesmo é a condição da sua ação. Implica isso, com efeito, que eles encaram uma pluralidade de possibilidades; e quando escolhem uma, dão-se conta de que ela só tem valor por ter sido escolhida. Esta espécie de angústia, que é a que descreve o existencialismo, veremos que se explica, além do mais, por uma responsabilidade direta frente aos outros homens que ela envolve. Não é ela uma cortina que nos separe da ação, mas faz parte da própria ação (p. 07 e 08).

A essa reflexão gostaria de acrescentar a concepção de Frankl, um autor vienense, fundador da Logoterapia e que esteve preso num campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Para ele, vivemos uma tensão, ao invés de uma angústia, ou seja, para ele a tensão se dá entre o que somos e o que aspiramos ser.

A Logoterapia é uma análise existencial, que se propõe a educar a pessoa para responsabilidade. Seu principal objetivo é auxiliar as pessoas a encontrarem o sentido para suas vidas. Nesse aspecto, tem uma diferença com a perspectiva de Sartre. Essa diferença será discutida num capítulo subsequente.

Portanto, retomemos a história de Maria para perceber em suas recordações um sentimento de frustração e, um espaço para a discussão da relação de gêneros:

Nunca fui uma mulher alegre, nunca fui numa praia, nunca fui em lugar nenhum, nunca me diverti em nada. A única diversão minha era trabalhá, trabalhá, trabalhá, de dia, de noite, trabalhava até de madrugada. O marido não era muito

bom, bebia um pouco, mas nunca apanhei. Ele não era bom, mas apanhá nunca apanhei, graças a Deus!

Sem dúvida, as relações de gênero estão permeadas pelas influências sociais e culturais que as pessoas recebem, segundo o momento histórico que vivem. Nesse aspecto, é interessante lembrar que Maria pertence a uma geração que valorizava a instituição casamento. Ainda numa perspectiva de análise histórica das relações entre homem e mulher é possível perceber que existe uma relação de poder entre ambos. A esse respeito Andrade (1997) procura analisar essa relação de gênero, na perspectiva do poder, iluminando suas reflexões com a contribuição de alguns estudiosos do tema. Para a autora,

Se as relações de poder têm, via de regra, um aspecto produtivo para ambos os lados, têm também seu custo, e, no caso da mulher, ele é alto. O custo da proteção ao sexo feminino tem sido, ao longo dos séculos, a submissão. Submissão que parte de uma afirmação de fragilidade física, para se estender a uma fragilidade total (1997, p. 73).

Nesse aspecto, o não uso da violência física tem para Maria um valor importante. De certa maneira, é como se houvesse uma gratidão para com seu marido por tê-la respeitado, apesar dos problemas com a bebida. A partir de seu relato, tem-se a impressão de que o feminino resistiu, procurando espaços de transformação, criatividade e ação para lidar com os conflitos que se fizeram presentes no relacionamento com seu marido, não impedindo que seu casamento durasse 50 anos: *“Aí foi passando os ano, passando, passando, com bastante sofrimento, até que cheguei até os 50 ano de casado”*.

Maria frisa o sofrimento na relação com seu marido em seu relato. Orlov analisando a personagem Anelise da obra “As parceiras” de LUFT nos coloca que :

Anelise questiona a instituição do casamento, mostrando a mulher como a grande vítima: “Não tem volta, a gente vira bicho acuado, tantas vezes me senti assim: um bicho encurralado num canto”. Aqui de tal maneira se unem o macro e microcosmo, que o leitor tem uma visão ambivalente do jogo. Não é só a

morte quem rouba as peças do jogo, mas também as instituições sociais, no caso a instituição do casamento, que é como “um canibal que devora”. (s.d., p. 21)

Maria em seu relato também fala sobre essa sensação de sentir acuada, por não ter para onde voltar quando enfrentava problemas na relação com o marido:

Depois quando fui crescendo, quando tava com dezoito anos comecei a namora, aí com dezenove ano casei, foi sempre um sofrimento. Aí teve pobrema com meu marido, tudo... pensei em larga ao mesmo tempo não pensei e fiquei (...) E quando eu casei que daí a minha mãe falo que se não desse certo o casamento não era pra vorta em casa, que lá não era pra i e meu tio falo a mesma coisa. Dizê que eu passei uns pobremão, podia te alguma coisa, porque não tinha onde i, então eu tinha que vorta, fica em casa mesmo. Às vez tinha pobrema eu não tinha pra quem conta, porque ninguém aceitava os pobrema, não aceitava nada, meus tio, cha! Não ensinaram nada, nós tinha um criado mais o menos, assim como diz, não burro, mas que nem fosse, porque nós nunca tivemos nada, nunca ensinaram nada, casemo assim, sem sabe o que era um casamento, sabe o que era uma vida de casado, não sabia cozinha que minha mãe não me ensino, aprendi a cozinha depois que me casei.

Esperar que Maria, após essa experiência de vida, rompesse com as “amarras” da sociedade patriarcal seria exigir demais da compreensão que ela demonstra ter dessa situação da condição feminina.

Os cinqüenta anos com seu marido demonstram que Maria valorizava a instituição casamento, o que é muito compreensível, levando em consideração a importância dessa instituição no período em que Maria casou, apesar das mudanças que ocorreram após o advento do divórcio. Parece-me que a possibilidade de divorciar-se do marido não tenha apetecido Maria, pois aparentemente, as influências culturais assimiladas por ela, limitaram-na. Entretanto, na perspectiva existencialista este suposto limite não descarta a responsabilidade de Maria pela escolha de continuar vivendo com seu marido.

Atrelada a questão do casamento está a importância da família e seu papel na vida de Maria. A família é um dos temas que Luft aborda e Orlov nos esclarece que:

Ao problematizar a condição feminina, Lya Luft realiza também uma ruptura em relação à tradição literária masculina, fazendo com que sua narrativa busque na estrutura familiar as raízes do passado, a começar por matrizes como a bisavó, a avó, a mãe. Nem sempre estão estas mulheres em condição de inferioridade e dependência em relação à ideologia: ao contrário, reveste suas personagens como capazes de exorcizarem a castração sofrida. Por sua vez, os homens aparecem sempre em segundo plano e muitas vezes minimizados, ou de certa forma reduzidos ao silêncio: representa desta forma uma ruptura desmistificadora da ideologia patriarcal. (s.d., p. 14).

É interessante notar que Maria fala em seu relato apenas de sua mãe e alguns tios, pois seu pai faleceu quando ela era muito pequena. Na relação com a mãe, antes de seu casamento, aparentemente, não havia um espaço de diálogo ou afins para prepará-la, digamos assim, para a vida de casada.

Maria não coloca em seu relato nenhuma referência a suas ancestrais (mãe, avó, bisavó...) que lhe sirva como referencial positivo do feminino. É importante lembrar que essas mulheres viveram em condições bastante semelhantes à Maria no que diz respeito à relação de gênero.

Orlov analisando as obras de Luft aborda a questão da simbologia do corpo da mulher:

O corpo da mulher é a origem de todas as discriminações sociais por ela sofridas, é natural que muito do conteúdo metafórico da obra se manifeste com a o vocábulo “ventre”. É o ventre que sempre se incha, tanto na manifestação da vida, na gestação de uma nova vida, tanto nos cadáveres, quando ele estoura depois de inchar.(s.d., p. 15)

E são os órgãos que compõem o ventre e caracterizam a mulher que quando retirados dão a sensação de alívio para Maria. Talvez por simbolizar em seu corpo a marca das discriminações, e quem sabe do sofrimento: os partos, abortos, hemorragia, cólicas menstruais...

Outro tema que apareceu em seu relato, mais de uma vez (e nas duas entrevistas), foi a perda de um filho, além da referência a uma série de abortos. Essa perda parece ter sido bastante significativa para a mesma:

Aí tive mais um filho depois de nove ano, daí deu um pobrema o filho morreu. Fiquei muito triste, chorei muito, fiquei muito triste, nossa! Fiquei numa depresson que não tinha jeito que curasse a depresson. Cai naquela depresson tão grande, mas daí foi indo, foi indo e conformei. Daí eu morava aqui no meio do mato, não tinha água, não tinha luz, não tinha esgoto, não tinha nada. Daí nasceu o último filho, daí eu tava bem ruim aqui e não tinha nem jeito do médico entra aqui porque era no meio do mato. Aí tive ele na Misericórdia, nasceu quando deu uns quinze dia ele faleceu.<sup>11</sup>

O relato acima foi retirado da entrevista realizada em 2001. Ela descreve a grande tristeza que sentiu e a depressão que se seguiu. Já em 2007, em outra entrevista Maria retoma essa questão com um pouco mais de detalhe e conta como se deu a morte de seu filho:

Aí a minha sogra deu aveia aí ele começo a vomita, dá aquela ânsia e sorta aquele coisa amarela da aveia, aí ele foi no médico e o médico interno. Aí ele fico internado, aí eu não podia levanta pra i vê mais ele porque tinha hemorragia. Aí o Amaro ia vê ele e falava que ele tava bom. Daí num domingo eles foram busca ele que tinha arta, aí chegaram lá pra busca ele ... o Amaro disse que falo pra irmã: a senhora não ficaria mais uns dia com ele que a minha mulher ta muito fraca. A irmã falo pode deixa quanto o ce quise, nós fica com ele. Aí fico. Aí quando foi na terça-feira o Amaro passo lá pra vê, ele tinha morrido. Mas pra mim eles puseram outro no lugar, vai vê que tava ruim, morreu e levaram o menino embora. E ... a.... Marilda um dia lá em Sorocaba ela viu um moço diz que era edentico ainda foram cumprimenta ele, que era o João. Então esse João eu represento que era o Mário.(...) Daí o dia que eu fui leva flor lá que a madrinha trouxe eu fiquei fora de si e eu comecei chora e cavoca e grita e cavoca. Aí o Amaro tirava eu de cima, eu vortava. Aí tiveram que chama os covero pra tira eu de lá de dentro. Porque eu não conseguia sai de lá porque pra mim ele tava vivo lá dentro. Eles tinham enterrado ele vivo. Como eu não vi ele, então pra mim ele tinham enterrado ele vivo. Aí que eu fiquei ruim, fiquei com depresson, aquela choradeira, nada me consolava, vivia só chorando, chorando, chorando.

---

<sup>11</sup> Ela se refere a apenas um filho.

Maria não vê seu filho morto e acaba, aparentemente, fantasiando que ainda vive, possivelmente, como negação da morte do mesmo. É sabido que a morte de um filho é uma das perdas mais significativas na vida de uma pessoa, principalmente, na vida de uma mulher.

Orlov analisando a personagem Anelise, no momento da morte de seu filho único, traz uma descrição que ilustra esse momento de perda:

Depois da morte de Lalo, sobrevêm o sentimento de aniquilamento, o desejo de acabar-se também: “Não senti desespero, nem protesto, apenas cansaço. Vontade de sumir num buraco escuro, fundo e quieto, sumir, ser devorada por vermes ou espumas, e não voltar a praia nenhuma.” “Lalo morreu uma mortezinha pequena e quieta, alguns dias no hospital, sem estardalhaço.” (s.d., p. 29)

A personagem criada por Luft viveu na ficção aquilo que Maria sentiu na pele. Talvez o grande mérito da Literatura seja o poder de expressar os sentimentos que perpassam as ações humanas em qualquer vicissitude, pois apesar das diversas maneiras de expressão, existe na condição humana uma especificidade generalizada. O mérito dos bons escritores, por sua vez, é a sensibilidade e capacidade para expressar os sentimentos humanos a partir da linguagem escrita. Assim também ocorre com Luft.

Maria não saiu de nenhum romance, pelo contrário, pertence à população viva nesse momento, compartilhando das alegrias e tristezas que envolvem a vida humana, bem como das dificuldades encontradas pelas mulheres no que se refere à relação de gênero.

Como o objetivo proposto era de levantar questões sobre a condição feminina na atualidade, considero que os apontamentos já se apresentam como referência para o diálogo proposto. A quem possa interessar a continuidade dessa discussão, sugiro que desfrute da leitura das obras de Luft. No trecho abaixo ela explana sobre os temas de suas obras:

Escrevo de amores: euforia da entrega e dor da separação, alegria de construir a quatro mãos – e vazio quando o amor acaba. Do absoluto silêncio da morte, onde a pessoa amada pode se ocultar sem uma explicação ou um sinal, e passaremos um tempo de luto indagando: onde está você que ontem ainda dormiu em minha cama, que se pudesse jamais me deixaria tão sozinha, onde está você agora, para onde foi? Falo de ligações que fogem as regras, escapam a qualquer padrão, e têm uma substância de encantamento que ninguém fora desse circuito mágico jamais entenderá. (ORLOV, s.d., p. 137)

Maria traz em seu relato muitos fatos e histórias que remetem a atual condição feminina, mostrando as contradições que permeiam as relações de gênero e as influências que sofreu, ainda que indiretamente, durante toda sua vida. Essas influências também se fizeram presentes na constituição de seu projeto de vida, categoria essa que foi iluminada por Sartre, sendo tema do próximo capítulo. Portanto, cabe ao capítulo seguinte a tentativa de iluminar essa categoria, procurando relacioná-la com a história de Maria.

## CAPÍTULO 4

### PROJETO DE VIDA, UMA BUSCA DE RESPOSTA NOS EXISTENCIALISMOS DE SARTRE E FRANKL

*“Para começar – disse Francisco pesadamente -, têm de compreender que uma gaivota é uma ilimitada idéia de liberdade, uma imagem da Grande Gaivota, e todo o corpo de vocês, da ponta de uma asa à ponta da outra, não é mais do que o próprio pensamento de vocês.”*

*(BACH, 1970, p. 151)*

Este capítulo tem como objetivo compreender a categoria projeto de vida, a partir do existencialismo de Sartre, principalmente a partir de sua obra “O existencialismo é um humanismo”, procurando relacioná-lo à história de vida de Maria e, dialogar com alguns aspectos da teoria de Frankl, principalmente a partir de sua obra “Em busca de sentido: um psicólogo num campo de concentração”.

O ponto de convergência entre os autores dos existencialismos é a questão da existência e da essência do homem. A perspectiva apresentada por Sartre é que durante sua existência o homem vai fazendo as escolhas que constituem seu projeto, o qual o define.

Desde início é importante ressaltar que procuro apresentar nesse texto os aspectos que considero positivos na perspectiva sartreana, uma vez que para alguns, o existencialismo pode ser considerado uma filosofia pessimista.

Diferentemente do que coloca Sartre, acredito que existem situações que podem ser determinadas e, nos resta pouca ou nenhuma alternativa para lidar com a mesma. Porém, concordo com ele quando diz que somos responsáveis, inclusive pelo o que fazemos com que fazem conosco.

Pode parecer um pouco inusitado, ou mesmo arriscado, propor um diálogo entre duas diferentes “vertentes” existencialistas: Sartre e Frankl. O último é o fundador de uma teoria própria de análise existencial, conhecida como Logoterapia.

Tomo aqui a liberdade de chamá-los de existencialismos por se tratarem de perspectivas sobre a existência humana e basearem-se em alguns aspectos comuns, como a discussão da liberdade, responsabilidade e escolhas que o homem faz durante sua vida. Sartre e Frankl discorrem sobre esses pontos, porém, cada qual dá ênfase a um aspecto da questão.

Ambos foram contemporâneos e vivenciaram a Segunda Guerra Mundial: o primeiro como ativista contra o Nazismo e o segundo num campo de concentração. Talvez, por terem vivido um mesmo momento histórico, trágico para toda a humanidade, ambos tenham refletido sobre aspectos profundos da vida do homem.

Iniciaremos apontando os principais aspectos do projeto de vida na perspectiva de Sartre e, quais são os conceitos que constroem o homem definido por ele.

## 1. A perspectiva de Sartre

Sartre foi um filósofo e escritor francês, famoso em seu tempo por seu engajamento político. Foi um grande representante da corrente existencialista e escreveu vários livros (teatro, romances) tendo como fundo essas questões.

Uma das características apresentadas pelo autor em relação ao existencialismo é o otimismo, pois ele coloca sob a responsabilidade de cada homem a possibilidade de mudança, o seu futuro, o seu devir:

... o homem, antes de mais nada, é o que se lança para um futuro, e o que é consciente de se projetar no futuro. O homem é antes de mais nada, um projeto que se vive subjetivamente, (...) o homem será antes de mais nada o que tiver projetado ser (SARTRE, 1978, p. 06).

Ao que parece, a necessidade foi se apresentando para Maria e, conforme foi lidando com ela, foi construindo seu projeto de vida, pois, segundo uma premissa existencialista, é a partir da existência que se “constrói” a essência. A princípio, cuidou de seus filhos e teve sua vida voltada para educação deles:

Fiz três cômodos, dos três cômodos mudei e fiquei tempo só sem rebocá, sem piso, sem nada. E assim criei os três filhos, com muito sacrifício, dei estudo pra eles, os três estudaram, são bem estudados. Um tem escritório de contabilidade, outro é professor do Senai, dá aula de mecânica e a filha é aposentada da... Staroup e, agora ela tem uma oficina e eu trabalho com ela e meu neto.

Aparentemente existem dois momentos em que Maria planejou para sua vida e de seus filhos um futuro melhor. Num primeiro momento, ampliou o espaço

físico onde morava, na verdade, quando adquiriu um terreno para construir sua casa própria e, lentamente a edificou, como pode ser constatado em sua fala:

Daí continuemo morando na minha casa, faz tanto anos que eu moro aqui (...) Dei uma arrumada na minha casa agora que a minha casa tava péssima, tava muito ruim, tava quase caindo, aí demo uma arrumada, e agora tá com a casa tudo em ordem, graças a Deus, do jeito que eu queria.

No segundo momento, mesmo não sabendo os benefícios específicos que a educação proporcionaria a seus filhos, ela investiu energia e tempo para que todos tivessem acesso a escola e fossem, como ela mesma diz, “*estudados*”.

De certa maneira, a atitude de Maria clareia o que Sartre coloca em relação ao conceito de má-fé, ou seja, não existem desculpas ou determinismos que tirem do homem a responsabilidade por sua vida, suas escolhas e por seu projeto de vida. Quando ele se esconde atrás de determinismos, segundo Sartre, está usando de má-fé, não assumindo suas escolhas, pois para o autor: “*...o homem é responsável por aquilo que é. (SARTRE, 1978 p.06)*”

Essa afirmação caracteriza a responsabilidade do homem diante de suas escolhas. Para Sartre o homem estaria condenado à liberdade, ou seja, às escolhas que se apresentam em sua vida. Sua proposta de liberdade, para ser alcançada deve levar em consideração a liberdade do outro, tendo sempre como referência a responsabilidade para com todos os outros homens quando se faz uma escolha.

Algumas críticas do materialismo histórico em relação à liberdade caracterizada por Sartre, creditam-lhe uma abrangência exagerada, pois, essa concepção estaria desconsiderando as condições materiais dadas, a situação social e política que envolve a vida do homem.

Em relação a essa questão, concordo com Heller quando diz:

...o indivíduo é um ser singular que se encontra em relação com sua própria individualidade particular e com sua própria genericidade humana; e, nele, tornam-se conscientes ambos os elementos. É comum

a toda individualidade a escolha relativamente livre (autônoma) dos elementos genéricos e particulares; mas nessa formulação, deve-se sublinhar igualmente os termos 'relativamente'. (...) O desenvolvimento do indivíduo é antes de mais nada – mas de nenhum modo exclusivamente – função de sua liberdade fática ou de suas possibilidades de liberdade (HELLER, 1992, p. 22).<sup>12</sup>

Para Heller o homem é um ser genérico e particular, sendo sua liberdade relativamente autônoma, devido a circunstâncias que possam estar além de sua escolha. Nesse aspecto, o que realmente interessa a Sartre é a responsabilidade pela escolha feita, sejam quais forem as circunstâncias que se apresentarem, pois ela está imbuída de uma intencionalidade.

Segundo Sartre, o homem não se caracteriza apenas pelo que projeta ser e sim, pelo que faz. Para o autor, essa é uma doutrina de ação, pois o homem é somente na medida de sua ação no mundo: “... o *homem não é senão o seu projeto, só existe na medida em que se realiza, não é portanto, nada mais do que o conjunto dos seus atos, nada mais do que a sua vida* (1978, p. 13)”.

Percebo nessa teoria do engajamento, nessa responsabilidade e liberdade frisadas por Sartre, um otimismo, no sentido de permitir ao homem espaço para realizar ou não, mudanças nos objetivos que coloca em sua vida, sem perder de vista a intencionalidade de seus atos. Porém, como bem frisa Heller, a liberdade do homem não é ilimitada, mas para Sartre é a responsabilidade pela escolha feita, indiferente das circunstâncias que caracteriza essa doutrina de ação.

O existencialismo de Sartre baseia-se na ação, na concretude dos atos do homem, ou seja, ter a intenção de realizar uma ação e não concretizá-la significa não realizar o projeto.

Na vida, muitas são as escolhas que se apresentam ao homem. É nesse momento que se revela para ele um sentimento que acompanha todo o processo de decisão: a angústia. Segundo Sartre, nesse momento se mostra a dimensão de sua escolha para a humanidade, pois, ela reflete aquilo que ele projeta para si e para todos:

---

<sup>12</sup> Grifos da autora.

Quando dizemos que o homem se escolhe a si, queremos dizer que cada um de nós se escolhe a si próprio; mas com isso queremos também dizer que, ao escolher-se a si próprio, ele escolhe todos os homens. Com efeito, não há dos nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser. (SARTRE, 1978 p.06)

Essa citação exprime o que para o autor é um bem precioso: o compromisso de cada homem para com a humanidade inteira quando faz sua escolha. Fica clara essa preocupação de Sartre em relação às escolhas e às ações humanas, quando se reportando à história de vida do mesmo, encontra-se a passagem pela Segunda Grande Guerra e a luta contra o Nazismo. Portanto, cada ação humana poderia significar um compromisso para com a humanidade, ou não.

Por isso, para o autor essa doutrina de ação, o existencialismo, seria um humanismo no sentido de que:

... o homem está constantemente fora de si mesmo, é projetando-se e perdendo-se fora de si que ele faz existir o homem e, por outro lado, é perseguindo fins transcendentais que ele pode existir; sendo o homem esta superação e não se apoderando dos objetos senão em referência a esta superação, ele vive no coração, no centro desta superação. Não há outro universo senão o universo humano, o universo da subjetividade humana (SARTRE, 1978, p.21).

É esse *universo humano*, esse *universo da subjetividade humana* que proporciona ao homem projetar-se para fora de si e viver experiências transcendentais. Portanto para Sartre, o projeto de vida é o próprio homem. O homem que é responsável por sua ação e por seus atos no mundo.

O projeto de vida só existe a partir do homem que realiza aquilo que projetou, e, o que o homem projetar é a sua intenção de realização. Ao não realizar o que projetou o homem acaba agindo de má fé, pois para Sartre não existem determinismos ou desculpas suficientes que possam excluir do homem a

sua responsabilidade por sua própria vida, por seus próprios atos e por suas ações.

Se o homem projeta uma realização e não assume a escolha que faz ao projetar essa realização, não realizando o que ele projetou, pois foi impedido por determinismos, o homem está agindo de má fé porque se escondeu atrás do determinismo.

Nesse sentido o homem é responsável por aquilo que ele é e por aquilo que ele faz. Tal, Heller não perde de vista, pois coloca que o desenvolvimento do indivíduo é antes de tudo, função de sua liberdade fática ou de suas possibilidades de liberdade, mas de nenhum modo exclusivamente, ou seja, o homem, ele é devir, é projeção de futuro.

O homem tanto para Sartre como para Heller, nessa convergência, é aquele que pode mudar o seu futuro. Nesse sentido Maria foi responsável pelas escolhas que fez durante sua vida, tendo em suas mãos a possibilidade de mudar seu futuro. Certamente, por isso tenha, depois de ter aposentado, escolhido trabalhar com sua filha na oficina mecânica. Sem dúvida, que as escolhas que se lhe apresentaram estavam restritas ao meio que a circundava, o que, de maneira alguma, exclui sua responsabilidade.

Porém, Maria não percebe a dimensão do projeto para sua vida, como pode ser verificado em seu relato:

Ah, o projeto que eu tenho é... é fazer coisa pra Madalena, olha os neto. Por móvel novo, quando me dá na cabeça, vo lá, troco, do pra Madalena, compro outro, porque não quero deixar, não quero deixar dinheiro pro José pelo tudo que ele fez pro Amaro, não quero deixar dinheiro e se um dia sobra dinheiro eu já falei pra Madalena: se você não que você dá pro menino. E os menino fazem o que eles que com o dinheiro, agora pro José não quero deixar dinheiro...

Ela, a princípio cuidou de seus filhos e depois dos netos. Mesmo com os netos criados hoje, ela ainda se preocupa com os mesmos e projeta sua vida a fim de auxiliá-los.

A liberdade do homem não é de fato ilimitada, como Heller aponta, mas ela também não é totalmente determinista, o que converge com Sartre porque é de responsabilidade do homem as escolhas que ele faz durante toda a sua vida, indiferente das circunstâncias que estão caracterizando essas escolhas, porque quem faz as escolhas é o homem. Ninguém escolhe por ele, e mesmo que alguém escolhesse por ele, em última instância, foi ele quem escolheu escolherem por ele.

O homem é o tempo todo uma ação, é um ser de ação, ser de atitude e no momento que o homem na materialização dos seus atos tem a intenção de realizar uma ação e não a concretiza por causa dos determinismos, ele não só está agindo de má fé como ele também não está se realizando enquanto homem, enquanto projeto.

Para Sartre a liberdade do homem, se coloca existencialmente no sentido de que é o homem que se permite um espaço para realizar ou não mudanças nos objetivos que ele próprio coloca em sua vida. No entanto, sem perder de vista a intencionalidade de seus atos. O homem é responsável por seus atos.

Não há um projetar-se sem uma intenção, porque o próprio projetar-se já é a intenção, já é o projeto, já é o homem em sua ação.

Esse homem realizando ou não o que projetou, reflete aquilo que projetou para si, para todos da humanidade, expressando o compromisso que cada pessoa tem para com a humanidade inteira quando faz a sua escolha.

Essa é a grande questão sartreana. Uma escolha é uma responsabilidade ética. Um compromisso que cada homem tem para com a humanidade toda.

Cada ação humana tem um significado: um compromisso para com a humanidade, ou não. Essa ação humana se dá no espaço cotidiano, que apresenta desde as pequenas escolhas do dia-a-dia àquelas que podem modificar a história do homem e da humanidade. Sendo assim, iluminar esse espaço parece pertinente nesse momento. Por isso, o próximo subtítulo versará sobre a cotidianidade.

## 1.2 Cotidiano, que espaço é esse?

Partindo do pressuposto existencialista de que a existência precede a essência, como já foi colocado anteriormente, o espaço para que se concretize essa existência é o da cotidianidade. Sendo assim, é importante esclarecer a perspectiva de cotidiano que proponho, como já foi abordado no primeiro capítulo. Nesse aspecto, concordo com Heller:

A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais 'insubstancial' que seja, que viva tão-somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente (1992, p. 17).<sup>13</sup>

Para Heller, cotidiano é onde se dá a vida do homem inteiro, onde a história acontece, porque o homem é “*simultaneamente ser particular e genérico* (1992, p. 20)”. Existe no cotidiano o espaço para alienação e também para emancipação porque ele é heterogêneo e homogêneo ao mesmo tempo. Ele pode ser considerado heterogêneo no que se refere às especificidades de cada homem: “*O ‘Eu’ tem fome, sente dores (físicas ou psíquicas); no ‘Eu’ nascem os afetos e as paixões. A dinâmica básica da particularidade individual humana é a satisfação dessas necessidades do ‘Eu’* (HELLER, 1992, p. 20)”.

Assim como, esse espaço pode ser considerado homogêneo no que se refere ao âmbito genérico de todo homem: “*Também enquanto indivíduo, portanto, é o homem um ser genérico, já que é produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano...* (HELLER, 1992, p. 21)”.

Uma vez que o homem é um ser genérico, portanto produto de suas relações sociais e preservador do desenvolvimento humano, pode-se argumentar

---

<sup>13</sup> Grifo da autora.

que Maria vivenciou essa genericidade, talvez tratado de maneira mais evidente, quando se abordou a questão do feminino, pois, este elemento cultural transmitido através das relações sociais, influenciou sobremaneira a vida de Maria, como pôde ser constatado no capítulo anterior.

Porém, essas influências se dão em conjunto com a particularidade de cada um, o que significa que esses aspectos não têm como conseqüência a determinação da vida do homem, mas fazem parte do processo dinâmico que rege a vida, num movimento dialético. Sendo assim, retomando SARTRE, esconder-se atrás de determinismo é utilizar-se de má-fé.

Como disse Heller, não é possível fugir do cotidiano, pois esse espaço se apresenta na vida do homem, antes mesmo que ele possa se dar conta.

O homem nasce inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade (HELLER, 1992, pg. 18).<sup>14</sup>

O amadurecimento do homem, a aquisição das habilidades para viver a cotidianidade apresentou-se a Maria quando era ainda muito jovem, portanto ela adentrou a vida adulta logo quando se casou e precisou aprender a respeito das novas realidades que se lhe apresentavam. O fato de precisar lutar pela sobrevivência e viver por si sua cotidianidade e, suprir as necessidades de seus filhos pequenos fez dela uma mulher lutadora, que trabalhou como pôde: *“Eu sempre trabalhando sempre lidando com horta, com roupa pra lavá, fazia tudo quanto era serviço, tudo que aparecia eu fazia, lavadeira, passadeira.”* Isso também evidencia que para ela a aprendizagem se deu de maneira auto-organizativa, ou seja, ela criou novas alternativas, estruturas para lidar com as situações que se lhe apresentavam, conservando sua sobrevivência e a de seus filhos.

---

<sup>14</sup> Grifo da autora.

Maria poderia ter realizado outras escolhas para sua vida, porém o que a caracteriza é essa disposição para continuar vivendo sua cotidianidade. Para Heller, a vida cotidiana é o resultado de escolhas. Essas podem ser consideradas cotidianas ou não:

Quanto maior é a importância da moralidade, do compromisso pessoal, da individualidade e do risco (que vão sempre juntos) na decisão acerca de uma alternativa dada, tanto mais facilmente essa decisão eleva-se acima da cotidianidade e tanto menos se pode falar de uma decisão cotidiana. (1992, p. 24).

Nesse aspecto, a autora se aproxima da concepção sartreana de escolha, no sentido da responsabilidade da ação, porém colocando a possibilidade de emancipação do espaço cotidiano.

Acato neste trabalho tanto a concepção de cotidiano de Heller (1992), quanto concepções existencialistas provenientes de Sartre, como, por exemplo, o que diz respeito às escolhas e alternativas que a vida cotidiana apresenta.

A partir dessa fundamentação, admito o cotidiano tanto como espaço de alienação, quanto de emancipação. Criar espaços para reflexões sobre a cotidianidade é importante, na medida que ao revisitar o vivido, de certa forma dele nos distanciando, poderemos tomar consciência de diversos aspectos da realidade que haviam nos passado despercebidos.

Dessa maneira e retomando o projeto de vida, é possível perceber que o homem é o projeto e o projeto é o homem, existindo uma dialética entre homem e projeto. Cada vez que o homem se lança, o homem não se lança sem a responsabilidade da intenção do por que ele está se lançando, para que está se lançando e, o que quer ao se lançar.

O projetar-se e o lançar-se para fora não é algo que acontece independente da vontade desse homem. Quando se projeta e se lança há uma intenção e buscar saber qual é essa intenção é a responsabilidade do homem.

Sartre viveu um período pós-guerra, vivenciando o poder destrutivo do homem dessa sociedade capitalista contemporânea. Por ter vivido esse poder de

destruição do homem, Sartre enxergou dimensões humanas através de outras perspectivas.

Assim como o homem é responsável pelo que é, também tem responsabilidade pelo que faz com o outro e pelo que faz com o que o outro faz com ele (o homem).

O homem está no mundo, interagindo com o mundo e não se percebe como homem sem estar em interação com o mundo. O homem deve buscar enxergar, por menor acesso ao aprender ou a educação que tenha, que a responsabilidade da sua vida e o que acontece consigo é responsabilidade dele mesmo.

As condições são dadas independentes da sua vontade, mas o existir, o continuar existindo depende da vontade do homem. O homem para SARTRE é sempre devir, convergindo com Heller, que também coloca sob a responsabilidade do homem, o seu próprio futuro. Para ela, o homem nasce inserido no cotidiano e a vida cotidiana é a vida do homem. É no cotidiano que o homem encontra fontes de alienação, mas também fontes de emancipação, de mudança. Por isso é que o homem é um ser de escolhas e responsável pelas escolhas que faz ou não faz.

Para os intelectuais, Sartre e Heller podem ser pontos de referências na própria produção da cultura intelectual, pois por detrás da cultura intelectual está a responsabilidade e a ética para com toda a humanidade.

Essa responsabilidade também tinha Frankl em relação à teoria que desenvolveu e os benefícios que proporcionaram às pessoas. O próximo subtítulo abordará a contribuição desse autor e da teoria por ele desenvolvida.

## **2. A perspectiva de Frankl**

Ele foi um médico com especialidade em psiquiatria. Antes da Segunda Guerra Mundial ele já havia elaborado a teoria conhecida como Logoterapia. Ficou num campo de concentração durante algum tempo, por volta de três anos e meio e pôde vivenciar sua teoria na prática.

A principal razão de seus conceitos serem apresentados nessa pesquisa é sua perspectiva otimista. Ele, assim como Sartre, discute a questão da responsabilidade do sujeito e as escolhas que o mesmo faz. Porém, o que o distingue do último é sua idéia de busca de sentido para a vida.

Fabry, seu discípulo, aponta a diferença entre as perspectivas de Sartre e Frankl com a seguinte comparação:

Alguns teatros usam uma tela transparente para conseguir efeitos especiais. Se uma paisagem ou o interior de uma sala forem projetados na tela, esta serve de fundo para a cena que se representa à sua frente. Porém, se se acende uma luz por detrás desta, ela se torna transparente deixando à mostra o cenário que se encontra na parte posterior. A tela dá-nos uma boa imagem para compreender como vemos o significado da vida. Existencialistas franceses, como Sartre e Camus, crêem que o homem é capaz de criar significados e projetá-los sobre a tela em branco da vida. 'A vida não tem sentido', parecem dizer, 'mas nós necessitamos de sentido. Portanto, precisamos criar nossos próprios sentidos'. Usam frases tais como: 'O homem inventa-se a si mesmo' ou 'o homem projeta seus valores'. A logoterapia concebe o significado como algo oculto por detrás de uma tela, e nós devemos acender a luz para poder enxergá-lo. Temos que buscar o sentido; não podemos fabricá-lo arbitrariamente ou 'desejá-lo' de maneira a podermos dizer: 'Basta desta vida sem sentido! A partir de agora eu terei um sentido.' Nem podemos querer o amor de forma tão generalizada; ele surge como resposta a alguém ou alguma coisa que 'acendeu a luz'. (FABRY, 1984, p. 75).

Essa diferença entre as perspectivas não invalida a contribuição de cada uma para ampliação do conhecimento. No que tange a presente pesquisa, cada uma das perspectivas apresentadas contribui com a reflexão necessária para compreensão/iluminação do processo vivido por Maria. É importante salientar que propomos um diálogo entre alguns autores, sempre salientando as características otimistas que trazem suas teorias.

A principal diferença entre os autores é a perspectiva que cada qual tem para o sentido da vida. Enquanto para Sartre é possível “dar” um sentido à vida, para Frankl encontramos o sentido da vida enquanto a vivemos.

Nessa perspectiva podemos compreender que damos sentido à vida em momentos que exigem uma ação imediata, sem grandes espaços para reflexão. Possivelmente, encontramos o sentido da vida, seja no momento como propõe Frankl, ou nas mais variadas situações, quando refletimos sobre as circunstâncias que nos cercam e podemos analisar melhor qual será nossa ação no contexto apresentado.

Frankl, mesmo quando trata do sofrimento humano, apresenta uma visão otimista sobre o mesmo, já que a busca de sentido para o ser humano é uma constante. Para ele:

Pela maneira com que uma pessoa assume o seu destino inevitável, assumindo com esse destino todo o sofrimento que se lhe impõe, revela-se, mesmo nas mais difíceis situações, mesmo no último minuto de sua vida, uma abundância de possibilidades de dar sentido à existência. (FRANKL, 1991, p. 68)

Maria também enfrentou muito sofrimento em sua vida e, aparentemente, o assumiu dignamente e, aprendeu com as vicissitudes que se lhe apresentaram:

Não foi fácil. Muito sofrimento, muita tristeza. Ainda depois ainda tive o meu tio aqui em casa, minha mãe doente. Fiquei doze ano com a minha mãe e dezesseis ano com meu tio aqui em casa. Depois ninguém me ajudou, sempre com dificuldade, mas ninguém, nunca precisei de ninguém, graças a Deus! O que o meu marido ganhava eu olhei meu tio e meus três neto e criei tudo na maior... com a maior alegria, porque apesar de ser pobre e não ter nada, mas eu era alegre, não tinha tristeza, pra mim tudo tava bom.

Ainda sobre o sofrimento Frankl diz que “...muitas vezes é justamente uma situação exterior extremamente difícil que dá a à pessoa a oportunidade de crescer interiormente para além de si mesma. (FRANKL, 1991, p. 72).”

Maria trabalhou na roça e relata que realizou várias atividades durante sua vida. Em relação ao tempo que esteve no campo e, das situações difíceis pela quais passou ela coloca:

Carpi café, apanhei café, tritura pra estora esterco, estorei esterco, plantei feijon, colhi feijon, colhi mio, colhemo de tudo, o que tinha no sítio a gente colheu tudo. Não foi fácil o que passamo.

Para Frankl “... a dificuldade deve resultar em estímulo, pois constitui desafio e tarefa. (1991, p. 88)”.

As dificuldades são uma constante na vida de Maria e, normalmente, na da maior parte das pessoas. O que as diferencia é a maneira como cada qual lida com as mesmas. Frankl e Sartre colocam, cada qual a sua maneira, que as pessoas são responsáveis pelas suas escolhas, inclusive nos momentos de dificuldade. Para Frankl, principalmente nos momentos de sofrimento e dificuldade as pessoas se têm à chance de aprender, ou como ele diz, encontrar o sentido da vida e exercitar as escolhas, na ação:

Precisamos aprender e também ensinar às pessoas em desespero que a *rigor nunca e jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós...* Não perguntamos mais pelo sentido da vida, mas nos experimentamos a nós mesmos como os indagados, como aqueles aos quais a vida dirige perguntas diariamente e a cada hora – perguntas que precisamos responder, dando a resposta adequada não através de elucubrações ou discursos, mas apenas através da ação, através da conduta correta. Em última análise viver não significa outra coisa que arcar com a responsabilidade de responder adequadamente à perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento. (FRANKL, 1991, p. 76)

Assim também Maria cresceu interiormente com as situações difíceis que enfrentou durante sua vida, aprendendo com as exigências de cada momento difícil que enfrentou:

... depois comecei a te pobrema de vista, quase fiquei cega. Depois entrei em tratamento e consegui sarva meia vista, que foi meu tio que me levo no médico, não foi nem o meu marido, foi meu tio que me levo no doutor Vando. Aí o doutor Vando deu muito remédio e um tratamento, daí eu sarei, aí fiquei boa. Aí quando eu demorei... daí outra vez... depois já mudei pra Barra Bonita, aí fiquemo uns dois mês preso na Barra Bonita e, não tava bom, viemo embora. Também passemos um aperto lá também, daí a gente volto não tinha nada o que come outra vez.

Maria levou uma vida simples no interior de São Paulo e, assim como outras pessoas, encontrou sentido para sua existência, tanto nas exigências do momento quanto num sentido maior, como o de “estudar” os seus filhos.

Frankl coloca que:

...o sentido da existência, altera-se de pessoa para pessoa e de um momento para o outro. Jamais, portanto, o sentido da vida humana pode ser definido em termos genéricos, nunca se poderá responder com validade geral a pergunta por este sentido. (1991, p. 76)

Portanto, ele esclarece que não há uma resposta pronta para todos, ou para alguém. É necessário refletir sobre o momento vivido e descobrir o sentido dele, ou mesmo o da vida em si. Inclusive quando se trata do sofrimento:

Quando um homem descobre que seu destino lhe reservou um sofrimento, tem que ver neste sofrimento também uma tarefa sua, única e original. Mesmo diante do sofrimento, a pessoa precisa conquistar a consciência e que ela é única e exclusiva em todo o cosmo dentro deste destino sofrido. Ninguém pode assumir dela o destino, e ninguém pode substituir a pessoa no sofrimento. Mas na maneira como ela própria suporta este sofrimento está também a possibilidade de uma realização única e singular. (FRANKL, 1991, p. 76)

Ele conta em seu livro “Em busca de sentido: um psicólogo num campo de concentração” que o suicídio era uma constante. Quando dois companheiros próximos estavam desanimados e pensando nessa possibilidade, Frankl conversou com os mesmos, procurando refletir sobre um motivo para continuarem vivos. Um tinha um filho que gostaria de ver e o outro era um cientista e tinha uma teoria para terminar. Ele demonstrou para ambos que eram importantes para aquela pessoa ou pesquisa. Sendo assim, demonstrou-lhes um sentido para continuarem vivos.

Aquela unicidade e exclusividade que caracteriza cada pessoa humana, e dá sentido à existência do indivíduo, faz-se valer tanto em relação a uma obra ou uma conquista criativa, como também em relação a outra pessoa e ao amor da mesma. Esse fato de cada indivíduo não poder ser substituído nem representado por outro é, no entanto, aquilo que, levado ao nível da consciência, ilumina em toda a sua grandeza a responsabilidade do ser humano por sua vida e pela continuidade da vida. (FRANKL, 1991, p. 78)

Quando se trata de responsabilidade, Frankl é mais otimista de que Sartre, pois o último parece exigir mais do homem do que ele pode no momento de sofrimento, enquanto o primeiro apresenta o sentido para que a pessoa reaja e enfrente esse momento.

É importante salientar que quando tratamos desse temas, estamos lidando com a maneira que as pessoas aprendem a lidar com momentos difíceis. Sendo assim, o conceito de aprendizagem está em todo esse texto, uma vez que a postura diante das vicissitudes da vida é uma das aprendizagens mais importantes para o ser humano. Caso a pessoa seja pessimista, pode tentar contra própria vida, ou descobrir um sentido, como sugere Frakl, e aprender a lidar com as dificuldades.

Depois que a turbulência passa, o que foi aprendido e vivenciado, ficam na memória e potencializado para a pessoa como fonte de experiência:

‘Aquilo que viveste nenhum poder do mundo tirará’. Aquilo que realizamos na plenitude da nossa vida passada, na abundância de suas experiências, essa riqueza interior nada nem ninguém nos podem tirar. Mas não só o que vivenciamos; também aquilo que fizemos, aquilo que de grandioso pensamos, e o que padecemos, tudo isso salvamos para a realidade, de uma vez por todas. Estas experiências podem pertencer ao passado, justamente no passado ficam asseguradas para toda a eternidade! Pois o passado também é uma dimensão do ser, quem sabe, a mais segura. (FRANKL, 1991, p. 80)

Para Maria o passado é uma dimensão segura, onde ficaram a fome, a dificuldade no nascimento de seus filhos e na criação dos mesmos:

Mas depois do João foi bem, foi parto normal, do José fiz também normal mas foi tirado a força, agora o João não. Tive ele bem, não tive hemorragia, nada, mas quando cheguei em casa, que tava lá na casa da minha tia porque ia fica um tempo no hospital, enfim eu fiquei na casa da minha tia memo. Quando eu cheguei em casa tinha só uma galinha que o vizinho tinha dado. Quando eu fui pega a galinha pra mata, tinha morrido a galinha. Aí, eu não tinha o que come, fiz uma sopinha de batatinha. Nem leite pra dá pros menino eu tinha, que tinha o mais velho que era o José e não tinha o que come. Era uma tristeza! Eu tava tão mal que os vizinho chegavam perguntavam se eu tava com tuberculose de tanto magra que eu tava.

Mas para a teoria desenvolvida por Frankl o futuro é de suma importância. Na verdade, ele ressalta a vida do homem nos diversos momentos vividos. Quando se trata de sentido para continuar vivendo, o futuro é o foco: “A logoterapia se concentra mais no futuro, ou seja, nos sentidos a serem realizados pelo paciente em seu futuro... uma psicoterapia centrada no sentido. (1991, p. 91)”.

Quando se trata de definir o ser humano, a profundidade da reflexão de Frankl denota sua perspectiva existencialista e sua experiência no campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial:

O que é, então, um ser humano? É o ser que sempre *decide* o que ele é. É o ser que inventou as câmaras de gás; mas é também aquele ser que entrou nas câmaras de gás, ereto, com uma oração nos lábios. (FRANKL, 1991, p. 84)

Essa perspectiva do humano nos leva a reflexões sobre sua finitude. Afinal, como o ser humano tem lidado com a perspectiva de finitude de sua vida? E Maria como se relaciona com esse tema?

O próximo capítulo procura discutir essa questão e apresenta as perspectivas de Maria sobre o tema.

## CAPÍTULO 5

### REFLETINDO SOBRE A FINITUDE DA VIDA

*Segundo o ditado popular, não é preciso se preocupar com a morte. Ela é garantida e ninguém vai ser bobo de querer roubá-la da gente. O importante é cuidar da vida, que é boa, bela, rica, preciosa e inesperada, mas muito frágil. Ela, sim, pode ser roubada.*

(AZEVEDO, 2005, p.62)

O objetivo desse capítulo é discutir a finitude da vida, procurando refletir algumas concepções sobre a morte e a maneira como Maria lida com a mesma.

Para iluminar o tema serão utilizados alguns textos que tratam o tema, preferencialmente numa perspectiva fenomenológica existencial e humanista.

Para muitos esse tema é desconfortável, principalmente na cultura ocidental que finge (ou foge) não ver qualquer sinal que lembre a finitude da vida ou temas afins. Vivemos num turbilhão de informações e mudanças, numa sociedade cada vez mais veloz, virtual...

Às vezes, não há espaço nem para relacionamentos mais íntimos ou amistosos com as pessoas, o que se dirá, lidar com pessoas que sabem estar morrendo, ou um ente querido que morreu. Como as pessoas têm lidado com essas questões na contemporaneidade?

Esse texto pretende refletir um pouco sobre essa perspectiva, procurando trazer algumas contribuições de quem já refletiu sobre o tema.

Luft traz suas contribuições sobre o tema em sua obra “Perdas e ganhos” expondo sua opinião:

O enfrentamento final não é um fato inesperado, muito menos isolado. É apenas o último de uma longa série de fatos concretos e de conquistas interiores: cada um *fez o seu caminho* – no sentido literal. (LUFT, 2004, p. 144).

Normalmente, nos preocupamos tanto com a morte que esquecemos do principal: a vida. Para Luft o importante é o objetivo da vida, de preferência uma existência feliz, um caminho que se faz ao caminhar. Não há dúvidas quanto ao que nos reserva o fim da vida, porém há um espaço de tempo entre o nascimento e a morte, ou seja, a vida, que deve ser preenchido, de preferência com conquistas.

Discutir a morte é discutir a vida. Uma está intrinsecamente ligada à outra:

A morte não é um fracasso. Ela faz parte da vida. É um acontecimento que se tem de viver. Uma “realidade vigorosa”, dizia Teilhard de Chardin, uma realidade que nos desperta, nos obriga a tomar consciência de nossos valores mais profundos, uma realidade que nos convida a criar, pensar, procurar um sentido. (HENNEZEL, 1999, p. 40).

Encontrar o sentido da vida, eis uma das tarefas que se apresenta. Lidar com a morte é também procurar esse sentido, é pensar o que estamos fazendo, qual a razão, o que queremos, o que nos propomos vivenciar?

Portanto, falar de morte, também é falar de um projeto de vida, retomando aquela discussão feita em capítulo anterior: entre o nascimento e a morte há de se realizar o projeto de vida de cada pessoa. Mesmo sabendo disso, o que nos causa tanto medo na morte?

O que na morte causa medo são as questões que ela suscita, e essas questões incidem diretamente sobre o sentido da vida: haverá um além? Qual é a nossa origem? Para onde vamos? etc. Evitando falar da morte, tentamos fugir de tais perguntas e, no entanto, são elas que servem de fundamento ao homem. Ter de enfrentar a morte obriga a fazer, efetivamente, uma reflexão sobre o sentido da vida, sobre nossos valores profundos;... (HENNEZEL, 1999, p. 49 e 50).

Hoje, não há tempo nem espaço para reflexões que nos levem a pensar sobre o sentido de nossas vidas. De onde viemos? Para onde vamos? O que estamos fazendo de nossos dias? Como construir um projeto sem pensar nessas questões? Para que enfrentar uma situação difícil e resistir, se sabemos que no final, vamos morrer mesmo?

Algumas pessoas respondem a essas questões e encontram um sentido para vida, por isso, fica mais claro para elas a razão de enfrentarem problemas extremamente difíceis, porém alcançarem seus objetivos.

## 1. A morte como um processo individual

Cada pessoa sente e vive de uma maneira completamente singular, pois somos todos indivíduos singulares. A sensação de dor não é a mesma, cada um sente e suporta intensidades diferentes.

Assim também ocorre em relação às sensações e a relação que cada um tem com o corpo. Alguns sinais de envelhecimento tendem a sinalizar que podem surgir alguns limites que antes nem eram percebidos, como por exemplo, a perda da flexibilidade corporal.

Para algumas pessoas isso pode ser um sinal de que está ficando velha e de que o tempo é um inimigo ardiloso. Para outras é o sinal de já está na hora de fazer uma atividade física para reverter o processo (o que for possível) e cuidar da saúde.

Portanto, o que para alguns é um tormento, para outros é desafio. Assim também se pode encarar a morte. Todos, um dia a veremos de perto. A pergunta é: como reagiremos quando a sentirmos tocar nosso ombro?

O tabu da morte é um tabu da intimidade. Com efeito, se começamos a observar a realidade da morte é para profundezas de si que o olhar se dirige. E é essa interioridade que nossa sociedade evita e dissimula tanto quanto pode. O poeta russo Chestov diz que “o anjo da morte tem as asas consteladas de olhos; quando se aproxima de um de nós, dá-lhe olhos novos, olhos oriundos de suas asas, e que vêm para além do superficial e do aparente”. É exatamente esse olhar interior capaz de ver para além das aparências que é encoberto por nossa sociedade extrovertida. Assim, uma pessoa que pressente a proximidade da morte sente essa necessidade de interioridade, de comunhão íntima com os outros. (HENNEZEL, 1999, p. 45).

Descobrir que estamos com uma doença grave ou incurável nos leva a questionar o sentido da vida, do que fizemos até então e do que não poderemos

fazer, caso nos coloquemos como derrotados diante da morte. A perda de um ente querido também nos causa essa reflexão.

Maria perdeu vários entes queridos, porém a morte de seu esposo foi uma das mais significativas em sua vida. Em seu relato ela aborda a questão da morte:

Acho que a morte é uma coisa que é duro pra gente, mas a gente acha... pelo que ele já veio e falô (ela acredita em vida após a morte). A morte não é uma coisa muito triste. É triste que a pessoa vai embora, mas ele lá ele tá melhor do que aqui (...) Óia, é duro, eu acho que a morte não é uma coisa tão... tão difícil, né? Porque a morte é natural. A gente morre mesmo, não tem jeito um dia a gente vai. Mas pra mim a morte dele foi um sus... uma coisa tão forte...

Normalmente, as pessoas só pensam no fim da vida quando são sobressaltadas com uma doença ou com a morte de um ente querido. E quando fazemos nossas escolhas para a vida, não pensamos em nossa finitude? Como é encarar a própria morte?

Eu nem penso, não tenho medo de morre. Depois que ele morreu eu não tenho medo de morre mais, primeiro tinha agora não tenho medo de morre mais. Não tenho mais medo de morre porque de lá já falaram, voltô, falô. Que dizer que a gente sabe que a morte não acaba, a gente não acaba, a gente não acaba, a gente morre, mas o espírito da gente continua vivendo. Não acaba, acabei chegando a conclusão e ... cheguei ... chegando a conclusão que todos dia ia leva, todos dia de finado ia leva flor lá pra ele, tudo. Depois, cheguei a uma conclusão, depois que ele falo isso. Pra que que eu vo lá no cemitério leva flor pra ele se ele não tá mais lá? Lá tá só os osso. Nunca mais fui no cemitério. Ele não gostava de flor, eu já não gosto de flor, eu gosto de verde, mas pode vê que não tem uma flor aí na frente. Só gosto de verde, flor não. Aí ele não gostava também de flor, então cheguei numa conclusão: pra que que vo amola ele, manda aquele maço de flor lá se ele nem lá tá?

Aparentemente, a fé de Maria de que existe vida após a morte dá a ela uma compreensão maior da perda sofrida, ou a ilusão de que irá encontrá-lo em outra

dimensão. Cada pessoa responde a esse questionamento de uma maneira diferente.

Alguns poetas dizem que morremos um pouco todos os dias. Talvez, a literatura nos auxilie na rudeza dessa tarefa que é enfrentar a finitude de nosso tempo, o limite de nossas ações. Morrer todos os dias é também renascer a cada manhã com os raios de sol.

Se pensarmos um pouco, talvez identifiquemos alguns momentos difíceis, sofridos em que morreram nossos sonhos e com eles um pedaço de nós (talvez com um pouco de orgulho, mas nosso). Depois, um vazio que nada preenchia, porém o tempo, fez com que novos sonhos fossem sonhados e novos projetos fossem construídos. Assim, morremos, porém renascemos melhores.

Contudo, a morte do corpo físico não nos deixa dúvida de nossa finitude enquanto ser humano e nem a literatura ou a ciência podem nos “privar” desse momento.

Mesmo acreditando que seu esposo viva numa outra dimensão, Maria aparenta ter alguma dificuldade para lidar com a perda dele. Isso pode ser percebido em seu relato sobre o enterro:

Só fiquei com pena do lugar que ele foi enterrado, e aquele buraco com a pessoa dentro, põe um peso em cima, aquela “big” laje em cima. Aí pra mim foi o fim do mundo. Ai como eu... eu... eu não queria deixa enterra. Do meu irmão fiz a mesma coisa. Fiz um escândalo pra enterra meu irmão que cê nem imagina. E é duro, é duro vê enterra. Depois que enterra aí vai indo, vai indo e se conforma.

O momento de despedir-se da pessoa, ou o velório como é mais conhecido, também foi um momento doloroso para Maria e seus familiares, mesmo acreditando que apenas o corpo estivesse sendo enterrado:

Ele ta lá, mas também não tem nada... eu lá não vo, também não fui mais, depois que ele veio e falo, ele não pediu nada pra não deixa lá, nem nada, mas daí cheguei a concluson que o que que tem lá? Tem um home como nós deixemo no velório, nós fiquemo tudo desesperado. Se

ce visse o Paulo, Mateus e o Marco, mas deram um trabalho. E eu via eles ficava igual. A Marta coitada, a Marta pode se o que ela seja, mas eu sei que ela gosta de nós, eu sei que ela não tem raiva de nós, a melhor neta que eu tenho, assim por parte de... ela sempre foi boa, ela correu com aquele Mateus, com aquele Marco o dia inteiro, porque o Mateus ficava ruim, o Mateus chorava e berrava, aquilo era um desespero em tudo. A família daqui de casa tudo, não parava nem um minuto de chora, não comeram o dia inteiro, o Mateus só chorava: e o meu vô, coitadinho do meu vizinho e dia inteiro um pra lá, um pra cá. E a Marta coitada, ia na farmácia, farmacêutico dava um calmante, até que ele chego e falo pra Marta: ó Marta eu vo para de dá calmante porque senão ele vai passa mal, porque calmante demais não presta. E daí a Marta falo, então ta bom, então ele fico lá, fico chorando, chorando. Quando chego no cemitério, mas aquele barulheiro, nossa! Ele desesperado de um lado, eu do outro, o Marco do outro, a Madalena do outro. O João .. o João é mais, como dize, ele nem foi vê o pai, ele fico só de longe, mas parece que não enxergo. Agora o José ele tava lá, mas não tava muito.

Aparentemente, Maria vive um conflito em relação a morte, pois afirma acreditar que seu esposo vive em outra dimensão e que apenas seu corpo foi enterrado, porém, tem atitudes desesperadoras diante da morte do mesmo.

Em outro trecho ela fala da morte de seu filho:

Que nem quando o Mário faleceu, eu não vi ele depois de morto, então eu fiquei com aquilo. Daí fiquei com aquilo, daí a madrinha dele, aí a madrinha dele mando a ropa dele porque ele fico doente, interno e eu não vi mais ele. Então, daí passado uns quinze, vinte dia, eu não podia levanta, tava com hemorragia. Aí ela trouxe a cruz, tudo aqui pra enterra, fez tudo e eu não vi ele. Ela que compro a ropinha, tudo, ela veio aqui fala comigo. Eu tava num desespero danado, aí ela falo: olha Maria, não chore, não fique triste, reze por ele que ta melhor do que nós, tenho certeza que ele ta melhor do que nós. Mas eu até hoje tenho aquela impresson que o Mário não faleceu, porque tinha muita gente lá no hospital que pedia ele pra mim, e os médico, tudo vinha lá porque ele era um menino lindo, tinha visto ele antes de nasce, com um santo na (...)

Daí o dia que eu fui leva flor lá que a madrinha trouxe eu fiquei fora de si e eu comecei chora e cavoca e grita e cavoca. Aí o Amaro tirava eu de cima, eu vortava. Aí tiveram que chama os covero pra tira eu de lá de dentro. Porque eu não conseguia sai de lá porque pra mim ele tava vivo lá dentro. Eles tinham enterrado ele vivo. Como eu não vi ele, então pra mim ele tinham enterrado ele vivo. Aí que eu fiquei ruim, fiquei com depresson, aquela choradeira, nada me consolava, vivia só chorando, chorando, chorando.

Aparentemente, Maria aceitou a morte de seu filho e, acabou criando uma ilusão de que o mesmo pudesse ter sido “roubado” no hospital. O fato dela não tê-lo visto morto contribuiu para que ela acreditasse na ilusão que criou.

A maneira como ela reagiu no cemitério quando foi visitá-lo também pode denotar a não aceitação da morte e a tentativa de tê-lo de volta, quando tentava desenterrá-lo. Essas reações desesperadoras parecem constantes na relação de Maria com a morte de seus entes queridos, como é possível notar nesse trecho quando ela relata o enterro de seu esposo: *“Aí pra mim foi o fim do mundo. Ai como eu... eu... eu não queria deixa enterra. Do meu irmão fiz a mesma coisa. Fiz um escândalo pra enterra meu irmão que cê nem imagina. E é duro, é duro vê enterra.”*

Para alguns, não é só o momento de enterrar que é difícil, mas todo o processo de doença que leva a morte, pois hoje não sabemos lidar com as pessoas que sabem estar morrendo, seja com uma doença incurável, ou em fase terminal. Normalmente, nos afastamos delas e não sabemos o que dizer quando querem discutir o momento que vivem. Então, como lidaremos com o nosso tempo de morrer?

O “tempo de morrer” tem um valor. Portanto, deve ser respeitado porque tem um sentido, mesmo se este nos escapa. É o tempo das últimas permutas de vida, o tempo de fechar o círculo, o tempo de preparar-se para passar para a “outra vida”, seja qual for a representação que dela se tenha, e mesmo se essa outra vida permanece um mistério completo. (HENNEZEL, 1999, p. 40).

Cada qual terá a oportunidade de viver esse momento na vida e lidar com essa perspectiva. Porém, lidamos com essa questão de maneira intensa e avassaladora quando um ente querido falece. É muito difícil definir se é mais doloroso lidar com a própria morte ou a de alguém que se ama. Para Luft:

*Mas a perda do amor levado pela morte é a perda das perdas. Ela nos obriga a andar por cenários do nosso interior mais desconhecido: o das nossas crenças, nossa espiritualidade, nossa transcendência em suma. Aprender a perder a pessoa amada é afinal aprender a ganhar-se a si mesmo, e ganhar, de outra forma – realmente assumindo -, todo o bem que ela representava (mas no cotidiano a gente nem se dava conta).* (LUFT, p. 144)

Refletir sobre essas questões não é uma atividade das mais prazerosas, porém é importante aprender com a dor. Nesse texto tratamos da aprendizagem e creio que lidar com a dor da perda seja uma das grandes aprendizagens que temos na vida. É importante não perder a oportunidade de melhorar nossas perspectivas diante da vida e ampliar nossa visão de futuro e, às vezes, rever nossos projetos de vida.

Por isso, concordo com Luft quando ela aborda a importância de vivenciar a dor da perda da pessoa amada:

O luto é necessário – ou a dor ficará soterrada debaixo da futilidade, sua raiz enterrando-se ainda mais fundo, seu fogo queimando nossas últimas reservas de vitalidade, e fechando todas as saídas... Se não formos doentes nem perversos, a dor por fim se consumirá em si mesma. ( LUFT, p. 142)

Consumir a dor, eis a difícil tarefa quando se perde um ente querido. Ela também aparece quando nos desiludimos ou nos descobrimos sem uma perspectiva de futuro que nos dê sentido para a vida. É uma lição que não se

aprende na escola e que depende muito da nossa relação com a morte durante a vida.

Muitas das aprendizagens necessárias para uma vida feliz, não acontecem na escola, por isso, a perspectiva apresentada nesse texto é mais abrangente .

O próximo capítulo traz uma perspectiva da literatura, através de Luft, procurando apresentar a contribuição da literatura para a discussão que se propõe esse texto.

## CAPÍTULO 6

### A PERSPECTIVA DE LYA LUFT: A CONTRIBUIÇÃO DA LEVEZA DA LITERATURA

*Foram-se os amores que tive  
Ou me tiveram:  
Partiram  
Num cortejo silencioso e iluminado.  
O tempo me ensinou  
A não acreditar demais na morte  
Nem a desistir da vida: cultivo  
Alegrias num jardim  
Onde estamos eu, os sonhos idos,  
Os velhos amores e seus segredos.  
E a esperança – que rebrilha como pedrinhas de cor entre as  
raízes.*

*(Secreta mirada, 1997, apud LUFT, 2004, p. 102).*

Para iluminar através da literatura a questão da existência humana, utilizarei o texto “Perdas e Ganhos” de Luft. Ela apresenta uma visão mais suave sobre a mesma questão tratada por Sartre e Frankl.

Para a autora, “... viver deveria ser – até o último pensamento e o derradeiro olhar – transformar-se. (LUFT, 2004, p. 16)”.

Nessa obra Luft apresenta um conceito “novo” de existencialismo, mais sutil, mais leve e até certo ponto compreensivo: “Escrevo continuamente sobre sermos responsáveis e inocentes em relação ao que nos acontece. ( LUFT, 2004, p. 16)”.

A inocência vem daquilo que desconhecemos, ignoramos ou mesmo não atentamos quando optamos por determinado caminho. Existem situações que fogem ao nosso controle e nos mostram como podemos ser frágeis perante a dinâmica da vida.

O texto de Luft fala ao coração. Leva a reflexão pelo sentimento, pela emoção e não pelos caminhos rígidos da racionalidade. Durante todo o texto, ela reflete sobre o papel da família, a vida e seus conflitos, o processo de envelhecimento, entre outros.

Das reflexões que ela propõe em sua obra duas serão pertinentes na discussão desse presente artigo: a questão da existência e o processo de envelhecimento, que será mais elaborado em capítulo específico e posterior.

A perspectiva de Luft em relação à existência é mais suave do que a apresentada por Sartre. As afirmações dele são mais duras, nada comparáveis ao toque leve que a literatura e a feminilidade de Luft apresentam.

Em dado momento ela compara as plantas de seu jardim, que cuida diariamente, aos seres humanos, grifando que a diferença entre ambos, é que o último pode pensar. Ela diz que o homem:

Pode exercer uma relativa liberdade. Dentro de certos limites, podemos intervir. Por isso, mais uma vez, *somos responsáveis*, também por nós.

Somos no mínimo *co-responsáveis* pelo que fazemos com a bagagem que nos deram para esse trajeto entre nascer e morrer. Carregamos muito peso inútil. Largamos no caminho objetos que poderiam ser preciosos e recolhemos inutilidades. Corremos sem parar até aquele fim temido, raramente nos sentamos para olhar em torno, avaliar o caminho, e modificar ou manter nosso **projeto pessoal**. (LUFT, 2004, p.27)<sup>15</sup>

Maria traz em seu relato memória de momentos difíceis e, aparentemente, no momento em que contava sua história, também refletia sobre o caminho traçado, encontrando um novo sentido para as situações já vivenciadas. Em alguns momentos, tive a impressão de que ela ao contar as dificuldades também se regozijava por ter enfrentado os momentos e estar bem:

É não é fácil... Morei no meio do mato, não tinha nem vizinho, nada. Quando eu tive o Pedro estava sozinha aqui, eu e Deus. O médico veio aqui não tinha nem por onde ele entra porque não tinha caminho, não tinha estrada, não tinha água, não tinha luz, não tinha esgoto, não tinha nada. (...) eu nunca dei uma maçã pro meu filho, nunca dei uma pêra. Papinha eu cozinhava a batatinha no feijon misturava chuchu, amassava e dava com o cardinho do feijon. Não tinha dinheiro pra compra o leite, que pouco tinha leite em casa. Que mais nunca farto era o pão, que meu marido era padero e tinha pão, né? Mas se não tivesse o pão, também não tinha o que come.

Conscientemente, Maria não tinha e ainda parece não ter uma noção de projeto pessoal como coloca Luft. Porém, ela foi enfrentando as situações que se apresentaram tendo alguns objetivos claros: a importância da família, a criação dos filhos e sua educação e, posteriormente, a educação dos netos.

O conceito de projeto pessoal elaborado por Luft é mais flexível e mais embasado na psicologia. Em alguns momentos ela retrata os movimentos de mudança que se instalam na vida e a importância do projeto:

---

<sup>15</sup> O conceito de projeto pessoal de Luft se aproxima, com algumas ressalvas, ao projeto de vida de Sartre.

Sair do estabelecido e habitual, mesmo ruim, é sempre perturbador. O desejo de ser mais livre é forte, o medo de sair da situação conhecida, por pior que ela seja, pode ser maior ainda. Para nos reorganizarmos precisamos nos desmontar, refazer esse enigma nosso e descobrir qual é, afinal, o projeto de cada um de nós. (LUFT, 2004, p. 34)

Essa fala de Luft traz a parte principal da reflexão aqui proposta: a importância do projeto de vida ou, projeto pessoal como ela coloca. O que nos impulsiona, não nos faz desistir de tentar, ou mesmo de viver, são os projetos que temos, o desejo de liberdade, a coragem de enfrentar o novo, seja ele uma situação nova, ou uma nova maneira de lidar com a situação antiga. Ainda assim, somos responsáveis perante a vida (e nós mesmos) por aquilo que fizemos.

Para Maria a família e seu casamento sempre tiveram papel importante em seu projeto pessoal e comemorar 50 anos de casada foi um grande acontecimento, conforme ela relatou em sua primeira entrevista em 2001:

Dia 19 de maio fez 50 anos de casado. Tive uma festinha, que os meus filho fizeram uma festa. Fiquei muito contente, muito alegre com meus neto, com minhas neta, com toda a família. Tinha bastante gente, conhecido, amigo, amigos muito bom.

Sendo assim, a idade em que me encontro não deve ser um entrave ou uma desculpa para minhas realizações. Por que não ter um projeto aos 70 anos de idade?

Envelhecer com projetos, melhor, viver com projetos, ou ter projetos para viver. Assim seria nossa vida se pensássemos mais nos ganhos que tivemos (e temos) durante a vida do que nas perdas.

Maria teve uma grande perda em sua vida que foi a morte de seu marido. Essa dor ela ainda hoje sente muito forte e parece que está enfrentando algumas dificuldades em deixar que ela se consuma.

Se eu falar eu não vou casar mais, eu não vou mais querer home, porque eu não vou mais quere mesmo. Não vou, não sou falsa. Já teve gente que falou que eu to muito bonita, que ando muito bem arrumada, que onde se viu fica sozinha que devia arruma home que home tem muito por aí que quer arruma mulher, mas eu não quero. Não quero porque eu não me sinto bem traze outro home no lugar do meu marido. Eu não tenho, eu tenho ciúme da onde ele dormia, sou franca a falar, não goste que ninguém deite no lado que ele dormia porque eu acho que o lugar era dele e vai ser dele até eu morrer.

Luft não deixa de tratar da perda, das dores sofridas no decorrer da vida e da importância de estarmos atentos ao nosso projeto pessoal. Ela fala, inclusive da necessidade de sentirmos a dor, mas não nos deixarmos envolver por ela, percebendo que ela se consome em si mesma.

De uma certa maneira, essa é uma das mensagens mais significativas que Luft traz em suas reflexões sobre a vida durante o livro, principalmente, no que diz respeito ao processo de envelhecimento, visto como um problema, um mal a ser combatido por nossa sociedade. Luft sinaliza as vantagens de envelhecer:

Amadurecer serve para isso: o novo olhar, na lucidez de certo distanciamento, permite compreender aspectos nossos e alheios antes obscuros. Por vezes promove-se uma espécie de *anistia*. Partindo dela podem-se reconfigurar padrões. Gosto de usar a palavra *anistiar* – melhor que perdão, pois não tem conotação religiosa, nem dá a idéia de que somos bonzinhos perdoando alguém. Nem a nós mesmos. (LUFT, 2004, p. 68)

Essa postura diante da vida promove uma existência mais significativa e feliz. Por isso, insisto na importância do projeto de vida, ou pessoal como coloca Luft: muitos serão os desafios, algumas as fatalidades, sobretudo, existe em cada um o desejo de liberdade e desenvolvimento, esse é o movimento da vida.

Maria parece não perceber que vive esse processo de envelhecimento, ou amadurecimento como coloca Luft. Ela simplesmente viveu sua vida com muita

criatividade, garra e coragem e hoje, percebe através dos outros que o tempo passou, pois seus filhos e netos estão criados e não precisam mais dela. Nesse momento, ela está com tempo para cuidar de si, talvez como jamais tenha encontrado tempo em toda sua vida.

Concordo com Luft quando ela diz que:

Acredito que viver é elaborar e criar: são inevitáveis as fatalidades, doença e morte. O resto – que é todo o vasto interior e exterior – eu mesma construo. Sou dona do meu destino. É mais cômodo queixar-se da sorte em lugar de rever minhas escolhas e melhorar meus projetos. (LUFT, 2004. p. 107)

Maria, a sua maneira, elaborou e criou a partir das fatalidades que se apresentaram no caminho. Ela construiu sua vida, se valendo de sua força, amor e criatividade. Hoje, se encontra num momento mais sensível e suscetível, porém, ainda existe a possibilidade de, como sempre fez, “dar a volta por cima” e descobrir um novo sentido para sua vida.

É importante lembrar que em qualquer momento da vida podemos rever nossas escolhas, inclusive aos sessenta, setenta, oitenta... E segundo Luft com algumas vantagens:

Finalmente, depois de tantas peripécias parece que ao menos do ponto de vista cronológico amadurecemos. Parece que chegamos a um patamar confortável. Superamos dores, cumprimos tarefas, já realizamos coisas que seriam impensáveis na juventude. Agora é recostar-se para trás e traçar projetos de liberdade: uma viagem, um novo curso, os livros para ler, as dores para esquecer, os amigos a encontrar. Mexer nas minhas plantas. Abrir as persianas e vibrar porque a manhã está deslumbrante e temos uma hora para caminhar nas ruas onde andamos há muitos anos: cada folha, cada muro é um conhecido íntimo – e também isso é bom... A tarefa de viver nunca se conclui... (LUFT, 2004, p.120)

Aparentemente Maria ainda não percebeu essas vantagens do amadurecimento. Ela tem se sentido sozinha e praticamente “inútil”, pois seus filhos e netos não precisam mais de sua ajuda para criá-los, todos estão crescidos.

É como se ela tivesse vivendo o momento de perda da “identidade cuidadora” e agora não restasse muito a fazer, a não ser cuidar de si e dos seus projetos pessoais. É uma nova etapa da vida de Maria, pois a vida não se conclui, como diz Luft.

Na verdade, ela se conclui na morte (e para alguns nem com ela). Em seu livro Luft utiliza uma fábula para ilustrar como fugimos da morte e como nos valorizamos pouco. A contarei aqui para ampliar essa reflexão. A fábula é a seguinte:

*O homem estava pegando as chaves do carro (a mulher já tinha saído para levar as crianças à escola) quando tocaram a campainha.*

*Vagamente irritado, pois já se atrasara bastante, ele abre a porta:*

- *Sim?*

*O rapaz alto e estranho, andrógino, belo e feio, alto e baixo, negro e louro, faz um sinalzinho dobrando o indicador.*

- *Vim buscar você.*

*Não era preciso explicar, o homem entendeu na hora: o Anjo da Morte estava ali, e não havia como escapar. Mas acostumado a negociações, mesmo perturbado ele rapidamente pensou que era cedo, cedo demais, e tentou argumentar:*

- *Mas, como, o quê? Agora, assim sem aviso sem nada? Nem um prazo decente?*

*O Anjo sorri, um sorriso bondoso e perverso, suspira e diz:*

- *Mas ninguém tem a originalidade de me receber com simpatia neste mundo, ninguém nunca está preparado? Está certo que você só tem 40 anos, mas mesmo os de 80 se recusam...*

*O homem agarrou mais firme a chave do carro, que afinal encontrara no bolso do paletó, e insistiu:*

- *Vem cá, me dá uma chance.*

*O Anjo teve pena, aquele grandalhão estava realmente apavorado. Ah, os humanos... Então teve um acesso de bondade e concedeu:*

- *Tudo bem. Eu te dou uma chance, se você me der três boas razões para não vir comigo desta vez.*

*(Passava um brilho malicioso nos olhos azuis e negros daquele Anjo?)*

*O homem apurou-se, claro, ele sabia que ia dar certo, sempre fora bom negociador. Mas quando abria a boca para começar sua ladainha de razões, muito mais que três, ah sim, o Anjo ergueu um dedo imperioso:*

- *Espera aí. Três boas razões, mas ... não vale dizer que seus negócios precisam ser organizados, sua família não está garantida, sua mulher nem sabe assinar cheque, seus filhos nada sabem da realidade. O que interessa é você mesmo. Por que valeria a pena ainda te deixar por aqui algum tempo? (LUFT, 2004, p.54 e 55).*

Suponho que a pergunta mais importante quando se trata de projeto de vida ou projeto pessoal, como aborda Luft, seja a que o Anjo da morte faz ao homem da fábula: *O que interessa é você mesmo. Por que valeria a pena ainda te deixar por aqui algum tempo?*

O que Maria responderia para o anjo da Morte? Será que ela perceberia nesse momento de sua vida alguma razão para justificar sua estadia por mais algum tempo na Terra? Pela situação em que encontrei Maria nessa última entrevista, é provável que ela tivesse alguma dificuldade para encontrar razões centradas em sua vida e seus próprios projetos, pois quando questionada sobre seus planos para o futuro, ela falou do que fazer para seus filhos e netos e não conseguiu dizer o que fazer por si própria.

Quais motivos dar à Morte para justificar a estadia na Terra por mais algum tempo? São eles que nos impulsionam nas dificuldades, nos momentos de desilusão ou desespero: o valor que a pessoa dá a si e a sua vida, ou como diria

Frankl o sentido que encontramos na vida e, conseqüentemente, no sofrimento. Com isso não estou pregando o egoísmo ou narcisismo, mas a realização de projetos enquanto ser humano, com vistas ao bem-estar da humanidade.

Isso pode parecer romântico para alguns ou piegas para outros. Porém, quando se chega a uma certa idade, principalmente na velhice, é preciso que se acredite na vida, apesar dos desgostos e das perdas enfrentadas. Perceber, como diz Luft em alguns momentos do livro, que perdemos muitas coisas (pessoas, ilusões, oportunidades...), porém ganhamos muito mais do que perdemos.

Sem essa perspectiva, ficaríamos inertes ou reclamando do que a vida nos fez, colocando sempre no outro a responsabilidade por aquilo que nos acontece. Nesse sentido, a filosofia existencialista é uma contribuição para essa reflexão, já que ela coloca o homem como responsável por suas escolhas, mesmo com algumas objeções a certos extremismos.

A vida é sempre a nossa vida, aos 12 anos, aos 30 anos, aos 70. Dela podemos fazer alguma coisa mesmo quando nos dizem que não. Dentro dos limites, do possível, do sensato (até alguma vez do insensato), podemos. Só seremos nada se acharmos que merecemos menos de tudo que ainda é possível obter. (LUFT, p. 137)

De fato, viver pode parecer assustador em algumas situações, porém, enfrentá-las nos faz melhor, ou no mínimo, menos medrosos em relação à situação vivida. É uma chance de aprendermos a lidar com alguns “fantasmas” que rondam nossa vida em vários momentos: infância, adolescência, maturidade e velhice. Luft fala da completude de cada fase do ser humano e concordo com ela:

Somos seres humanos completos em qualquer fase, na completude daquela fase. Custa-nos acreditar nisso na velhice, como na adolescência era difícil termos confiança em nós e nossas escolhas quanto ao futuro. (LUFT, p. 131)

O futuro sempre nos parece uma grande incógnita em qualquer fase de nossa vida. Confiar em si mesmo, de fato não é uma tarefa tão simples quando se vive um momento decisivo. Creio que para as mulheres, viver possa ser mais suave, em alguns momentos, do que para os homens, devido à facilidade que as mesmas encontram em compartilhar nas tomadas de decisão. Luft aborda esse tema em seu livro:

... mulheres têm maior capacidade de formar laços, de curtir afetos, de se reunir em grupo. São mais solidárias e mais cúmplices entre si. Talvez com mais capacidade de alegria. (LUFT, p. 109)

Isso não significa que não temos enquanto gênero questões que nos façam refletir, às vezes até sofrer. Porém, o ato de compartilhar parece fazer com que o peso de algumas decisões, na dinâmica da vida, diminua. Enfim, viver se torna mais leve, proporcionando alegrar-se com pequenas coisas do cotidiano.

Maria também encontrou outras mulheres para compartilhar os momentos difíceis e traz essa experiência em vários momentos de seu relato, nesse ela conta como a solidariedade e a cumplicidade da vizinha a auxiliaram a superar as dificuldades de ordem material:

Fiquei em Concha com uma roupa que tinha... lá era sítio, morava lá e puseram apelido ne mim da mulher de bola, porque não tinha outro vestido pra por, era aquele memo. O dia que a vizinha lavava o meu vestido eu ficava dentro de casa. O dia que eu lavava o dela ela ficava dentro de casa, que é madrinha da Madalena agora ... Ih! O que eu tenho pra conta dá um...

Superar sempre parece ter sido seu lema. Todas as situações que se lhe apresentaram foram superadas. Sua coragem e criatividade podem ser utilizadas

como exemplo para muitas mulheres e, com certeza, muitas delas viveram e superaram situações semelhantes.

Nesse sentido, gostaria de compartilhar com um trecho de Luft que fala dessa capacidade de recriar-se a todo o momento essa dinâmica perceptível na vida de Maria. Luft faz uma síntese, quase poética, da vida:

Viver, como talvez morrer, é recriar-se a cada momento. Arte e artifício, exercício e invenção no espelho posto à nossa frente ao nascermos. Algumas visões serão miragens: ilhas de algas flutuantes que nos farão afundar. Outras pendem em galhos altos demais para nossa tímida esperança. Outras ainda rebrilham, mas a gente não percebe – ou não acredita. A vida não está aí apenas para ser suportada ou vivida, mas elaborada. Eventualmente reprogramada. Conscientemente executada. Não é preciso realizar nada de espetacular. Mas que o mínimo seja o máximo que a gente conseguiu fazer consigo mesmo. (LUFT, p. 155)

Essa é uma das grandes reflexões propostas no livro e a que mais aborda o quanto precisamos rever conceitos e refletir em cada fase da vida em relação a nossas escolhas, sem nos escondermos atrás de determinismos ou afins.

Nesse aspecto Maria parece ter conseguido realizar o máximo consigo e hoje enfrenta algumas dificuldades para rever e viver essa nova fase de sua vida. Acredito que com algum auxílio da família e utilizando toda sua força, coragem e criatividade ela consiga superar esse novo momento que se lhe apresenta.

É com o passar do tempo que aprendemos a lidar com as vicissitudes da vida. E com o passar dos anos, vamos envelhecendo e nos deparando com mudanças biológicas, além das psicológicas. Para iluminarmos um pouco esse processo de envelhecimento, propomos um diálogo entre a Biogerontologia e a Gerontologia no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 7

### ALGUMAS LUZES SOBRE O ENVELHECIMENTO: UMA PROPOSTA DE DIÁLOGO ENTRE A BIOGERONTOLOGIA E A GERONTOLOGIA

*(O envelhecimento) é o que acontece enquanto  
estamos ocupados fazendo outros planos.*

(HAYFLICK, 1996, p. 301)

Este capítulo pretende apresentar uma discussão sobre o processo de envelhecimento, tendo em vista este ser inerente aos seres vivos, talvez de maneira mais perceptível no homem, procurando relacioná-lo ao relato de Maria e aos demais capítulos.

Para iluminar o tema será utilizado o texto “Como e por que envelhecemos” de Hayflick (1996): um compêndio de pesquisas realizadas, principalmente nos Estados Unidos sobre o processo de envelhecimento, apresentando as contribuições da Biogerontologia e também textos de Gerontologia para ampliar o diálogo sobre o tema.

Optei por duas perspectivas do envelhecimento com o intuito de ampliar o diálogo. A Biogerontologia traz uma perspectiva mais voltada para as perdas orgânicas e biológicas que advêm com a idade (HAYFLICK, 1996). A Gerontologia reconhece as perdas, porém encara o processo como parte do desenvolvimento humano (FRAIMAN, 1995).

Para iniciar a discussão apresento as contribuições da Biogerontologia e dos aspectos orgânicos que fazem parte do tema.

## **1. A contribuição da Biogerontologia**

A tarefa de definir o envelhecimento não é das mais simples, pela amplitude do conceito e a falta de fatores mensuráveis e confiáveis, por isso Hayflick coloca que:

O envelhecimento não é a mera passagem do tempo. É a manifestação de eventos biológicos que ocorrem ao longo de um período. Não existe uma definição perfeita para o envelhecimento mas, como ocorre com o amor e a beleza, grande parte de nós o reconhece quando o sente ou vê. (HAYFLICK , 1996, p. 04)

Em relação às dificuldades para definir a idade biológica das pessoas, o autor apresenta uma perspectiva biológica de nossa transitoriedade:

Todos nós somos compostos de bilhões de células individuais e dos produtos gerados pelas células. A maioria das células presentes no nosso organismo hoje não estava presente há cinco ou dez anos. Na verdade, algumas não estavam presentes nem mesmo ontem. (HAYFLICK, 1996, p. 08)

Ainda não existem técnicas de mensuração para a verdadeira idade biológica das pessoas. Sendo assim, uma pessoa com idade cronológica de 25 anos poderia ter uma idade biológica superior ou inferior à cronológica. Será que definir a idade biológica indicaria a longevidade da pessoa?

É uma questão para qual não busco resposta nesse texto, porém existem várias pesquisas no mundo para retardar o envelhecimento das pessoas, ou até, em alguns casos, cessá-lo.

Nessa discussão importa discutir a transitoriedade do ser humano, ou seja, a existência do corpo biológico é tão ou mais dinâmica do que a essência humana, no sentido filosófico. Envelhecendo ou não, a dinâmica de mudanças no organismo é intensa e constante.

É interessante notar que Maria não percebe essas perdas orgânicas decorrentes da idade como um problema. Na verdade, tenho a impressão de que ela não se percebe envelhecer. A dinâmica de sua vida não permitiu que ela fixasse sua atenção nas perdas orgânicas.

No livro “Como e por que envelhecemos?” o autor diferencia a concepção de três palavras: longevidade, envelhecimento e morte para clarear a discussão do tema e evitar equívocos quando se usa cada termo:

*Longevidade* é o período de tempo no qual se pode esperar que um animal viva, dadas as melhores circunstâncias. No caso dos seres humanos recém-nascidos, a longevidade média (expectativa de vida) nos países desenvolvidos é de cerca de 75 anos e a longevidade máxima (tempo de vida) é de cerca de 115 anos. A pergunta essencial sobre a

longevidade é: Por que vivemos tanto? *Envelhecimento* representa as perdas na função normal que ocorrem após a maturação sexual e continuam até a longevidade máxima para os membros de uma espécie. A pergunta essencial do envelhecimento é: Por que envelhecemos? *Morte* é o evento final no qual a vida termina. Não é, como disse um piadista, a forma da natureza nos dizer para diminuirmos o ritmo. A pergunta essencial sobre a morte, obviamente, é: Por que morremos? (HAYFLICK, 1996, p. 07)

Essa distinção auxilia na compreensão de alguns mitos e na reflexão que esse texto propõe. O primeiro é de que a morte está associada ao envelhecimento. Como coloca o autor em suas definições, a morte é o evento final da vida, ou seja, ela encerra o funcionamento daquilo que conhecemos como corpo/matéria. O envelhecimento é a perda das funções normais após a maturação.

A morte ocorre em pessoas das mais variadas idades, então por que associá-las ao envelhecimento? Uma das respostas para essa questão é a forte influência que sofremos dessa sociedade consumista na qual vivemos: ela valoriza o jovem, o novo e descarta o velho, em todos os sentidos.

Nessa perspectiva fica mais simples de compreender o que assusta no envelhecimento: a perda daquilo que a sociedade mais valoriza, a aparência “saudável” (termo bastante discutível) e a perda da vitalidade.

Sem dúvida, todas as pessoas que envelhecem se vêm impelidas a lidar com o processo que se lhe apresenta. E, a maneira como cada qual lida com seu próprio envelhecimento, reconhecendo os limites do corpo, lidando com a perspectiva da morte e com as transformações decorrentes deste fato, diferencia um processo de envelhecimento que levará a uma velhice considerada saudável, daquela conhecida pela sociedade ocidental: a estigmatizada.

Pelo observado, Maria mesmo sem consciência total do processo de perda descrito mais detidamente pela Biogerontologia, vive uma velhice saudável, pois a encara como parte natural de seu desenvolvimento. Talvez, a crise existencial que esteja passando nesse momento possa contribuir para o desencadeamento de um

processo depressivo. Porém, provavelmente a força e coragem subjacentes demonstradas ao longo de sua existência a auxiliarão nesse novo aprendizado.

Um dos grandes mitos em relação ao envelhecimento é que com o passar dos anos as pessoas perdem a capacidade de aprender. Não há dúvida de que existe maior incidência de algumas doenças em pessoas mais velhas e de que há uma perda na memória a curto prazo (HAYFLICK, 1996), porém:

Percebemos que a perda da capacidade mental decorrente do envelhecimento não é inevitável. A antiga idéia de que a senilidade é um componente normal do envelhecimento está simplesmente errada (p. 155).

Hoje, existem muitos espaços na sociedade para os, assim denominados, idosos, pois, o aumento da expectativa de vida revelou a necessidade que já existia, mas ficou mais evidenciada, de encontrar espaços e maneiras de lidar com o fato de as pessoas envelhecerem e continuarem fazendo parte da sociedade, sem o uso de subterfúgio para escondê-las ou excluí-las.

Inclusive a ciência voltou-se para esse processo, desenvolvendo diversos estudos e, novas áreas, como no caso da Biogerontologia, Gerontologia e Geriatria. Os avanços na área da Neuropsicologia também auxiliaram na mudança de paradigma do processo de envelhecimento, contribuindo para o tratamento e pesquisa de doenças degenerativas do sistema nervoso, mais especificamente.

Mesmo assim, seria ingenuidade negar as conseqüências do envelhecimento para o ser humano, pois elas se fazem presentes em toda a dinâmica do organismo, inclusive no cérebro. Apesar de cada neurônio ser capaz de interagir com, mais ou menos, dez mil neurônios, com o avançar da idade, pode acontecer que em algumas partes do cérebro de uma pessoa idosa, as sinapses se alterem ou se percam. Além disso, também ocorre diminuição de substâncias químicas na atividade neurotransmissora (HAYFLICK, 1996).

Essa diminuição de substâncias químicas na atividade neurotransmissora pode vir a influenciar nas sinapses, que são as conexões entre os neurônios. O número de neurônios varia de pessoa para pessoa. É o DNA, código genético, que

determina o número de neurônios de uma pessoa. O fator de crescimento neuronal determina a multiplicação até alcançar o número determinado pelo DNA:

Uma importante propriedade do tecido nervoso é a sua não-reprodutibilidade. Todas as células neurais do indivíduo já lhe são conferidas à concepção, e nada mais fazem senão desenvolver-se através de processos de crescimento, até atingirem a maturidade... quando então inicia-se o lento e inexorável processo do envelhecimento celular, que culminará após um prazo de tempo variável (de indivíduo para indivíduo) na morte do neurônio, acarretando a perda funcional correspondente. As lesões estruturais do neurônio de ordinário induzem DEGENERAÇÃO celular com morte neuronal, o que é atribuível à complexidade morfológica e funcional desse tipo celular. As alterações funcionais (como a dos sistemas enzimáticos, ou da nutrição neuronal) podem ou não acarretar danos definitivos (terminando pela morte celular), na dependência de sua intensidade e/ou duração... (DALCIN, 1999, p. 01).

Diferente de outras células do corpo, que se reproduzem, o neurônio não possui essa característica, depois de atingirem a maturidade, inicia-se o processo de envelhecimento, levando a morte do neurônio, período que pode variar de pessoa para pessoa. Porém, as pesquisas já mostraram que em algumas situações, a plasticidade cerebral permite uma “readaptação” das sinapses, num processo de auto-organização, mantendo as funções que podem se perder com a morte do neurônio.

...observamos que (a) a função neural é capaz de algum grau de recuperação funcional (independente do fator trófico citado acima), quando os danos ao neurônio puderem ser compensados metabolicamente; (b) se o neurônio for inutilizado, é possível em determinados casos sua substituição funcional por outro neurônio similar pré-existente, que passará a "acumular" as funções do neurônio "morto"; (c) de certa forma, a PLASTICIDADE NEURONAL (que será oportunamente estudada) é u'a modalidade de "crescimento" funcional,

de ampliação das conexões do neurônio (e, por conseguinte, de sua capacidade funcional) (DALCIN, 1999, p. 01).

Sendo a plasticidade neuronal uma modalidade de ampliação das conexões do neurônio apresenta-se a possibilidade de atividade contínua do cérebro, inclusive durante o processo de envelhecimento. Existem conseqüências para todo o organismo, porém, também existe uma espécie de auto-organização que preserva a vida.

E o fator de crescimento neural, já abordado anteriormente, faz parte desse processo auto-organizativo que se apresenta no sistema nervoso pela capacidade de modificabilidade do cérebro: o crescimento de espinhas neurais permite o aumento do número de sinapses num mesmo neurônio. Apesar de não se produzir novos neurônios, há a possibilidade de ramificações daqueles já existentes, através das espinhas neurais.

Esses fatores orgânicos não estão desvinculados das influências do meio, ou seja, da constante estimulação que a pessoa recebe interagindo no grupo social ao qual pertence, ou em atividades que estimulem sua capacidade cognitiva. Nessa perspectiva, pode-se usar aquele ditado popular readaptado: “cérebro é como vinho, quanto mais velho (e estimulado), melhor”. O que faz a diferença é a contínua estimulação, que pode ser feita através das mais diversas atividades, pois os seres vivos estão continuamente aprendendo: *“aprender é condição característica e indispensável à sobrevivência da espécie humana; é, portanto, um ato de vida (ANDRADE, 1998, p. 31)”*.

Esse ato de vida não cessa quando o processo de envelhecimento se apresenta, muito pelo contrário, se torna mais presente, muitas vezes, para lidar com os preconceitos que acompanharam a pessoa durante toda sua vida e, que acabam se mostrando falsos durante o processo de envelhecimento, pois

Não é considerada a possibilidade de se manter em crescimento, pois o que nos norteia é que envelhecemos à medida que crescemos, quando podemos e devemos crescer à medida que envelhecemos (...) Saber pensar sobre suas escolhas, redescobrir a possibilidade de fazer novas

escolhas e guiar-se no sentido de conviver com as diversas fases da vida, são formas de envelhecer crescendo (DUTRA, 2002, p. 01).

Nesse sentido, responsabilizar-se por suas escolhas significa retomar a perspectiva existencialista, que considero otimista, colocada por Sartre, deixando a cargo do homem sua vida. Sendo assim, faz-se mais presente seu projeto de vida, que vai se delineando a partir de suas escolhas. São elas que definem, inclusive a maneira como esse homem envelhece.

O trabalho com pessoas nesta fase da vida vem mostrando que quando o encontro consigo mesmo ocorre, há um despertar para se ver como pessoa única, que sempre teve e terá um lugar próprio no mundo. Não é só na velhice que precisamos estar atentos, reconhecendo quem somos, quais nossos limites, etc. Mas talvez esta etapa nos obrigue a uma reflexão, a avaliar nossos projetos de vida. É a oportunidade de conseguir ir além, transcender a nós mesmos, refazendo nossos projetos ou criando novos, para a nova fase (DUTRA, 2002, p. 01).

Para Hayflick o envelhecimento não seria um fator natural e sim uma criação da civilização:

Por mais estranho que pareça, o envelhecimento, pelo menos em suas manifestações extremas, é um produto da civilização! A natureza planejou as coisas de modo que morrêssemos antes de envelhecer. Se você acredita que a natureza faz as coisas com um propósito, então o envelhecimento é um fenômeno que a natureza nunca pretendeu que experimentássemos. Nesse sentido, os esforços para ampliar a vida constituem realmente tentativas de enganar a Mãe Natureza. (1996, p.13)

Se de fato o desenvolvimento das sociedades proporcionou o envelhecimento dos indivíduos, também há um esforço para que haja melhora no

estilo de vida dessas pessoas. Esse é um dos objetivos da Biogerontologia e das ciências que estudam o envelhecimento e as conseqüências para a sociedade.

As informações trazidas pelo autor são bastante esclarecedoras, resultado de várias pesquisas citadas pelo mesmo na obra. Em relação às mudanças associadas ao envelhecimento ele esclarece que:

Essas mudanças normais que ocorrem com a idade não são doenças, e sim típicas de centenas de milhares de mudanças semelhantes, embora menos aparentes, que ocorrem em nosso organismo à medida que envelhecemos... À medida que envelhecemos, ocorrem milhares de mudanças em todos os nossos órgãos e tecidos, em cada célula que os compõe e até no cimento que une nossas células. Essas mudanças menos aparentes dão origem às manifestações mais óbvias do envelhecimento. As mudanças associadas à idade menos óbvias afetam as células individuais de praticamente todos os nossos órgãos, incluindo os sistema imunológico, endócrino e cardiovascular. O ponto importante é que essas mudanças não-aparentes associadas à idade são consideradas normais e não estados de doenças... As doenças associadas à velhice *não* são parte do processo normal de envelhecimento. Câncer, doenças cardíacas, doença de Alzheimer e derrames tornam-se mais prevalentes à medida que envelhecemos devido à nossa menor capacidade de combatê-los. Assim, embora as perdas funcionais que ocorrem em nossos sistemas vitais com o envelhecimento sejam eventos normais, elas realmente aumentam nossa vulnerabilidade a doenças ou acidentes. E, ao contrário do envelhecimento, as doenças não são normais. (HAYFLICK, 1996, p. 36)

As mudanças acontecem em nosso organismo o tempo todo, porém aqueles relacionados ao envelhecimento e que são visíveis podem trazer algumas dificuldades para quem as vive.

Por isso, Luft relembra a paciência que se faz necessária conforme a idade vai avançando:

Gostar de seu velho corpo com sua necessidade de cuidados e de amor, de mais treinamento para que funcione direito, de paciência porque nem sempre é como lembro que foi um dia, é uma forma de felicidade que a experiência pode ensinar. (LUFT, p. 130)

Lidar com as limitações do corpo, em qualquer idade, exige paciência e persistência. Durante sua obra Hayflick explicitando, além dos resultados de pesquisa, as perdas que o organismo vai sofrendo conforme o tempo passa. Ele coloca a idade de maturação para cada tipo de sistema ou mesmo as alterações dos sentidos.

Junto com essas alterações fisiológicas, vêm as psíquicas: a imagem que as pessoas têm de si pode mudar e as limitações se fazerem tão presentes que podem impedi-las de perceber as possibilidades que se apresentam, isso, em qualquer idade.

O cuidado conosco começa, na verdade, com a prevenção, que deveria iniciar na juventude: cuidar da alimentação, fazer exercícios físicos, cuidar das nossas emoções e sentimentos. Podemos encarar nossa finitude com qualidade de vida, e enfrentar nosso último exercício, o de morrer, com o êxito de nossa existência. Nem viver em função da morte, sempre próxima, nem, por outro lado, ignorá-la. Esta é uma tarefa para a vida toda, mas freqüentemente nos esquecemos de incluí-la em nossos projetos existenciais (DUTRA, 2002, p. 01).

Luft faz um alerta em sua obra “Perdas e ganhos” quando se trata dessa questão:

Essa é a sentença condenatória: na sua idade, na minha idade. Não perdemos (alegria, saúde, amores): nós os roubamos de nós mesmos. E nos boicotamos adotando frases comuns como essas:

‘Estou velha, minhas mãos ficaram feias, não vou usar mais meus anéis.’

'Para que comprar um terno novo, se estou velho? Quantas vezes ainda ou usar?'

'Para que comprar um vestido novo, para que pintar a casa, para que reformar o sofá, se estou velho?'

Então está decretado que os velhos usam calças largas demais, sapatos cambaios, cabelo descuidado, e sentam no sofá puído. Seria bom perguntar em que medida eles mesmos dão força aos rótulos sobre sua idade, adequando-se a esse clichê, ainda que lhes custe muito. Ainda que tivessem outra opção. (LUFT, p. 135 e 136)

Maria parece não sentir essa sentença e nem se boicotar, pois é possível perceber em alguns momentos de seu relato que há uma preocupação em cuidar de si, "*Já teve gente que falou que eu to muito bonita, que ando muito bem arrumada*", em cuidar da casa:

Eu sempre conservo, eu qualquer coisa que quebra eu já chamo o home. Outro dia estoro o cano do lado de lá, aí falei pro José, o José falo vire-se, desse jeito. Em vez de fala, não mãe deixa que eu mando arruma, né? Ele olho, vire-se. Falei, mas o cano ta estorado do seu lado. Falo, eu não tenho nada com isso. Peguei, chamei o moço e, o moço arrumo. Agora outro dia tava... tava estragada a lâmpada lá fora, o João arrumo. Outro dia ele... não sei que tava quebrado também ele vem ele arruma, o João arruma. A, domingo passado, semana passada queimo a luz da cozinha e a Madalena arrumo, mas não parava acesa, ele veio arrumo a luz, o João ele cuida da casa, ele não deixa de arruma, quando... agora ele diz que vai, eles vão reforma, faze um andaime encima da oficina e eles vão tira aquelas teia e vão por outra. Então aquelas teia ele vai aproveita, vai arruma tudo lá trás que as teia tão tudo rachando. Que dize que ele ta sempre interessado em conserva a casa, nunca falo de destruí a casa.

Ela não sente este estigma e vive sua vida como um processo contínuo. É verdade que tem enfrentado uma crise pessoal, porém, ela não a relaciona com sua idade ou o fato de estar envelhecendo.

A influência da sociedade é muito grande quando se trata de envelhecimento. Hoje, vivemos um processo de transição, pois o número de pessoas com mais de sessenta e cinco anos têm aumentado, o que leva a um processo de adaptação da sociedade a essa nova realidade.

Às vezes, mudam-se os nomes, mas o tratamento e os preconceitos continuam os mesmos. Possivelmente, o tempo auxilie nesse aprendizado, tanto para quem sofre o preconceito, como para quem o pratica, pois um dia ele também poderá senti-lo na pele. Afinal, para envelhecer, nada melhor do que o próprio tempo.

## **2. A contribuição da Gerontologia**

Após o crescimento demográfico das pessoas que envelhecem, as atenções se voltaram para essa parcela da população, em todo o mundo, exigindo uma mudança de paradigma e conseqüentemente, um enfoque para compreender e lidar com a questão. Cada país tem leis e programas de assistência próprios, porém, muitos estudos (Exemplificar) foram realizados no sentido de compreender essa fase de desenvolvimento humano.

A Gerontologia é uma macrociência que estuda o envelhecimento nos seus múltiplos aspectos biopsicossociais, enfocando tanto grupos de idades, quanto as fases ou ciclos do desenvolvimento humano. Trata-se de uma proposição bem mais abrangente e integradora (...) A Gerontologia configura-se, portanto, como uma ciência multidisciplinar e predominantemente orientada para o social. Ela se propõe a rever aspectos que se referem, também, a situações familiares e satisfação vivencial, além de problemas de aposentadoria, habitação e institucionalização. (FRAIMAN, 1995, p, 26).

A Gerontologia traz uma perspectiva mais otimista sobre o processo de envelhecimento:

...a velhice é parte do desenvolvimento humano integral e não uma predestinação ao fim. É o resultado dinâmico de um processo global de uma vida, durante a qual o indivíduo se modifica incessantemente. As mudanças que um ser humano experimenta em qualquer idade podem ser lentas ou abruptas, conscientes ou inconscientes, culturais, históricas, sociais, psicológicas ou biológicas. Quando conscientizadas, requerem dele um confronto, um diálogo entre a sua situação vivencial presente e a anterior. No caso do velho, as perdas físicas e afetivas são sofridas com mais intensidade e numa frequência maior do que em qualquer outra idade. A angústia, o medo do novo, o desejo de manter a situação antiga, já conhecida, o estigma da morte iminente e outros mitos povoam a mente do velho e o conduzem a um estado de maior insegurança. A negação é um dos resultados desse confronto, tanto quanto a entrega total e depressiva, que restringe ainda mais o seu horizonte de vida. Contribui para isso a falta de dimensão poética e espiritual da vida. (FRAIMAN, 1995, p, 27).

Antes de sentir seu próprio envelhecimento, Maria conheceu o de sua mãe e seu tio, com os quais conviveu durante muitos anos: *“Ainda depois ainda tive o meu tio aqui em casa, minha mãe doente. Fiquei doze ano com a minha mãe e dezesseis ano com meu tio aqui em casa.”*

Ela cuidou deles quando precisaram de maiores cuidados, por exemplo quando da doença de sua mãe. Nesse trecho retrata como lida com a morte deles, acreditando que a vida continua e, de como fazia com os pertences dos mesmos após o enterro.

...minha mãe não chego a fala, mas eu via sempre ela, sempre tava com ela na cabeça. Só que a minha mãe acho que é um pouco mais, não sei acho que ela era um pouco mais atrasada pela morte. Agora o tio Pedro não. Tio Pedro depois que ele, fazia uns quinze dia que ele tinha falecido, ele tinha deixado um dinheiro, tinha um dinheiro ali sabe? Tudo esparramado, aí a gente acho, peguei pus nu banco, depois o Amaro falo: ah, já que ta aí vamo faze uma reforma na casa, que tava .. que minha mãe tinha hemorragia, né? Aí foi quando trocamos os piso da casa e um dia ele veio e falo pra mim, mas chamo eu mesmo, ele falo Maria, eu o que? Ele falo mais no fundo, mais no fundo tem muito mais dinheiro

que oces deixaram, ta mais no fundo. Nós falemo, a gente olho tudo, não achamo. Mas oces deixaram muito no fundo, agora esse fundo até hoje não entendi, porque o guarda-ropa já tinha ido, não tinha mais nada dentro, a ropa tinha ido tudo pro asilo, porque a gente usa manda tudo pro asilo. Da minha mãe mandei tudo, enchemo uma brasília da minha mãe e uma brasília do Amaro, do tio Pedro. E do Amaro já não, do Amaro já a Madalena levo lá pro Jerônimo, coisa que eu nunca gostei, eu não gosto, o Amaro também não gosto porque ele não... nós também... nós nunca se demo com Jerônimo, nem eu nem o Amaro.

Um dos aspectos interessantes de serem discutidos quando se trata de envelhecimento é a relatividade do tempo, pois é um tema bastante presente em nossa vida cotidiana por se tratar de um fenômeno vivenciado por todos. Não é de fácil compreensão, porém proponho que pensemos um pouco sobre o tema. Segundo MARTINS: *“o tempo não é um processo real, uma sucessão de eventos que nos dá prazer em registrar. O tempo origina-se das relações com as coisas em si mesmas (1998, p.13).”*

Esse autor discute o tema no artigo “Não somos cronos, somos kairós” que procura compreender o tempo, levando em conta algumas questões filosóficas. Gostaria de compartilhar algumas contribuições do autor:

Quando procuramos compreender uma pessoa, essa compreensão nunca se dá de forma pura, mas somente por meio das intersecções das suas varias dimensões. Precisamos, então, pensar na idéia do tempo propriamente dito, e é somente acompanhando a sua dialética interna – o homem não está no tempo, é o tempo que está no homem – que seremos então levados a compreender a idéia do sujeito humano (MARTINS, 1998, p.12).

Além de poético é bastante interessante a reflexão proposta por Martins. Acredito que essa perspectiva nos amplia as possibilidades de ação, uma vez que o tempo está em nós e além de uma medida objetiva, é uma medida subjetiva. Ele faz uma reflexão sobre as dimensões do tempo e conclui que:

É importante saber que não sou Kronos, isto é, um tempo delimitado por mensurações provenientes das pesquisas da ciência ôptica que se esquece do Ser e das suas possibilidades. É importante saber que somos Kairós, isto é, um tempo vivido em uma determinação consciente e efetiva de nossa existência. Uma consciência que é tempo e que indica novas direções (MARTINS, 1998, p. 22)

Quando Maria relata sua trajetória, rememorando os acontecimentos, suas dificuldades e vitórias cotidianas ela está falando da relação entre cronos e kairós. Segundo Brandão:

O tempo da memória, assim como do mito, não é linear; é o tempo da duração, do que foi vivido (kairós), é um tempo interno, pessoal que nos protege do tempo linear (Cronos), externo e acelerado da sociedade atual e que assegura, em parte, nossa identidade. Como no mito, o tempo da memória pode ser visto como circular, já que podemos, ao refazer a trajetória através da memória, unir o fim ao começo e recomeçar olhando para o futuro (1999, p.48)

Maria parece estar num momento crise e, portanto, decisivo em sua vida: ou ela decide enfrentá-la ou “entrega os pontos” e corre o risco de cair em depressão. Por seu histórico, acredito que ela tem força o suficiente para superá-la e “recomeçar olhando para o futuro”.

A Gerontologia propõe um olhar mais atento para essa nova fase da vida, procurando através de estudos auxiliar as pessoas a enfrentarem as dificuldades decorrentes desse período de desenvolvimento, através de trabalho multidisciplinar (FRAIMAN,1995).

Fraiman propõe em seu livro “Coisas da Idade” que as pessoas retomem a direção de suas vidas, através de uma autobiografia:

É hora de fazer uma autobiografia, de traçar o seu perfil histórico, para que as pessoas se descubram e se percebam como “vencedoras”. E daí tomem a decisão do rumo que será dado às suas vidas, calcadas em

bases mais firmes e realistas, com sua auto-estima mais elevada (1995, p. 134).

Não seria essa uma sugestão para Maria nesse momento de sua vida? Talvez nosso encontro tenha proporcionado um momento de escuta e quem sabe de ressignificação de alguns momentos de sua vida. Segundo Fraiman “*A dificuldade de ‘ser ouvidas’ e ‘se fazer ouvir’ pelos familiares é a queixa central, senão a principal, de dezenas de mulheres atendidas em grupos de orientação (1995, p. 37)*”.

Seria interessante que Maria participasse de grupos de orientação, porém não sei se isso seria possível, tendo em vista sua dinâmica familiar e talvez sua própria resistência em participar dessas atividades. Com certeza, para que isso ocorra seria necessária à intervenção de uma pessoa, seja com a família ou com ela mesma.

A Gerontologia traz muitas contribuições no sentido de refletir e agir em relação à fase da vida em que percebemos mais nitidamente as mudanças em nosso organismo e conseqüentemente, em nossa vida. Ela também contribui na reflexão de paradigmas de beleza que a sociedade nos impõe:

A gerontologia assegura que pode-se envelhecer bem – o que é uma verdade – mas não afirma que uma mulher de 50, 60, 70 ou 80 anos possa evoluir para o padrão de uma *top model*. Ela evolui para ser uma mulher da qual se pode esperar boa saúde, boas condições fisiológicas, provavelmente uma mulher atraente até idade avançada (FORETTE, 1998, p.26).

Nos encontros que tive com Maria ela sempre me pareceu bonita, “bem arrumada” como gosta de dizer. Parece ter uma vaidade e um cuidado consigo. Quando relatava a questão financeira e suas dificuldades com um dos filhos, falou um pouco de alguns cuidados que tem com a saúde “*...eu vou no médico e pago consulta, compro remédio, eu compro aquelas coisas que posso come e precisa come eu compro*”.

Ela não parece ter uma atitude preventiva, que tenha sido orientada por um especialista, porém não se queixou de dores ou problemas de saúde em nosso segundo encontro. Pelo menos em relação à alimentação ela tem um cuidado. Como sempre foi uma pessoa ativa, ela cuida da casa, das plantas e tem disposição para cuidar de seus netos, porém já estão crescidos e não precisam de tantos cuidados assim.

Forette é médica de formação e sugere que as pessoas tenham um estilo de vida mais saudável, quanto mais cedo, melhor:

É necessário um estilo de vida saudável que, desde cedo, combine atividade física e hábitos alimentares, capazes de assegurar uma reserva suficiente de cálcio, estilo que deve ser mantido durante toda a vida, principalmente após os 50 anos, tanto pelas mulheres quanto pelos homens (1998, p. 51).

A Gerontologia numa perspectiva preventiva acredita que seja possível viver uma velhice cada vez melhor. As próximas gerações podem com os avanços na área médica e social viverem melhor essa fase da vida.

Forette propõe uma preocupação precoce com a saúde, salientando a importância da prevenção:

Sempre é tempo de prevenir. Eis um conselho válido de maneira geral para a prevenção de todas as doenças ligada ao envelhecimento. Naturalmente as pessoas isentas de fatores de riscos a partir da idade de 20 anos, e que seguem um estilo de vida saudável, têm talvez mais chance que as outras de envelhecer bem, mas as que escolherem a prevenção aos 30, 50, 60 e 70 anos têm mais chances do que as que jamais se preocuparam com o assunto. Todas podem exercer uma ação extremamente importante sobre seu envelhecimento, seja qual for sua idade, mas é bem melhor conscientizar-se disso o mais cedo possível (1998, p. 55).

Portanto, existe a possibilidade de envelhecer bem. Nessa perspectiva, a Psicologia Educacional pode dar a sua contribuição para essa parcela da

população, cada vez maior, com estudos, reflexões e propostas de ação, ampliando as possibilidades de aprendizagem nessa fase de desenvolvimento humano.

Para tanto, seria interessante, ampliar a perspectiva de aprendizagem para além da sala de aula, pois, assim como Maria, muitas pessoas nunca freqüentaram a escola e, mesmo assim, aprendem dia após dia a lidar com as vicissitudes que se lhe apresentam.

Convido o leitor a refletir no próximo capítulo sobre a auto-organização, uma perspectiva da aprendizagem que lida com a existência humana de maneira mais ampla.

## CAPÍTULO 8

### AUTO-ORGANIZAÇÃO: UMA PERSPECTIVA DA APRENDIZAGEM

*“... a aprendizagem é consequência necessária da história individual de todo ser vivo com plasticidade estrutural ontogênica”.*

*(MATURANA, 1998, p. 34)*

Este capítulo tem o objetivo de iluminar a aprendizagem enquanto processo auto-organizativo, por meio do diálogo com dois autores que abordaram o tema: Assmann com “Reencantar a educação” e Maturana com “Da biologia à psicologia”, procurando articulá-lo ao relato de Maria. <sup>16</sup>

A perspectiva auto-organizativa pode iluminar as discussões a respeito da construção do conhecimento procurando relacioná-lo à vida, pois “*O novo insight consiste em tomar como ponto de partida a inter-relação complexa – e a mútua constituição – entre processos vitais e processos cognitivos* (ASSMANN, 1998, p. 73)”.

O termo auto-organização advém das biociências e se refere à dinâmica dos processos vivos, sendo hoje utilizado nas mais diversas áreas (Física, Astrofísica, e outras), abordando todos os níveis da matéria e energia (ASSMANN, 1998). No caso específico desta dissertação, procuro referir-me ao processo auto-organizativo dos organismos vivos que,

São unidades vivas imersas em um meio, ou seja, sua autonomia acontece dentro de uma exigência contínua de adaptabilidade, porque estão estruturalmente acoplados a uma espaço-temporalidade; por serem relativamente autônomos são capazes de conexões seletivas para dentro e para fora, sempre condicionados pelo meio ambiente, mas não de forma determinística... (ASSMANN, 1998, p.60) <sup>17</sup>

A expressão condicionamento parece destoar do que foi dito até então quando me referi ao projeto de vida, pois para Sartre não há determinismos ou condicionamentos que retirem do homem a responsabilidade de seus atos. Todavia, a perspectiva supracitada possui base epistemológica distinta da que foi

---

<sup>16</sup> Na obra de Assmann, utilizada como referência para o presente texto, há uma predominância da perspectiva educacional e a sociedade aprendente, assim denominada pelo autor. Este capítulo não pretende discutir perspectivas educacionais, apenas um conceito bastante difundido em outras áreas, propondo uma perspectiva da aprendizagem. Sendo assim, refere-se aos conhecimentos abordados, especificamente, o processo auto-organizativo e a relação com a aprendizagem.

<sup>17</sup> Grifo do autor.

abordada anteriormente, tendo em vista basear-se nas Biociências, o que não impede que haja convergência em alguns de seus aspectos.

O que pretendo abordar nesse momento da dissertação é a convergência entre algumas questões inerentes ao que Sartre denomina projeto de vida e uma perspectiva da aprendizagem que se baseia no processo auto-organizativo, pois creio que esse processo amplia os horizontes do que se conhece hoje como aprendizagem.

A escolha da história de vida de Maria se deu porque ela é um exemplo desse processo auto-organizativo. Ela capaz de aprender sempre, adaptar-se, superar as dificuldades e do caos reorganizar sua vida e a dos seus. Confesso que dentre as pessoas entrevistadas para a realização desse trabalho (foram várias mulheres acima de 50 anos) a que mais me chamou a atenção foi Maria por sua história e suas vitórias cotidianas.

Para compreendê-la, foi preciso conhecer sua história de vida, pois o homem só pode ser compreendido na relação com o mundo, tendo em vista que é a partir de sua reflexão que o mundo se apresenta. Nessa perspectiva, Maria precisou se adaptar às mais diversas situações ao longo de sua vida e, assim, aprendeu a lidar com inúmeros problemas. Apesar de apresentar bom humor no seu relato, nem sempre ele esteve presente:

Fiquei bem triste, assim de magoada, tinha dia que chorava, chorei muito na vida, tinha vez que chorava o dia inteiro. Era perigoso encharcá, porque encharcava de lágrima, tá, eu passei bastante coisa, chi..nossa! Dá um romance! Não é fácil não, minha vida foi dura...

Essa tristeza aparente em seu relato pode denotar a angústia abordada nos capítulos anteriores. Talvez a angústia de viver, ou de fazer determinadas escolhas, ou mesmo de perceber que algumas situações se apresentavam de maneira diferente da qual ela esperava que acontecesse, ou tinha projetado. Em relação à tristeza, Sartre coloca:

Por falta de poder e querer cumprir os atos que projetamos, fazemos de modo que o Universo nada mais exija de nós... O Universo é sombrio, isto é, de estrutura indiferenciada. Ao mesmo tempo, entretanto, tomamos naturalmente a posição encurvada, encolhemo-nos (Apud GARAUDY, 1966, p. 73).

Nesses momentos de tristeza, como bem descreve Sartre, o homem se encolhe, encurva-se, num voltar-se para dentro de si, muitas vezes questionando seus atos passados. Porém é importante que ele consiga perceber uma perspectiva de futuro, pois ele é devir, e voltar à posição ereta, se faz necessário para que o mesmo possa prosseguir sua vida. E, é exatamente essa a contribuição de Frankl quando diz que sua teoria está voltada para o futuro, o sentido da vida:

A busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida, e não uma “racionalização secundária” de impulsos instintivos. Esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e pode ser cumprido somente por aquela determinada pessoa. Somente então esse sentido assume uma importância que satisfará a sua própria *vontade* de sentido... é que o ser humano é capaz de viver e até de morrer por seus ideais e valores! (1991, p. 92)

Aparentemente, foi isso o que aconteceu com Maria, ela passou por esses momentos de encolhimento, mas não perdeu de vista seu devir, o futuro, pois quando trabalhou com sua filha para proporcionar um futuro melhor para seus netos, encontrou um sentido para vida:

Se não fosse os neto eu não ficava, mas como ela que estuda o Paulo, Mateus e o Marco, então eu fico lá pra vê se a gente consegue dá um estudo pros meninos. Dá uma vida melhor, não sofre o que a gente sofreu, né? Não passa o que a gente passô e estuda eles pra vê o que vai dá mais pra frente. São uns moço muito bão, são bão, são bem educado.

Essa preocupação em proporcionar aos netos uma vida melhor do que viveu, também ocorreu com seus filhos, tanto que ela se esforçou para que os mesmos estudassem. A percepção de Maria em relação a sua vida, as vicissitudes pelas quais passou e, a preocupação com o futuro de seus entes queridos pode ficar mais clara para quem acompanha seu relato, a partir do que coloca Deecken:

Ao contrário do que ocorre com a natureza inanimada que só tem uma dimensão e se projeta num sentido único, o homem tem poder retrospectivo sobre o significado e o valor das ações passadas. Não pode alterar o fato material de ter praticado determinada ação, nem pode mudar os efeitos externos da mesma. Mas pode alterar-lhe o sentido profundo e o valor. Cada acontecimento de nosso passado permanece, de certo modo, indefinido quanto ao sentido, incompleto quanto ao valor e ainda resgatável (DEECKEN, 1973, p.30).

Desse modo, o relato da história de vida de Maria, os momentos difíceis que passou, as soluções encontradas, as novas maneiras de lidar com os problemas que se lhe apresentavam, tiveram para ela um sentido e valor, relacionados com a interpretação de sua vida no momento da entrevista (ou escuta). Segundo Deecken, os acontecimentos do passado podem permanecer incompletos em relação ao valor e ao sentido, sendo resgatável. Com isso, tem-se a impressão de que há uma “janela” aberta para o passado que, influencia o olhar para o futuro e o modo de viver no presente, mas nunca de maneira determinista, pois o homem é devir, tendo como característica o inacabamento.

Quando Assmann se refere à inserção do ser vivo no meio, ele descreve numa leitura “biológica” aquilo que poderia ser dito de outra maneira (com a ressalva de não se equiparar conceitos, mas procurar convergi-los) numa perspectiva fenomenológica: a situacionalidade do sujeito.

A fim de iluminar um pouco mais essa relação entre ser vivo e meio, talvez seja interessante conhecer as concepções de Maturana a esse respeito, tendo em vista o mesmo desenvolver, através de suas obras, o que denomina *a biologia do conhecimento*.

Nesse sentido, seria interessante compreender melhor o que significa *adaptabilidade e estruturalmente acoplado*, na perspectiva de Maturana:

... um sistema dinâmico determinado estruturalmente existe somente enquanto sua dinâmica estrutural aconteça com conservação de sua organização. (...) Ou seja, a conservação da organização de um sistema dinâmico em um meio de interações exige a correspondência estrutural entre o sistema e seu meio. (...) Esta correspondência estrutural entre sistema e meio, que se mantém enquanto o sistema conserva sua organização, e o que eu chamo em geral acoplamento estrutural, corresponde nos organismos e seres vivos à condição de adaptação ao meio (1998, p. 35).

Dizer que o ser vivo é determinado estruturalmente significa que,

... tudo ocorre em nós na forma de mudanças estruturais determinadas em nossa estrutura, seja como resultado de nossa própria dinâmica estrutural interna, ou como trocas estruturais desencadeadas em nossas interações no meio, porém não determinadas por este (MATURANA, 1998, p. 66).

O que caracteriza a estrutura é a forma de ser do sistema vivo, seus componentes e as relações que o constituem (MATURANA, 1998). Sendo assim, o ser vivo se apresenta como um sistema dinâmico que mantém sua organização interagindo com o meio, num processo adaptativo, sem perder a estrutura que o define como ser vivo.

De fato, a interação com o meio exige do ser vivo uma adaptabilidade, como colocou Assmann, num primeiro momento. Nesse sentido, Maria é um ser vivo que pode exemplificar, numa perspectiva cotidiana de seu relato e, com muito bom humor, o que significou para ela a *exigência de adaptabilidade* em momentos concretos de sua vivência:

... serviço, qualquer serviço eu fiz, tudo que existe eu fiz. O único que eu não tinha feito ainda era mecânica, agora eu tô fazendo mecânica (risos)... Foi muita mudança, muito vai pra outra cidade, vai para outra, uma dá certo a outra não dá certo. Só não passei fome, mas passemos a polenta acho que um ano e batatinha (risos). Carne a gente comprava só lá de vez em quando, não tinha quase dinheiro pra comprar carne.

Maria viveu diversos momentos de necessidade concreta de sobrevivência, assim como esse supracitado, momentos que exigiam dela, digamos assim, uma espécie de força para enfrentá-los, haja vista as situações que se lhe apresentaram. De maneira geral, para as biociências o processo auto-organizativo se dá de maneira inconsciente entre organismo vivo e entorno, e quando atinge a consciência, é apenas uma ínfima parcela do conjunto da corporeidade humana (ASSMANN, 1998). Com isso, esclareço que a categoria que vem sendo abordada é mais abrangente do que aquilo que pode ser exemplificado com o relato de fatos cotidianos na vida de Maria, nem por isso, esse processo deixa de ser importante para a compreensão da aprendizagem e da vida de Maria.

Sendo o termo, auto-organização, utilizado por diversas áreas da ciência, como já foi explicitado anteriormente, apresenta-se um problema: muitas vezes, ele pode ser interpretado de maneira diversa daquela proposta pelas Biociências. Nesse sentido, é importante esclarecer que ao utilizar o termo não me refiro a processos que tenham sido conscientes para Maria, mas que tenham, de alguma maneira, em sua vida cotidiana representado situações em que houve a aprendizagem diante de uma situação de caos ou conflito, pois aprender pode ter diversos significados.

O que Assmann denomina processo auto-organizativo, para Maturana tem outra denominação: “*A organização que define o ser vivo é a organização autopoietica* (1998, p. 36)”. Ambos utilizam nomes diferentes para processos que podem ser considerados semelhantes para o corpo desta dissertação, descritos de maneira mais consistentes por Maturana, uma vez que o mesmo pertence à área das ciências naturais, diferentemente de Assmann que pertence à área

educacional e traz uma visão mais abrangente, pois se apóia em várias outras áreas de conhecimento para conseguir delimitar o tema.

Nesse contexto, a perspectiva de aprendizagem que se apresenta mais significativa é que a mesma:

(...) não é um fenômeno de adaptação do organismo ao meio, é a consequência da epigênese do organismo com conservação de sua adaptação em um meio particular no qual a conservação da organização e a adaptação têm sido os referenciais operacionais para o caminho seguido pela mudança estrutural. O organismo está onde está porque manteve sua organização e sua adaptação em um meio mutável ou estático, e dizemos que aprendeu porque, comparativamente, vemos que sua conduta é diferente à de um momento anterior de uma maneira contingente a sua história de interações. Sem comparação histórica não podemos dizer nada: somente veríamos um organismo em congruência condutual com seu meio no presente (MATURANA, 1998, p. 42).

É essa perspectiva histórica do ser vivo que o caracteriza e, torna sua aprendizagem algo tão significativo e fascinante. A esse respeito Maria também tem uma singela posição, baseada, não em estudos ou observações sobre aspectos determinados, mas em sua própria experiência de vida:

Eu acho que aprende é isso, quanto mais a gente veve mais a gente aprende, muitas coisa na vida. Que quando eu casei não sabia nada, daí depois que eu fui aprendendo. Aí tem filho, não sabia como é que tinha filho. Não sabia que a gente casava e ia tê nada, pensava que era só casá e morá junto com o marido, minha mãe não ensinô nada. Quando eu menstruei eu não sabia o que que era, eu quase morri de susto. Quando eu fiquei grávida eu não sabia o que era gravidez, que parava a menstruação na gravidez, também não sabia.

Essa concepção de que se aprende com o novo, com as “perturbações do meio” convergem com a definição de aprender para Assman:

Aprender é sempre descoberta do novo. (...) processos auto-organizativos emergem do caos como novos níveis de arranjo das condições de sobrevivência. Aprender é um processo auto-organizativo no sentido de criação do novo. (ASSMANN, 1998, p. 65).

Maria poderia dar muitos outros exemplos cotidianos que ilustrariam o caos, momentos em que o novo se apresenta. Considerando o caos como conflito, poder-se-ia dizer que há um novo arranjo cada vez que se enfrenta uma situação conflituosa, sem perder a organização. Tendo em vista essa ser uma constante na vida humana, talvez o conceito de auto-organização pudesse auxiliar na compreensão dessa capacidade que as pessoas vão criando em lidar, cada vez melhor, com os conflitos que se lhe apresentam.

A capacidade de Maria de criar oportunidades e lidar com as situações conflituosas a acompanhou durante a maior parte de sua vida, principalmente, nos momentos em que a necessidade material era muito grande.

Hoje, Maria vive um novo momento em sua existência e um processo de perda ainda não superado. A morte de seu marido lhe causou um caos, uma mudança muito brusca. A sensação de estar só e de não ser útil mais para sua família também contribuiu para que ela tivesse mais dificuldade em lidar com esse novo momento.

Talvez, ela precise de uma ajuda externa para superar a crise que vive, pois de uma hora para outra perdeu o companheiro, depois o neto que ficou com ela após a morte do marido também se mudou, deixando-a novamente sozinha:

Porque o Mateus ele ficou muitos tempo aqui comigo, bastante ano. Ele não dorme por aqui ele dorme lá comigo, porque ele gosta de dormi comigo, então ele dorme comigo. Mas ele é meu neto, né? Ele me respeita, eu respeito ele. E o vô sabe que ele dorme comigo que ele já falo que eu to bem acompanhada com o neto. Que até dormi comigo ele dorme, que não tem ciúme dele ta dormindo comigo, nem um pouco. E sonho com ele. Esses tempo ando sonhando muito não sei por quê. Porque o Mateus se afastou daqui e a saudade começou a aumentar

mais do Mateus e ele entrou no meio da saudade, né? Porque no lugar dele tava o Mateus. Então pra mim o Mateus era uma companhia, não que fosse ele. Agora que ando sonhando, parece que eu ta na cama junto comigo e tudo. Agora do resto, me dou bem com todo mundo...

É interessante notar que ela encontrou uma maneira de lidar com a ausência de seu esposo, porém, esse novo momento parece ser de uma nova perda, agora de seu neto. A família propôs uma alternativa, porém ela não aceitou:

Eles querem que a Antônia venha mora aqui comigo, mas eu com a Antônia desde criança nós nunca se demo, nunca fomo amiga. Ela não gostava, era chata, ela só sabe se intromete em tudo, então nunca tive muita amizade com ela. Até esses dia ela veio aí ficou uns dois dias, depois chegou aqui brava porque a Rita tinha brigado com ela, que ela tinha ido já na Miriam fala com a Miriam. Olha Antônia, se for pra você vim aqui, já ando nervosa, ainda observando mais briga, então você fica na sua casa que eu fico na minha. Não quero mais isso aqui, eu já falei, mas nós quase não se conversa, desde criança é assim. Me dava mais bem só com a Marleide e com Aparecido meu irmão.

Apesar da tristeza aparente que tem sentido, alguns depoimentos de Maria me fazem crer que ela não perdeu a coragem de continuar vivendo e enfrentando as vicissitudes que se lhe apresentam. Talvez, ela esteja um pouco mais sensível, mas no fundo há uma força que parece estar um pouco adormecida, precisando apenas de um auxílio para reativá-la.

A história de vida de Maria proporcionou um espaço de discussão entre processo auto-organizativo e projeto de vida, apresentando todo o percurso pelo qual Maria passou durante toda sua vida. Às vezes, com bom humor, outras não, ela relatou ter enfrentado várias vicissitudes em sua existência. Viveu a infância, juventude, maturidade e hoje, a velhice. Cuidou de seus filhos e hoje cuida de seus netos, a terceira geração de sua família, a partir dela.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viver e não ter a vergonha de ser feliz  
Cantar.. (E cantar e cantar...) A beleza de ser um eterno  
aprendiz  
Ah meu Deus!  
Eu sei... (Eu sei...) Que a vida devia ser bem melhor e será  
Mas isso não impede que eu repita  
É bonita, é bonita e é bonita.

Gonzaguinha

Estas pretendem ser as últimas considerações desta dissertação, porém não pretendo concluí-la, findá-la. Não creio que seja possível findar a discussão de todos os temas abordados, pelo contrário, esse foi um convite à reflexão dos mesmos. Em sendo assim, o que se apresentam são alguns apontamentos que considero relevantes.

A Maria que encontrei na segunda entrevista era bem diferente da Maria que encontrei na primeira vez. O primeiro encontro se deu num clima mais otimista e apesar do relato de várias vicissitudes, ela estava se sentindo útil enquanto auxiliava sua filha na oficina.

O segundo encontro se deu num clima de tristeza e ressentimento. Ela já estava viúva e, várias vezes falou sobre a falta que sentia do esposo (quando ele estava vivo a relação dos dois não era muito boa) e do ressentimento em relação a um dos filhos.

Aparentemente, hoje Maria está se sentindo mais solitária e triste por ter que lidar com a perda de um ente querido e com o fato dos filhos e netos estarem criados, sendo assim, não há ninguém para cuidar, a não ser ela mesma.

Confesso que fui afetada de maneira direta no segundo encontro com Maria, pois entre nós surgiu uma certa cumplicidade. Vê-la triste deixou-me bastante preocupada, pois já havia me “encantado” com a pessoa criativa, corajosa e de bem com a vida que tinha conhecido no primeiro encontro.

Tive a impressão de que ela estava à beira de uma depressão e que estava com algumas dificuldades para mobilizar a força que sempre teve durante as dificuldades de sua vida. Em seu primeiro relato pude perceber como ela conseguia criar oportunidades onde não havia. Sua capacidade de lidar com o caos, de criar e recriar-se causaram um impacto em mim.

Porém, hoje parece que ela não tem claro, para sua vida os seus projetos, ou mesmo qual o sentido de sua vida. Aparentemente, seus projetos estão nos outros, em fazer pelo outro. Isso também pode significar que esse era seu projeto: fazer pelo outro (filhos e netos).

Ter clareza do projeto pessoal, como denomina Luft, facilita a vida no sentido de ampliar o leque de escolhas possíveis para alcançar um objetivo (ou quem sabe vários). Saber onde está e onde se quer chegar facilita a caminhada.

Porém, nesse momento de sua vida Maria perdeu um pouco o foco. Ela esteve durante tantos anos preocupada em cuidar dos outros que perdeu o cuidado consigo, no sentido do projeto pessoal.

Ela viveu duas perdas em pouco tempo: a primeira do marido que faleceu, a segunda do neto que o “substituiu” e também foi embora. Acabei encontrando-a num momento de perda e possivelmente, isso tenha me afetado.

A partir do estudo realizado me foi possível perceber que a força vital apresentada por Maria é um dos fatores que podem contribuir para a superação desse momento, provavelmente, com auxílio externo, seja da família, de vizinhos ou de grupos de apoio para pessoas que estão envelhecendo, como grupos de terceira idade.

Pelo que conheci da Maria pude perceber que ela está num momento de recolhimento, ou “encolher-se”, ou como diz Sartre “perder-se para poder encontrar-se”.

Em relação a finitude da vida, Maria se mostrou em conflito entre seu discurso e suas ações. Para ela, a perda de um ente querido é doloroso e difícil de lidar, como pôde ser visto em seu relato do enterro de seu esposo, sua mãe e a visita ao cemitério quando “visitou” seu filho. Em todos esses momentos ela se alterou, tendo uma “crise nervosa”.

Em seu relato ela diz lidar bem com a perda de um ente querido e não ter medo de morrer, porém ela não aceitou a perda de seu filho e, ainda acredita que ele possa estar vivo. Aparentemente, ela criou uma fantasia para lidar com essa perda, pois ela não viu seu filho morto.

Pode ser até compreensível essa atitude em relação ao filho morto, pois não tê-lo visto morto, ou seja, não ter vivido concretamente sua morte, sem rituais ou a visão do corpo inerte, abriu um espaço em seu imaginário para elucubrar fantasias em relação a seu filho.

É interessante salientar que nesse período Maria estava muito doente e não pôde acompanhar o enterro do filho, ou seja, não foi uma opção não vê-lo, mas uma consequência de seu estado de saúde.

Ela teve muitas perdas significativas em sua vida e parece que cada uma a marcou de uma maneira peculiar. Para cada ela encontrou uma maneira de lidar, elaborar e redimensionar. Porém, a perda do filho foi a que mais a afastou da realidade concreta de sua morte.

Meus estudos têm me mostrado que das aprendizagens necessárias à vida, provavelmente a de lidar com a perda das pessoas queridas seja a que exija mais coragem, força e fé na vida. Existem pessoas que nunca superam as perdas, vivendo na tristeza e na amargura até viver seu momento derradeiro e, algumas vezes perceber muito tarde que também perdeu sua própria vida.

Por outro lado, existem pessoas como Maria que superam esse momento, às vezes, utilizando-se de fantasias, porém não perdem a coragem e continuam vivendo seus dias com bom humor, criatividade e fé.

Não pretendo julgar a fé de Maria em vida após a morte, apenas salientar que ela acredita na vida. É a isso que me refiro quando abordo esse tema: acreditar que é possível lidar com o caos, criar, recriar, reelaborar sempre. Mesmo que para tanto seja necessário um tempo, às vezes, maior para que o processo se dê por completo.

Maria não é um sujeito inserido numa instituição escolar ou algo semelhante, pelo contrário, ela praticamente não teve acesso à educação formal, mas mostrou-se capaz de construir seu conhecimento de vida.

Ela é o exemplo de como a aprendizagem humana não se dá apenas no âmbito escolar, sendo capaz de ampliar a perspectiva de aprendizagem com seu relato de vida. Considero-a também um exemplo da importância de resgatar o projeto de vida do sujeito que aprende, pressupondo que não haja idade, nem espaço específico para que o processo de aprendizagem se dê, principalmente se referindo ao processo auto-organizativo.

Se me arriscasse a propor qualquer intervenção para Maria, talvez propusesse resgatar, a partir de sua história, seus anseios e planos para o futuro,

procurando deixar claro para ela mesma, seu projeto de vida. Percebo que esse resgate se torna importante para a pessoa que envelhece, pois esse processo traz conseqüências orgânicas, sociais, psicológicas, entre outras, que exigem uma retomada e, muitas vezes um redirecionamento da vida, do tempo livre, das atividades físicas, dos passeios, da perspectiva de morte, entre tantas outras questões que se apresentam.

Maria, em seu relato, aparentemente, não “assume” estar vivendo esse processo de envelhecimento, pelo menos, não o menciona de maneira significativa. O mais próximo que chegou foi em relação a sua saúde, quando teve uma suspeita de câncer, doença com mais incidência em pessoas idosas e, também, quando se refere aos netos, possíveis apenas quando se atinge uma certa idade, apesar de hoje ocorrerem casos de avós “prematuros”.

Uma das possibilidades de leitura desse fato é de que Maria não esteja preocupada com essa questão, no sentido de lidar tão bem com ela que não tenha reclamado, em nenhum momento das entrevistas, de sua idade, dos problemas que ela traz, ou algo semelhante. Ela está vivendo essa fase de desenvolvimento e lidando com as mudanças em sua vida, até o momento, sem o peso do estigma que a sociedade coloca sobre a pessoa que envelhece.

É interessante notar que no relato de Maria, os trabalhos que realizou, na sua maioria, podiam ser feitos em casa. Depois de 70 anos, ela começou a trabalhar fora de casa e a ter jornada dupla, fato mais corriqueiro para mulheres de outra faixa etária.

Maria pode não ter clareza de seu projeto de vida, porém, descobriu o sentido para sua vida em cada momento vivido. Ela foi aprendendo com todas as dificuldades que se lhe apresentaram a criar oportunidades, onde muitas vezes, não havia oportunidades visíveis.

Ela é um exemplo vivo de aprendizagem existencial na prática. Um exemplo a ser seguido no sentido da determinação, coragem, força e criatividade para lidar com todas as dificuldades que a vida apresenta.

Um exemplo de como é possível descobrir o sentido da vida nas mais diversas situações e de que momentos de crise servem para reelaborarmos nossa

vida e continuar seguindo nosso caminho. De como a criatividade pode ser impulsionada por situações difíceis e depois, podemos olhar para o passado e perceber o quanto criamos. Também podemos olhar para o futuro e perceber do quanto somos capazes de criar.

Tendo em vista que o movimento da vida é bastante abrangente, torna-se possível acatar as possibilidades de encontrar (Frankl) e dar (Sartre) sentido à vida. Em alguns momentos, damos sentido aos acontecimentos, principalmente, se exigem ação imediata. Em outros momentos, encontramos o sentido do que nos acontece, refletindo e analisando a situação. Portanto, a dinâmica da vida permite os dois movimentos, e quem sabe, outros?

Agradeço profundamente a Maria por ter compartilhado comigo sua história e ter me permitido interpretá-la, compreendê-la e iluminá-la, pois a luz que a iluminava, acabava refletindo em mim.

Desde o princípio tive uma perspectiva otimista nesse texto, portanto, não poderia encerrá-lo de outro modo. Faço votos para que Maria supere essa crise e, ainda pretendo encontrá-la para agradecê-la pelo bem que fez a minha vida, seja academicamente, como existencialmente. Se possível for, gostaria que ela pudesse perceber o quanto já fez e o quanto ainda é capaz.

Em relação a essa fase de desenvolvimento vivida por Maria, envelhecer não significa perder oportunidades de viver momentos diferentes na vida, nem mesmo deixar de lado coisas que se gosta de fazer, porém significa, em muitos casos, encontrar-se ou, mesmo, reencontrar-se.

Nem sempre é necessário chegar a esta fase da vida para viver este momento, porém essa necessidade se torna mais presente durante o processo de envelhecimento.

Encarar a finitude com qualidade de vida é uma tarefa que vem sendo auxiliada pelos profissionais que trabalham com os idosos da chamada terceira idade. Proporcionar qualidade de vida tem sido um dos objetivos, tanto dos avanços tecnológicos e pesquisas na área do envelhecimento, quanto dos programas que vem sendo desenvolvidos para essas pessoas.

A Gerontologia tem se desenvolvido de maneira multidisciplinar, por isso pode contar com a contribuição de outras áreas. A Psicologia Educacional pode participar desse processo, contribuindo com pesquisas voltadas para pessoas mais velhas.

Para tanto, é preciso expandir a concepção de aprendizagem para além da sala de aula e compreender o processo na perspectiva dinâmica da vida. Quais as aprendizagens significativas para a vida do adulto que envelhece, ou a pessoa que se encontra na terceira idade? Qual a contribuição que a Psicologia Educacional pode dar a essa pessoa? Essas são questões que não pretendo responder nesse momento, apenas contribuir para reflexão.

Sabendo que a aprendizagem existencial é um tema importante e interessante para todos, principalmente para essa fase da vida, pois as mudanças são rápidas e significativas, a Psicologia Educacional poderia contribuir com pesquisas relativas à aprendizagem nesse período, procurando apresentar temas e didáticas para essas pessoas, ou, quem sabe ainda, contribuir com a Gerontologia no sentido de pensar maneiras de atender (ou trabalhar com) essas pessoas, seja em lugares especializados, ou instituições, ou quem sabe ainda, fazer parte de grupos multidisciplinares que atendem a essa população, contribuindo com o desenvolvimento de programas de saúde pública.

As possibilidades são muitas e interessantes. Agora falta “arregaçar as mangas” e abrir espaço para que novas pesquisas se desenvolvam a fim de iluminar sempre e mais as questões relativas ao envelhecimento e a aprendizagem existencial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRÃO, B.S. *História da Filosofia*. São Paulo. Nova Cultural. 1999.
- ANDRADE, M. S. *Psicopedagogia Clínica Manual de Aplicação Prática para Diagnóstico de Distúrbios do Aprendizado*. São Paulo. Póluss Editorial. 1998.
- \_\_\_\_\_. *A situação da mulher que exerce postos de comando em uma universidade particular*. São Paulo. PUC. 1997.
- ASSMANN, H. *Reencantar a Educação: rumo à sociedade aprendente*. Rio de Janeiro. Vozes. 1998.
- AZEVEDO, R. *Contos de enganar a morte*. Editora Ática. São Paulo. 2005.
- BACH, R. *A história de Fernão Capelo Gaivota*. Rio de Janeiro. Nórdica. 1970.
- BÍBLIA SAGRADA – antigo e novo testamento. Tradução João Ferreira de Almeida. 3ª edição (88ª impressão). Geográfica. São Paulo. 2001.
- BRANDÃO, V.M.A.T. *Os fios da memória na trama da cultura*. In Revista Kairós: gerontologia/Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia – PUC-SP. Ano2, n 2. São Paulo, EDUC. 1999.
- CAMON, V.A. A. *Psicoterapia existência*. São Paulo. Livraria Pioneira Editora. 1993.
- DALCIN, Bruno L. Galluzzi da S. *Propriedades e Homeostase Neurais*. 1999.  
<http://www.existencialismo.org.br/jornalexistencial/brunopropriedeshn.htm> Data do acesso 16/06/2002.

- DARTIGUES, A. *O que é a Fenomenologia?* 2ª edição. Trad. Maria José J. G. de Almeida. Rio de Janeiro. Eldorado. 1973.
- DEECKEN, A. *Saber envelhecer*. Trad. Carmem Maria T. de Lyra. Petrópolis. Vozes. 1973.
- DUTRA, S. M. C. *Crescer envelhecendo ou envelhecer crescendo?*  
<http://www.geocities.com/Athens/Delphi/7256/crescer.html#topo>. Data de acesso 16/06/2002.
- FABRY, J. B. *A busca do significado*. Tradução equipe da ECE. Revisão Luiz Augusto Mesquita. São Paulo. ECE. 1984.
- FERREIRA, M.E.M.P. *O método de pesquisa fenomenológico*. In ANDRADE, M.S. CAPOVILLA, A. G. S. (Orgs). *A produção de conhecimento: métodos e técnicas De pesquisa em Psicopedagogia*. São Paulo. Memnon. 2002.
- FRAIMAN, A. P. *Coisas da idade*. São Paulo. Editora Gente. 1995.
- FRANKL, V.E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. Revisão técnica de Helga H. Reinhold. 2ª edição. São Leopoldo. Editora Sinodal. Petrópolis. Editora Vozes. 1991.
- FORETTE, F. *A revolução da longevidade*. Tradução Mariana Jacob. São Paulo. Globo. 1998.
- FORGHIERI, Y.C. *Fenomenologia e Psicologia*. São Paulo. Cortez. 1984.
- GARAUDY, R. *Perspectivas do homem*. 2ª edição. Trad. Reinaldo Alves Ávila. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira S. A. 1966.

GILES, T.R. *História do existencialismo e da fenomenologia*. EPU. São Paulo. 1989

HAYFLICK, L. *Como e por que envelhecemos*. Trad Ana Beatriz Rodrigues, Priscilla Martins Celeste. Rio de Janeiro. Campus. 1996.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Parte I. 10ª Edição. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis. Vozes. 2001.

HELLER, A. *O cotidiano e a história*. 4ª edição. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1992.

HENZEZEL, M. *A arte de Morrer: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade*. tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Vozes, Rio de Janeiro. 1999.

LAKATOS, E.M. MARCONI, M. A. *Fundamentos da metodologia científica*. 4ª ed. Rev e Ampl. São Paulo. Atlas. 2001.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

LUFT, L. *Perdas & Ganhos*. 24ª edição. Record. Rio de Janeiro. 2004.

MARTINS, J. *Não somos cronos, somos kairós*. Revista kairós. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia PUC-SP-Educ. ano 1. nº 1. 1998.

MATURANA, H. *Da Biologia à Psicologia*. 3ª edição. Trad. Juan Acuña Llorens. Porto Alegre. Artes Médicas. 1998.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. 2ª Edição. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo. Martins Fontes. 1999.

ORLOV, M. L. V. *Uma leitura de Lya Luft*. Projeto de pesquisa subvencionada pelo Instituto FIEO de Pesquisa. S.d.

SARTRE, J. P. O existencialismo é um humanismo in *Os Pensadores*. São Paulo. Abril Cultural. 1978.

TAPIAS, L.E.R. Método em Fenomenologia. In MARTINS, J. DICHTCHEKENIAN, M.F.S.F. (Orgs). *Temas Fundamentais de Fenomenologia*. São Paulo. Moraes. 1984.

YIN, R.K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2ª Edição. Trad. Daniel Grassi. Porto Alegre. Bookman. 2001.

## **ANEXO**

## História de vida de “Maria” – entrevista realizada em 2001

*Nasci. Quando tinha 3 ano fiquei sem pai, fui criada pelos meus avô e depois quando tinha sete ano fui pra roça carpi café e carpi até os dezenove ano. Era uma vida dura, não era uma vida fácil, sofrida. Nunca tive carinho, amor nem de pai, nem de mãe que pai não tinha, nem os tios não dava amor, não dava nada. Depois quando fui crescendo, quando tava com dezoito anos comecei a namora, aí com dezenove ano casei, foi sempre um sofrimento. Aí teve pobrema com meu marido, tudo... pensei em larga ao mesmo tempo não pensei e fiquei. Aí depois teve o primeiro filho que é o José, e daí quando tinha ele com três mês quase fiquei só com ele que meu marido queria i embora. Depois foi passei dificuldade, não tinha roupa pra compra quando ele ia nasce, quando nasceu, bem dizê não tinha nem o que come. Foi uma vida bem dura, difícil. Depois foi passando o tempo aí teve o outro que é o João. Quando ele nasceu não tinha nem dinheiro pra compra a roupa e nem o que come em casa. Nós passava uma vida bem dura, não era fácil. Depois passemos uns anos meio assim, sem... dize, te nada. Depois passado quatro ano nasceu a outra minha filha que é Madalena aí nós tava pior ainda de vida. Nós tava numa situação difícil lá em Concha, aí ela nasceu, depois viemo pra São Manuel. Aí em São Manuel também foi difícil passemos muitos pobrema, depois comecei a te pobrema de vista, quase fiquei cega. Depois entrei em tratamento e consegui sarva meia vista, que foi meu tio que me levo no médico, não foi nem o meu marido, foi meu tio que me levo no doutor Vando. Aí o doutor Vando deu muito remédio e um tratamento, daí eu sarei, aí fiquei boa. Aí quando eu demorei... daí outra vez... depois já mudei pra Barra Bonita, aí fiquemo uns dois mês preso na Barra Bonita e, não tava bom, viemo embora. Também passemos um aperto lá também, daí a gente volto não tinha nada o que come outra vez. Foi tudo aquela vida memo difícil, difícil! Eu sempre trabalhando sempre lidando com horta, com roupa pra lava, fazia tudo quanto era serviço, tudo que aparecia eu fazia, lavadeira, passadeira. Depois passado uns ano, daí o filho mais veio caso, daí eu*

fiquei com mais os dois em casa. Aí passado um ano nasceu a primeira neta que é a Marta, aí eu criei ela até os seis anos. Depois passado mais uns ano nasceu a outra que é a Raquel. Daí fiquemo aqui sozinho em Botucatu e eles foram embora pra Campinas. Aí fiquemo aqui na casa, só nós dois, nós três, quatro. *Aí tive mais um filho depois de nove ano, daí deu um pobrema o filho morreu. Fiquei muito triste, chorei muito, fiquei muito triste, nossa! Fiquei numa depresson que não tinha jeito que curasse a depresson. Cai naquela depresson tão grande, mas daí foi indo, foi indo e conformei. Daí eu morava aqui no meio do mato, não tinha água, não tinha luz, não tinha esgoto, não tinha nada. Daí nasceu o último filho, daí eu tava bem ruim aqui e não tinha nem jeito do médico entra aqui porque era no meio do mato. Aí tive ele na Misericórdia, nasceu quando deu uns quinze dia ele faleceu. Daí continuemo morando na minha casa, faz tanto anos que eu moro aqui, mas sempre com dificuldade, lavando, passando, depois vendi doce, vendi pipoca, vendi coquinho, vendi amendoim, fiz doce em casa, era doceira. Depois passado isso nasceu meus dois neto gêmeo, aí criei até os dezesseis ano os dois gêmeo mais um de cinco ano. Olhei até os dezessete ano, depois a mãe deles, saiu do serviço, aposento, daí eu parei. Aí eu voltei a faze doce outra vez, a vende doce, lava roupa, sempre corrido. Agora ultimamente aposentei e tô trabalhando com a minha filha na oficina de..., como é que fala? Oficina de mecânica. Trabalho na máquina de mecânica faço,... como é que chama? A peça? Esqueci o nome da peça. É uma peça lá pra ônibus. Ultimamente tô lá. (pausa) Se eu for conta tudo leva três dia, leva um mês, um ano, dois se eu fosse faze um livro dava um livro da altura de Botucatu. Não foi fácil. Muito sofrimento, muita tristeza. Ainda depois ainda tive o meu tio aqui em casa, minha mãe doente. Fiquei doze ano com a minha mãe e dezesseis ano com meu tio aqui em casa. Depois ninguém me ajudo, sempre com dificuldade, mas ninguém, nunca precisei de ninguém, graças a Deus! O que o meu marido ganhava eu olhei meu tio e meus três neto e criei tudo na maior... com a maior alegria, porque apesar de ser pobre e não te nada, mas eu era alegre, não tinha*

*tristeza, pra mim tudo tava bom. (pausa) Aí foi passando os ano, passando, passando, com bastante sofrimento, até que cheguei até os 50 ano de casado. Dia 19 de maio fez 50 anos de casado. Tive uma festinha, que os meus filho fizeram uma festa. Fiquei muito contente, muito alegre com meus neto, com minhas neta, com toda a família. Tinha bastante gente, conhecido, amigo, amigos muito bão. Nunca tive inimigo, nunca tive raiva de ninguém, nunca fiquei de mal com ninguém. Sempre onde eu moro os vizinho me adoram, sempre fui bem notada pelos vizinho, bem amada pelos parente, que todos os parente me querem muito bem. Nunca tive uma tristeza que o parente virasse a cara, sempre me dei bem com os vizinho e com os parente. Tem vizinho que eu adoro até hoje ainda sinto ta longe deles, porque já se mudaram, mas sempre alegre com meus vizinhos, com todos, com meus parente, com todos. Tive muita tristeza que eu perdi a minha mãe com 50 ano, perdi mais, depois perdi minha mãe, depois perdi meu pai já com 3 anos, depois perdi meu tio, depois... de morte não aconteceu mais nada. Mas de alegria pouca, tristeza bastante. Nunca fui uma mulher alegre, nunca fui numa praia, nunca fui em lugar nenhum, nunca me diverti em nada. A única diversão minha era trabalha, trabalha, trabalha, de dia, de noite, trabalhava até de madrugada. O marido não era muito bom, bebia um pouco, mas nunca apanhei. Ele não era bom, mas apanha nunca apanhei, graças a Deus! Meus filhos também são muito bão, minhas noras são mais ou menos (risos)... tenho um genro que é um pinguço (risos). É não é fácil... Morei no meio do mato, não tinha nem vizinho, nada. Quando eu tive o Pedro estava sozinha aqui, eu e Deus. O médico veio aqui não tinha nem por onde ele entra porque não tinha caminho, não tinha estrada, não tinha água, não tinha luz, não tinha esgoto, não tinha nada. Fiz três cômodos, dos três cômodos mudei e fiquei tempo só sem reboca, sem piso, sem nada. E assim criei os três filhos, com muito sacrifício, dei estudo pra eles, os três estudaram, são bem estudados. Um tem escritório de contabilidade, outro é professor do Senai, dá aula de mecânica e a filha é aposentada da... Staroup e, agora ela tem uma oficina*

*e eu trabalho com ela e meu neto. Acho que já ta bão, né? Meu neto é muito bom, mas já o genro é um lixo, Deus que me perdoe, creia em Deus pai. É, mas graças a Deu... Fiquei bem triste, assim de magoada, tinha dia que chorava, chorei muito na vida, tinha vez que chorava o dia inteiro. Era perigoso encharca, porque encharcava de lágrima, tá, eu passei bastante coisa, chi..nossa! Dá um romance! Não é fácil não, minha vida foi dura... Espero que a minha filha e meus filho não passe o que eu passei, porque eu passo por muita dificuldade na vida. E olhe que com sessenta ano, com setenta ano ainda tô trabalhando, ganhando um salarinho. Aposentei, mas ganho um salário por fora, ajudo ela pra ajuda os neto, né? Mais que eu fico lá é por causa dos neto, né? Se não fosse os neto eu não ficava, mas como ela que estuda o Paulo, Mateus e o Marco, então eu fico lá pra vê se a gente consegue dá um estudo pros meninos. Dá uma vida melhor, não sofre o que a gente sofreu, né? Não passa o que a gente passo e estuda eles pra vê o que vai dá mais pra frente. São uns moço muito bão, são bão, são bem educado. Tenho oito neto maravilhosos, tenho cinco neta e três neto, oito. (pausa) Foi tantas casa que não tem nem quantia de conta quantas casa eu morei. Carpi café, apanhei café, tritura pra estora esterco, estorei esterco, plantei feijon, colhi feijon, colhi mio, colhemo de tudo, o que tinha no sítio a gente colheu tudo. Não foi fácil o que passamo. Ainda fui junto com meus tio, era família italiana, era família meia áspera, meia ruim. Nós não podia conversa, nós não podia fica na sala quando tinha visita, nós tinha que sai da sala, se esconde no quintal, ai se nós ficasse na sala! Deus o livre! Quando foi namora então, Deus o livre! Queriam mata nós, não queriam deixa nós casasse de jeito nenhum. Eram triste, viu? Não era fácil, a família foi bem áspera. Agora o que eu mais senti foi quando fiquei sem pai, quando fui crescendo que vi que não tinha pai, que não tinha, então eu imaginava que se eu tivesse pai eu podia te ido na escola podia, podia sabe lê e escreve. Como não fui na escola não sei lê não sei escreve. Lê ainda sei porque eu aprendi por si mesmo, mas nunca ninguém me ensino lê e escreve. Ah, serviço, qualquer serviço eu fiz, tudo que existe eu fiz. O único*

que eu não tinha feito ainda era mecânica, agora eu to fazendo mecânica (risos)... Foi muita mudança, muito vai pra outra cidade, vai para outra, uma dá certo a outra não dá certo. Só não passei fome, mas passemos a polenta acho que um ano e batatinha (risos). Carne a gente comprava só lá de vez em quando, não tinha quase dinheiro pra compra carne. Na casa dos meu tio tinha bastante, bastante criação, mas eles eram muito ruim eles matava um frango pra quinze pessoa! E comida lá era arroz e feijon no almoço e polenta com leite na janta, depois era aquela xicrinha de café, a gente ia pra roça só com aquilo, não tomava mais nada. Ai chegava nove meia e dez hora o almoço, depois na janta era polenta com leite. E fechava as coisas não deixava a gente pega, punha tudo na chave. Se quisesse come um pedaço de pão fora de hora não tinha. O que nós matava a fome quando nós carpia café era com fruta, que tinha no sítio fruta, aí a gente comia banana, chupava laranja, comia abacate... a única coisa que a gente tinha pra come, o resto... E quando eu casei que daí a minha mãe falo que se não desse certo o casamento não era pra vorta em casa, que lá não era pra i e meu tio falo a mesma coisa. Dizê que eu passei uns pobremão, podia te alguma coisa, porque não tinha onde i, então eu tinha que vorta, fica em casa mesmo. Às vez tinha pobrema eu não tinha pra quem conta, porque ninguém aceitava os pobrema, não aceitava nada, meus tio, cha! Não ensinaram nada, nós tinha um criado mais o menos, assim como diz, não burro, mas que nem fosse, porque nós nunca tivemos nada, nunca ensinaram nada, casemo assim, sem sabe o que era um casamento, sabe o que era uma vida de casado, não sabia cozinha que minha mãe não me ensino, aprendi a cozinha depois que me casei. Não sabia faze um arroz, um feijon, nada, porque nós só ia na roça, na roça, na roça e não tinha tempo de aprende nada porque não tinha, porque a gente não via nem a mãe faze comida porque a minha mãe fazia comida e levava na roça pra nós come e lá nós comia com a mão suja, do jeito que tivesse, lá não tinha lugar pra lava as mãos, nada. Se vê, agora tem tanta higiene... Se vê, as mães cria os filhos é maçã, pêra.. eu nunca dei uma maçã pro meu filho,

*nunca dei uma pêra. Papinha eu cozinhava a batatinha no feijon misturava chuchu, amassava e dava com o cardinho do feijon. Não tinha dinheiro pra compra o leite, que pouco tinha leite em casa. Que mais nunca farto era o pão, que meu marido era padero e tinha pão, né? Mas se não tivesse o pão, também não tinha o que come. Ropa então eu comprava saco, alvejava o saco, quando eles começaram a i na escola e ia na escola com ropa de saco... camisa de saco, short de saco e fazia uma bolsa de saco com colarzinho e pendurava os caderno dentro. Eles iam sozinho na escola, porque a gente não tinha carro, não tinha nada aquele tempo (entrou uma pessoa na sala e ela fez uma pequena pausa)... Não foi fácil. Tive bastante pobrema assim, no hospital, operei já duas vez, um foi meio medroso, outro foi menos. Um faz vinte ano, outro faz, vai faze seis ano agora dia sete de setembro, dia do meu aniversário. É no meu aniversário tava no hospital, quase que a neta fica no hospital também, falei ih meu Deus do céu será que ela vai passa o aniversário no hospital (ela fez referência a internação da neta, no período em que foi realizada a entrevista) Conta como é que foi no hospital. No hospital a primeira vez fiz uma cirurgia, tirei um mioma e um cisto. Depois na segunda vez, fui no médico e deu uma suspeita de uma célula cancerosa, mas não era certeza, né? Como o dr. Zé acho que daqui uns ano eu podia piora, então quis tira antes, ovário, o útero, tudo, limpo, aí agora to boa, já faz seis ano, não senti mais nada graças a Deus! Nunca mais fui nem no médico porque to boa. Só tem um pobrema porque eu tomo calmante porque num aborto que eu tive me deram o remédio errado e eu fiquei com pobrema. Daí fiquei com pobrema de presson e de depresson e até agora não posso para de toma o remédio por causa que tem que toma sempre. Mas de saúde to boa, trabalho, não sinto nada, faço todo o serviço da casa, trabalho fora. Dei uma arrumada na minha casa agora que a minha casa tava péssima, tava muito ruim, tava quase caindo, aí demo uma arrumada, e agora ta com a casa tudo em ordem, graças a Deus, do jeito que eu queria. Acabei de compra um jogo de quarto.(pausa)*

O que é aprender para senhora? Aprende? (pausa) aprende... negócio de livro? Aprender. É. Quanto mais a gente veve, mais a gente aprende, né? Que nem quando eu nasci não sabia nada, depois fui sofrendo tudo, tudo sofrimento foi aprendizado e agora a gente vê os outro sofrendo, e fala “eu já passei tudo isso”. E agora a minha filha ta passando muitas coisa pior do que eu passei, mas ela ta parecendo pior. Eu acho que aprende é isso, quanto mais a gente veve mais a gente aprende, muitas coisa na vida. Que quando eu casei não sabia nada, daí depois que eu fui aprendendo. Aí tem filho, não sabia como é que tinha filho. Não sabia que a gente casava e ia te nada, pensava que era só casa e mora junto com o marido, minha mãe não ensino nada. Quando eu menstruei eu não sabia o que que era, eu quase morri de susto. Quando eu fiquei grávida eu não sabia o que era gravidez, que parava a menstruação na gravidez, também não sabia. Quando eu fiquei grávida não fui nunca no médico porque eu não sabia que precisava... pra i no médico quando ficasse grávida, nunca fui. Daí eu passei a gravidez inteira meia ruim e quando fui te o filho sofri vinte e quatro hora, e não nascia e a partera aquele tempo era teimosa, fazia tudo pra te o filho em casa e quando eu fui pro hospital então meu filho já tava coroado eu já tava, daí não dava nem pra senta no carro, fui de pé. Daí quando cheguei no hospital o médico teve que abri e puxa a ferro porque não nascia. (pausa) ... Tive muita hemorragia, nossa senhora! Mas depois do João foi bem, foi parto normal, do José fiz também normal mas foi tirado a força, agora o João não. Tive ele bem, não tive hemorragia, nada, mas quando cheguei em casa, que tava lá na casa da minha tia porque ia fica um tempo no hospital, enfim eu fiquei na casa da minha tia memo. Quando eu cheguei em casa tinha só uma galinha que o vizinho tinha dado. Quando eu fui pega a galinha pra mata, tinha morrido a galinha. Aí, eu não tinha o que come, fiz uma sopinha de batatinha. Nem leite pra dá pros menino eu tinha, que tinha o mais velho que era o José e não tinha o que come. Era uma tristeza! Eu tava tão mal que os vizinho chegavam perguntavam se eu tava com tuberculose de tanto magra que eu tava. Agora tive três aborto no Hospital

*Misericórdia, bem grave. Quando nasceu a última filha, a penúltima também foi grave, fiquei morta quase três dias, depois vortei não tinha médico em Concha. Aí o farmacêutico e o médico sofreu pra me sarva porque não tinha o que parasse a hemorragia de jeito nenhum. Aí fiquei com hemorragia, depois vortei, eu sei que só de hemorragia eu fiquei, acho que umas quatro vez internada. E passo tudo... Pois é, quando o João tinha dois ano eu tava grávida de seis mês aí perdi outro filho, daí deu mais hemorragia de novo, eu fiquei internada quatro dia no hospital... eu passei tudo o que não era pra passa. Fiquei em Concha com uma roupa que tinha... lá era sítio, morava lá e puseram apelido ne mim da mulher de bola, porque não tinha outro vestido pra por, era aquele memo. O dia que a vizinha lavava o meu vestido eu ficava dentro de casa. O dia que eu lavava o dela ela ficava dentro de casa, que é madrinha da Madalena agora ... Ih! O que eu tenho pra conta dá um...*

Entrevista realizada em 2007

Então a pergunta é a seguinte: como é que a senhora está, como que a senhora tá hoje, depois de todo esse tempo que a gente conversou, como é que a senhora tá? Hoje? *Ah, eu tô mais triste, mais sozinha, solitária, ninguém mais vem aqui, numa solidão. Sempre sozinha e... aconteceu muitas coisas, faleceu minha, faleceu primeiro de tudo foi o... a começou do... Joaquim (cunhado- casado com a irmã dela e irmão de seu esposo, falecido há mais de trinta anos). Aí foi ele, aquela tristeza, aquele vai e vem com o Antônio. Depois foi o Silvío, uma outra tristeza grande com pouca diferença com o Joaquim... Ah passei tanta coisa, fica triste só de conta, só sofre.. o José é fechadão, a Amélia mais ainda. É desabusado que não vai nem a pau, vou te falar. O José só aprontou. Pois é, quando ia trabalhar lá na... no bosque, quando trabalhava lá, fazia bijuteria, vendia doce, o dinheiro ia nas festas. Daí o José fez ele vende o carrinho na marra, quis*

bate no pai, ia lá quebrava o pau, quebrava os carrinho. Aí o, mas ele enganou, aí ele pegou, vendeu e depois emprestou o dinheiro do Amaro. Não pagava o juro tudo e já faz... já faz tantos anos, daí ele não pagou nada, nem bem o juro, nem bem o dinheiro. Hoje, agora quando o Amaro faleceu já tava em cento e sessenta mil. Até agora não devolveu nada, não tocou mais no assunto, só que ele vem todo... Depois que o Amaro faleceu ele me pergunta quem é que deixou dinheiro no nome dele. Daí como a Madalena tinha mais... mais os menino, aí eu vou deixar no nome da Madalena. Cada vez que ele vem aqui me tenta, quer que ponha no nome dele, solta na mão dele. Aí outro dia ele veio e falou o que eu to fazendo com o dinheiro. Falei José: *eu vou no médico e pago consulta, compro remédio, eu compro aquelas coisas que posso come e precisa come eu compro, o resto... o resto a Madalena... a compra quem faz sou eu pra casa e o neto moro comigo desde que o vô faleceu até o ano passado. Daí agora .....mais por causa da falta dele aqui em casa de dia de noite. E agora fiquei mais isolada do mundo. Eles querem que a Antônia venha mora aqui comigo, mas eu com a Antônia desde criança nós nunca se demo, nunca fomo amiga. Ela não gostava, era chata, ela só sabe se intromete em tudo, então nunca tive muita amizade com ela. Até esses dia ela veio aí ficou uns dois dias, depois chegou aqui brava porque a Rita tinha brigado com ela, que ela tinha ido já na Miriam fala com a Miriam. Olha Antônia, se for pra você vim aqui, já ando nervosa, ainda observando mais briga, então você fica na sua casa que eu fico na minha. Não quero mais isso aqui, eu já falei, mas nós quase não se conversa, desde criança é assim. Me dava mais bem só com a Marleide e com Aparecido meu irmão. Fala um pouquinho... é... o seu esposo morreu. Fala como foi esse processo. Como é que foi a morte, o que a senhora pensa da morte. A morte? Acho que a morte é uma coisa que é duro pra gente, mas a gente acha... pelo que ele já veio e falo (ela acredita em vida após a morte – espiritismo). A morte não é uma coisa muito triste. É triste que a pessoa vai embora, mas ele lá ele ta melhor do que aqui. Ele já deu entrevista três, quatro vezes. Agora quando o José ta desse jeito ... ele falo lá no Centro lá no meio de todo mundo, ainda lá na mesa. Ele falo olha: você pense que ce ta fazendo pra essa pessoa. Essa pessoa, se não fosse essa mulher você não taria*

no mundo. Então porque você faz isso pra ela se ela te pôs no mundo? Tem que lembrar sempre que se você ta aqui na Terra você ta porque essa mulher te pôs, foi sua mãe que te pôs no mundo e você ta fazendo isso com sua mãe. Sua mãe não merece, isso com sua mãe. Mas ele ta cansado de chama atenção mas não dianta nada. *Pouco caso continua, a amargura continua, as menina também não entram mais aqui, primeiro vinham elas com namorado tudo. Vinham sábado, se chegavam sexta vinha aqui, já paravam o carro entravam aqui. A Karolina com namorado, a Raquel com namorado. O namorado da Raquel me beijava, me abraçava agora ele não entrou mais aqui desde que o Amaro faleceu. Só de vez em quando a Raquel vem mas dois minutos aí já vão embora. Eu fiquei que nem uma pessoa isolada do mundo pela parte do José. E agora pela parte da Madalena a única coisa que eu não gosto é do marido dela. O marido dela foi muito sem-vergonha comigo, muito sem-vergonha. Precisei comprar até uma bina, fui na polícia e tudo. Ele nunca fez nada porque eu sou uma mulher muito enérgica. Se eu falar eu não vou casar mais, eu não vou mais querer home, porque eu não vou mais quere mesmo. Não vou, não sou falsa. Já teve gente que falou que eu to muito bonita, que ando muito bem arrumada, que onde se viu fica sozinha que devia arruma home que home tem muito por aí que quer arruma mulher, mas eu não quero. Não quero porque eu não me sinto bem traze outro home no lugar do meu marido. Eu não tenho, eu tenho ciúme da onde ele dormia, sou franca a falar, não goste que ninguém deite no lado que ele dormia porque eu acho que o lugar era dele e vai ser dele até eu morrer. Que o Mateus dorme comigo, mas o Mateus é neto dele. Porque o Mateus ele ficou muitos tempo aqui comigo, bastante ano. Ele não dorme por aqui ele dorme lá comigo, porque ele gosta de dormi comigo, então ele dorme comigo. Mas ele é meu neto, né? Ele me respeita, eu respeito ele. E o vô sabe que ele dorme comigo que ele já falo que eu to bem acompanhada com o neto. Que até dormi comigo ele dorme, que não tem ciúme dele ta dormindo comigo, nem um pouco. E sonho com ele. Esses tempo ando sonhando muito não sei por quê. Porque o Mateus se afastou daqui e a saudade começou a aumentar mais do Mateus e ele entrou no meio da saudade, né? Porque no lugar dele tava o Mateus. Então pra mim o Mateus era uma*

*companhia, não que fosse ele. Agora que ando sonhando, parece que eu ta na cama junto comigo e tudo. Agora do resto, me dou bem com todo mundo... A gente tava ... depois ficou muito sentida do que aconteceu com a Roberta que adorava ela, adoro até hoje. Que eu não levanto e não deito, não deito e não levanto sem reza pra ela. Eu rezo pro Amaro e peço já em seguida pra ela e pra todos aqueles que precisa. Que a gente tem que reza pra todo mundo, né? Mas dela e do Amaro não passo um dia sem deita e reza pros dois e pedi que ela teje bem. Eu na reza falo que to com saudade dele, que to numa saudade que eu acho uma falta dele que eu queria tanto que tivesse junto comigo, mas ele não ta, mas assim mesmo eu não esqueço dele, nem um pouco. E quando a senhora pensa assim, to falando da morte, né? A senhora pensa assim, na morte... na morte? É. Que perspectiva a senhora tem? Óia, é duro, eu acho que a morte não é uma coisa tão... tão difícil, né? Porque a morte é natural. A gente morre mesmo, não tem jeito um dia a gente vai. Mas pra mim a morte dele foi um sus... uma coisa tão forte porque ele tava aqui conversando o João vinha sempre, às vez vinha, sentava sempre ali o João e ele ali e eu aqui ou às vez ele aqui e eu ali, ele sempre sentava ali, dali desse canto não saía. E ele tava aqui conversando tudo numa boa e João começou a fala que ia embora. Ele falava pro João: ah não, toma uma pinga, você não tomo nem pinga hoje, toma uma pinga, porque você não toma uma pinga hoje. Pai, hoje eu não to com vontade. Ai, a coisa que foi mais dura é isso, que nunca ele pedia, ele não gostava que o João bebia, aquele dia ele tava implorando pro João bebe. João, pai eu não to com vontade de bebe hoje, mas por que, todo dia ce bebe? Daí depois ele viro, mas nem uma cerveja você não vai toma? João falo pai eu não to com vontade. Aí ele pegou e fico quieto. Aí depois o João falo que ia embora, ele falo a João não vai embora é cedo ainda pro ce ir embora. Nossa você vai embora sempre as dez horas, agora é nove hora. O João falo pai mas to cansado. Aí o João levantou. Mas ce vai mesmo? O João falo vou. Ai ele levantou de pé, entrou no quarto e falo: óia, já que o João vai embora eu vou toma banho. Aí ele pego a roupa foi lá toma banho, aí ele passou na cozinha, tomo... tomo... comeu café com bolo, com leite, de fubá. Aí ele chego aqui na sala e... daí tocou o telefone. Aí ele falo pra mim: atende o*

telefone, aí eu fui atende o telefone e a pessoa falava sou eu, falei mas se você não fala o nome que o ce é não vou sabe nunca quem o ce é. Aí ele do quarto deu ma tossinha. Aí eu corri lá ele tava deitado de travessado. Aí falei pra ele, mas Amaro ce vai deita de atravessado? Ele não respondeu. Aí peguei, endireitei ele, mas não pensando nada na morte. Endireitei o pé dele, tudo, tirei o sapato e vim aqui. Aí acabei de atende o telefone e a pessoa falo pra mim na quarta vez, ela falo: óia, eu não vou fala o nome, mas já oce vai se lembra de mim. Aí quando entrei no quarto, quando entrei no quarto ele tava meio de lado, aí peguei, endireitei a cabeça dele e chamei Antônio, Antônio ele fez (deu um suspiro) fechou o olho e não falou mais nada. Aí comecei gri... já de grito, já comecei a grita mais, grita mais, grita e chorava e gritava, abri tudo a casa. Um vizinho não escuto eu grita, ce que sabe? Era nove e quinze da noite. João saiu daqui nove hora, nesses quinze minuto ele tomo banho, comeu bolo e deito. Nove e quinze da noite ele, eu fui e chamei ele, ele deu o último suspiro. Aí chegou o corpo de... aí chamei o Mauro tirou a roupa dele, tirou a meia, ranco toda a roupa da cama e começou a faze massagem. Aí chegou o corpo de bombeiro, já em seguida que chegou o corpo de bombeiro. Aí chegou uns mocinho, aí o moço pegou eu la no quarto e levou eu la. Falei não, não vou fica lá, quero fica lá. Não ele falo, a senhora vai fica aqui, a hora que ele melhora eu venho busca a senhora aqui e levo a senhora la junto donde ele ta. Aí quando o moço pego e foi busca, ele já tinha descido a escada. O corpo de bombeiro já tinha descido com ele na escada. Aí não vi mais nada. Aí depois passo uma noite aqui que ele tava lá, ia chega só as oito hora da manhã, porque ele tinha doado os órgão. Os órgão que tiraram eu não sei. Ele tinha um olho muito bonito, ele enxergava muito bem, eu acredito que o olho eles tiraram, agora o coração não, mas o resto ba..., acho que o fígado, acho que tiraram porque ele tinha muita saúde, comia bem, nada fazia mal. O único problema dele era o coração. *Doeu mais a perda dele do que a senhora pensa na sua própria morte? Doe.* *Eu nem penso, não tenho medo de morre. Depois que ele morreu eu não tenho medo de morre mais, primeiro tinha agora não tenho medo de morre mais. Não tenho mais medo de morre porque de lá já falaram, volto, falo. Que dizer que a gente sabe que a morte não acaba, a gente não*

*acaba, a gente não acaba, a gente morre, mas o espírito da gente continua vivendo. Não acaba, acabei chegando a conclusão e ... cheguei ... chegando a conclusão que todos dia ia leva, todos dia de finado ia leva flor lá pra ele, tudo. Depois, cheguei a uma conclusão, depois que ele falo isso. Pra que que eu vo lá no cemitério leva flor pra ele se ele não ta mais lá? Lá ta só os osso. Nunca mais fui no cemitério. Ele não gostava de flor, eu já não gosto de flor, eu gosto de verde, mas pode vê que não tem uma flor aí na frente. Só gosto de verde, flor não. Aí ele não gostava também de flor, então cheguei numa conclusão: pra que que vo amola ele, manda aquele maço de flor lá se ele nem lá ta? Só fiquei com pena do lugar que ele foi enterrado, e aquele buraco com a pessoa dentro, põe um peso em cima, aquela "big" laje em cima. Aí pra mim foi o fim do mundo. Ai como eu... eu... eu não queria deixa enterra. Do meu irmão fiz a mesma coisa. Fiz um escândalo pra enterra meu irmão que cê nem imagina. E é duro, é duro vê enterra. Depois que enterra aí vai indo, vai indo e se conforma. Que nem quando o Mário faleceu, eu não vi ele depois de morto, então eu fiquei com aquilo. Daí fiquei com aquilo, daí a madrinha dele, aí a madrinha dele mando a ropa dele porque ele fico doente, interno e eu não vi mais ele. Então, daí passado uns quinze, vinte dia, eu não podia levanta, tava com hemorragia. Aí ela trouxe a cruz, tudo aqui pra enterra, fez tudo e eu não vi ele. Ela que compro a ropinha, tudo, ela veio aqui fala comigo. Eu tava num desespero danado, aí ela falo: olha Maria, não chore, não fique triste, reze por ele que ta melhor do que nós, tenho certeza que ele ta melhor do que nós. Mas eu até hoje tenho aquela impresson que o Mário não faleceu, porque tinha muita gente lá no hospital que pedia ele pra mim, e os médico, tudo vinha lá porque ele era um menino lindo, tinha visto ele antes de nasce, com um santo na ..., aí ele falava pro Amaro, pro José e pro João, olha João que santo mais lindo, no sonho. Ele falava mãe eu não to vendo o santo, a senhora ta vendo, mas eu não to vendo nem o santo, nem o neném. E ele era lindo, maravilhoso ... com aquele coiso. Aí no outro dia achei engraçado, mas vão fala, isso não é nada. Daí comecei a sonha que eu caía dentro de um buraco, mas nunca chegava a cai, ia desbarrancava, era o que segurava o corpo. Aí a minha sogra deu aveia aí ele começo a vomita, dá aquela ânsia e sorta aquele coisa amarela da aveia, aí ele foi*

no médico e o médico interno. Aí ele fico internado, aí eu não podia levanta pra i vê mais ele porque tinha hemorragia. Aí o Amaro ia vê ele e falava que ele tava bom. Daí num domingo eles foram busca ele que tinha arta, aí chegaram lá pra busca ele ... o Amaro disse que falo pra irmã: a senhora não ficaria mais uns dia com ele que a minha mulher ta muito fraca. A irmã falo pode deixa quanto o ce quise, nós fica com ele. Aí fico. Aí quando foi na terça-feira o Amaro passo lá pra vê, ele tinha morrido. Mas pra mim eles puseram outro no lugar, vai vê que tava ruim, morreu e levaram o menino embora. E ... a.... Marilda um dia lá em Sorocaba ela viu um moço diz que era edentico ainda foram cumprimenta ele, que era o João. Então esse João eu represento que era o Mário. Ele era muito bo... O Mário morreu com quantos anos? Quinze dia. Nossa ele tinha só quinze dias? Daí o dia que eu fui leva flor lá que a madrinha trouxe eu fiquei fora de si e eu comecei chora e cavoca e grita e cavoca. Aí o Amaro tirava eu de cima, eu vortava. Aí tiveram que chama os covero pra tira eu de lá de dentro. Porque eu não conseguia sai de lá porque pra mim ele tava vivo lá dentro. Eles tinham enterrado ele vivo. Como eu não vi ele, então pra mim ele tinham enterrado ele vivo. Aí que eu fiquei ruim, fiquei com depresson, aquela choradeira, nada me consolava, vivia só chorando, chorando, chorando. Então sua relação com a morte não é uma relação ... não a morte não ... (tocou a campainha e ela foi atender). Agora depois ... do ... Amaro foi o Carlos meu cunhado, também foi um choque grande, né? Depois ainda acontece mais outro mais grande ainda, que dexo bem chocada, né? Até hoje eu não esqueço, parece que eu vejo a Roberta perfeitamente. Eu tenho a fotografia dela aí, mas não preciso nem olha na fotografia que eu vejo ela a mesma coisa. É triste, não? Foi mais triste porque ela perdeu ... o Mário era pequeno, mas sei quanto meses sofri e continua sofrendo ainda. Apesar que ela se conforma, ela é conformada, ela não é muito... nunca vi ela chora. Eu sempre converso com ela, vo lá, fico lá com ela, tudo, mas nunca vi ela chora. O Jairo também não. Ele ando plantando flor, que nem eu ele gosta de verde, né? Mas eu acho que ele se consolo na... mas tudo nos primeiro dia, depois chegaram ... acho que chegaram na conclusão que nem eu, depois que ela veio, falo, ele não ta levando mais. Todo domingo ele ia leva flor, leva flor, agora já não ta mais daquele

jeito. Agora eles pararam, pararam de levar flor, de leva vaso. Eu chego a conclusão que é bobagem mesmo. Que nem minha mãe, minha mãe eu não levo mais, levava pra minha mãe, levava pro tio Pedro, levava... pro Joaquim, levava pro Mário, levava pro Seu Nino que é vizinho aqui. Pra cada um levava flor, depois larguei, falei: ah, não vo leva mais, a pessoa não ta ai mais, se o *Amaro já veio dá entrevis... fala*, ela já veio fala porque que a gente... *minha mãe não chego a fala, mas eu via sempre ela, sempre tava com ela na cabeça. Só que a minha mãe acho que é um pouco mais, não sei acho que ela era um pouco mais atrasada pela morte. Agora o tio Pedro não. Tio Pedro depois que ele, fazia uns quinze dia que ele tinha falecido, ele tinha deixado um dinheiro, tinha um dinheiro ali sabe? Tudo esparramado, aí a gente acho, peguei pus nu banco, depois o Amaro falo: ah, já que ta aí vamo faze uma reforma na casa, que tava .. que minha mãe tinha hemorragia, né? Aí foi quando trocamos os piso da casa e um dia ele veio e falo pra mim, mas chamo eu mesmo, ele falo Maria, eu o que? Ele falo mais no fundo, mais no fundo tem muito mais dinheiro que oces deixaram, ta mais no fundo. Nós falemo, a gente olho tudo, não achamo. Mas oces deixaram muito no fundo, agora esse fundo até hoje não entendi, porque o guarda-ropa já tinha ido, não tinha mais nada dentro, a ropa tinha ido tudo pro asilo, porque a gente usa manda tudo pro asilo. Da minha mãe mandei tudo, enchemo uma Brasília da minha mãe e uma Brasília do Amaro, do tio Pedro. E do Amaro já não, do Amaro já a Madalena levo lá pro Jerônimo, coisa que eu nunca gostei, eu não gosto, o Amaro também não gosto porque ele não... nós também... nós nunca se demo com Jerônimo, nem eu nem o Amaro. Ele é muito sem-vergonha. Só que o Amaro discutiu só uma vez com ele, daí quase teve briga, quase teve acho que um mata o outro, não acabo em nada. Daí não conversamos mais com ele, eu não olho na cara dele, se telefona aqui, ele pergunta da Madalena: a Madalena ta aí? Eu falo não, só a única palavra que eu falo, não, mas não converso com ele. *Em relação assim, a vida, a senhora tem algum projeto de vida, assim agora? Projeto como? Projeto de vida, alguma perspectiva, alguma coisa que a senhora deseje fazer? Não. Na casa não, porque a casa ta boa, né? Quando, outro dia mandei pinta, comprei as tinta os menino vinham aqui pintaram. Agora a casa vende eu não vendo. Pra sua vida.**

Pra minha vida aqui dentro? *Pra sua vida. Ah, o projeto que eu tenho é... é fazer coisa pra Madalena, olha os netos. Por móvel novo, quando me dá na cabeça, vou lá, troco, do pra Madalena, compro outro, porque não quero deixar, não quero deixar dinheiro pro José pelo tudo que ele fez pro Amaro, não quero deixar dinheiro e se um dia sobra dinheiro eu já falei pra Madalena: se você não quer que você da pro menino. E os menino fazem o que eles que com o dinheiro, agora pro José não quero deixar dinheiro, agora os cento e pouco que ele deve, não tem jeito. E outra coisa que eu queria, eu não vendo a casa de tanto sacrifício que o Amaro fez, porque o Amaro se sacrificou muito. Quando fez a casa, o ce não tinha coragem de vê ele fazendo uma casa porque ele não conseguia erguer um tijolo. Aí tinha que dá tudo na mão, fazer o reboque, pinta o reboque porque ele não conseguia erguer um tijolo. Coitado, tinha saído há pouco tempo do hospital que tinha tido aquele aneurisma e o aneurisma deixa a pessoa muito acabada, né? Então a gente tinha dó que ele fizesse a casa, mas ele fez. De modo que eu a casa nunca venderia, e nunca sairia, até que eu to viva, não saio da casa. Já falei pro João: vê se ces quando eu morre, ces não vende a casa, sempre deixa pra um... um dos netos, um que precise mais do que o outro, mas não vende. A casa quando ela cai, cai sozinha, falei deixar ela, mas não cai. Tenho certeza que essa casa vai dura a vida inteira, porque ele fez com muito amor. Ele sempre falava eu não quero morrer sem ter uma casa pro ces mora, porque eu não quero que ces fique na rua sem casa. Sempre ele falava, até que ele conseguiu fazer a casa. Foi um sacrifício, né? Quase não comia nada, não comia carne, nós não comprava pão, nós só comia... tudo que era.... passamos dois anos comendo polenta com batatinha, só. Fazia molho de batatinha e a gente comia com polenta. E desse jeito fizemos a casa. Por isso que eu falo essa casa é uma casa que devem estimarem muito pelo que ele fez a casa, pelo que ele sofreu pra fazer a casa. Ele sempre falava que ele ia morrer sossegado que ele tinha deixado nós dentro de uma casa e se ele morresse nunca ia preocupar da onde nós ia mora. Sempre ele falava, até que ele fez a casa. De modo que a casa é uma coisa que a gente deve estimar muito até que a gente tiver vivo. Sempre... um dia uma casa cai, ou algum cômodo desmancha, mas o meu eu peço pra eles não vender e dá pra um neto, pode dá pra qualquer*

*um, não precisa escolhe o neto, o neto que precisa mais. Ele também falava, olha, o dia que eu morre, se oce morre e fica os filho, os neto, fala...sempre deixa falado que se eles tive o mais pobre, que não tem nada, que deixa a casa pra eles. Eu acho uma boa, não é? Eu sempre conservo, eu qualquer coisa que quebra eu já chamo o home. Outro dia estoro o cano do lado de lá, aí falei pro José, o José falo vire-se, desse jeito. Em vez de fala, não mãe deixa que eu mando arruma, né? Ele olho, vire-se. Falei, mas o cano ta estorado do seu lado. Falo, eu não tenho nada com isso. Peguei, chamei o moço e, o moço arrumo. Agora outro dia tava... tava estragada a lâmpada lá fora, o João arrumo. Outro dia ele... não sei que tava quebrado também ele vem ele arruma, o João arruma. A, domingo passado, semana passada queimo a luz da cozinha e a Madalena arrumo, mas não parava acesa, ele veio arrumo a luz, o João ele cuida da casa, ele não deixa de arruma, quando... agora ele diz que vai, eles vão reforma, faze um andaime encima da oficina e eles vão tira aquelas teia e vão por outra. Então aquelas teia ele vai aproveita, vai arruma tudo lá trás que as teia tão tudo rachando. Que diz que ele ta sempre interessado em conserva a casa, nunca falo de destruí a casa. Agora esse daqui já fala que se um dia for vende a casa ele vai fica com a casa que a casa é dele. Falei não senhor, não vo vende, enquanto tive viva você não vai compra casa minha porque eu não vo vende. E já avisei o João que não é pra vende. Ele falo pode deixa, mãe. E o... a dívida ta tudo com o João, ele torro, o Amaro era uma coisa, marcava tudo. Tudo o que ele tinha tava marcadinho, ta tudo com o João num caderno, o João reformo um pouco que tava meio estragando, ele reformo, ta tudo certinho, bem marcadinho, tudo. Agora enterra, a gente enterro onde ele não queria, mas ta lá, mas não tem nada dele lá, lá tem só o corpo, né? O corpo, deve te osso só, né? A única coisa que eu não queria era enterra naquele cemitério porque... o cemitério Jardim e o tio Pedro foi enterrado lá, né? Também não queria que o tio Pedro fosse enterrado lá. E minha mãe não queria se enterra da lá, mas ela teve sorte que o coração da Antônia (irmã dela) abriu um pouco e deu pra enterra ela lá (em outro cemitério) porque eu falei Antônia ela não que se enterrada lá no cemitério Jardim. Ela queria se enterrada em São Manuel, mas em São Manuel o José não quis enterra ela, porque não vai*

gasta dinheiro para leva em São Manuel. Falei José ele deixou dinheiro pra isso, nós não támo pedindo dinheiro pro ce. Nós támo pedindo pra enterra ela lá. Ele falo não, lá ela não vai. Daí a Antônia falo não, deixa que tem uma que tá vazia lá e põe ela, só que quero que deixe sempre a minha encima vazia, não quero que use a de cima, mas nunca preciso, nem que o Amaro fosse enterrado lá não precisava usa a de cima, tinha duas vazia, mas lá ela não deixou. Ele tá lá, mas também não tem nada... eu lá não vo, também não fui mais, depois que ele veio e falo, ele não pediu nada pra não deixa lá, nem nada, mas daí cheguei a conclusão que o que que tem lá? *Tem um home como nós deixemo no velório, nós fiquemo tudo desesperado. Se ce visse o Paulo, Mateus e o Marco, mas deram um trabalho. E eu via eles ficava igual. A Marta coitada, a Marta pode se o que ela seja, mas eu sei que ela gosta de nós, eu sei que ela não tem raiva de nós, a melhor neta que eu tenho, assim por parte de... ela sempre foi boa, ela correu com aquele Mateus, com aquele Marco o dia inteiro, porque o Mateus ficava ruim, o Mateus chorava e berrava, aquilo era um desespero em tudo. A família daqui de casa tudo, não parava nem um minuto de chora, não comeram o dia inteiro, o Mateus só chorava: e o meu vô, coitadinho do meu vizinho e dia inteiro um pra lá, um pra cá. E a Marta coitada, ia na farmácia, farmacêutico dava um calmante, até que ele chego e falo pra Marta: ó Marta eu vo para de dá calmante porque senão ele vai passa mal, porque calmante demais não presta. E daí a Marta falo, então tá bom, então ele fico lá, fico chorando, chorando. Quando chego no cemitério, mas aquele barulheiro, nossa! Ele desesperado de um lado, eu do outro, o Marco do outro, a Madalena do outro. O João .. o João é mais, como dize, ele nem foi vê o pai, ele fico só de longe, mas parece que não enxergo. Agora o José ele tava lá, mas não tava muito. Amélia tava só se mostrando. Velório é mais pra pode se mostra não é porque gosta da pessoa que morreu é só pra se mostra. Tudo os velório que ela vai é assim. Nós já fomo bastante, da sobrinha dela, do irmão dela. Nós fomo ela nem tá aí. Ela gosta de se mostra no velório, ih, nossa, gosta de tá lá, sentada lá olhando. Quando era o irmão dela, nossa, foi uma choradeira enorme. Também foi novo, também morreu o sobrinho dela com vinte e dois ano, mas foi o ano inteiro também. Nem que ela seja assim mas a gente tem dó da*

família, né? Sempre nós fomo, sempre nós fomo vê porque...a sobrinha dela era a coisa, a moça mais linda que existia aqui. Ela tinha um cabelo pra baixo da cintura, deixou três filho. Já... nem.... tinha uns três quatro ano... senti muito a morte dela, a morte do irmão da Amélia também era uma pessoa muito boa, também tudo de repente. *Já passemos uns bom pedaço, depois que eu casei a minha vida foi bem dura, não foi fácil. Começo logo que eu casei, aquele pobreza, depois fui... fui....porque a gente não tem pra onde ir porque quando a gente vem do sítio não sabe lê, não sabe escreve, não sabe trabaia na cidade. E falavam pra mim: ah se fosse eu largava, eu não vo larga de jeito nenhum, e eu fiquei junto, fiquei até... cinqüenta e três ano.* Se bem que nunca imaginava, tinha um home muito atrás de mim, lá onde nós morava, ele queria sabe quem era, falei não, não vo fala, ce nunca vai fica sabendo e não fico sabendo mesmo. E olha que o moço chegava lá em casa, na porta, entro, joguei ele pra fora, tudo dia, tudo dia vinha me pergunta lá, que o Amaro não prestava... *Qual o sentido da vida pra senhora? Os neto.*